



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOLOGIA

MATHEUS XIMENES BRAGA VENANCIO

**PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES DE MEMBROS DA TORCIDA UNIFORMIZADA
DO FORTALEZA**

FORTALEZA – CEARÁ
2019

MATHEUS XIMENES BRAGA VENANCIO

PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES DE MEMBROS DA TORCIDA UNIFORMIZADA
DO FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Ricardo Nogueira Maciel

FORTALEZA – CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Venancio, Matheus Ximenes Braga .

Práticas de sociabilidades de membros da torcida uniformizada do fortaleza [recurso eletrônico] / Matheus Ximenes Braga Venancio. - 2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 124 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.

Área de concentração: Sociologia..

Orientação: Prof. Dr. Wellington Ricardo Nogueira Maciel .

1. Torcida Organizada. 2. Futebol. 3. Sociabilidade. I. Título.

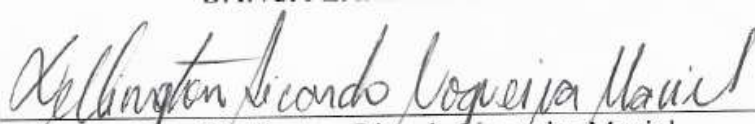
MATHEUS XIMENES BRAGA VENANCIO

PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES DE MEMBROS DA TORCIDA UNIFORMIZADA
DO FORTALEZA

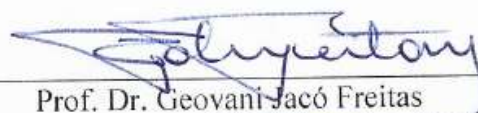
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Aprovado em: 23 de agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wellington Ricardo Nogueira Maciel
(Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Geovani Jacó Freitas
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Nilson Almino de Freitas
Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA

Aos meus pais, Marcos Venicius Braga
Venancio e Liduina Ximenes Braga
Venancio. Fonte inesgotável de carinho,
amor e compreensão.

AGRADECIMENTOS

À Deus todo poderoso e sua infinita bondade.

Aos meus pais, Marcos Venicius Braga Venancio e Liduina Ximenes Braga Venancio por todo amor, carinho e compreensão.

Aos meus irmãos, Marcos Filho, Rachel Ximenes e Lorena Ximenes, pelos bons momentos de descontração durante esse percurso acadêmico que me ajudaram a relaxar.

Aos amigos e professores do curso de Mestrado Acadêmico em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará, nossa querida UECE, pelas valiosas conversas sobre os temas de todos, ajudando a cada um da melhor forma.

À Cristina Medeiros, sempre ajudando quando precisei.

Ao prof. Orientador Wellington Ricardo Nogueira Maciel, pelas contribuições deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo auxílio financeiro.

Gostaria de agradecer também a todos os componentes da Torcida Uniformizada do Fortaleza que se dispuseram a colaborar com essa pesquisa.

RESUMO

Vários relatos envolvendo atos violentos protagonizados por Torcidas Organizadas nos estádios de futebol do Brasil foram registrados a partir da década de 1990, provocando intensa repercussão e debate na mídia, incentivando pesquisadores de diferentes áreas como na Sociologia, Antropologia, Comunicação, a direcionarem suas análises para possíveis relações entre violência no futebol e Torcidas Organizadas. Este estudo tem como objetivo analisar as práticas de sociabilidades entre membros da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), como sua hierarquia dentro da torcida, o funcionamento de sua Sede e a maneira do grupo de se portar no estádio, dessa maneira trazendo novos elementos para contribuir acerca das pesquisas. Ao imergirmos no campo da pesquisa, através das técnicas antropológicas de observação direta, interlocuções e entrevistas com torcedores - além da análise de dados secundários como registros disponibilizados por órgãos públicos responsáveis pela organização do futebol cearense e nacional, possibilitando compreender que esses grupos sociais – as Torcidas Organizadas, ao longo das últimas duas décadas, criaram novas possibilidades de interação, coesão e manutenção grupal. O estudo por fim, revela que as Torcidas Organizadas de Futebol podem ser vistas não apenas como meros espectadores do futebol, e menos ainda, como potenciais protagonistas da violência dentro e fora dos estádios; o que ofereço com esse relato, é uma perspectiva de entender o fenômeno estudado através da relação que envolve os membros da TUF e o significado que dão a suas ações, não de forma determinista, mas como um campo fértil, rico em possibilidades e aberto a outros estudos.

Palavras-chave: Torcida Organizada. Futebol. Sociabilidade.

ABSTRACT

Several reports involving violent acts carried out by fans in Brazil's football stadiums were recorded in the 1990s, provoking intense repercussion and debate in the media, encouraging researchers from different areas such as Sociology, Anthropology and Communication to direct their analysis to possible relationships between violence in football and organized fans. This study aims to analyze the sociability practices among members of the Fortaleza Uniform Torpedo (TUF), such as its hierarchy within the crowd, the functioning of its headquarters and the group's way of behaving in the stadium, thus bringing new elements to contribute to the research. As we immerse ourselves in the field of research, through anthropological techniques of direct observation, interlocutions and interviews with supporters - in addition to the analysis of secondary data as records made available by public organs responsible for the organization of football in Brazil and in Brazil, making it possible to understand that these social groups - Over the past two decades Organized Twists have created new possibilities for interaction, cohesion and group maintenance. Finally, the study reveals that Organized Football fans can be seen not only as spectators of soccer, and even less, as potential protagonists of urban violence; what I offer with this report is a perspective to understand the phenomenon studied through the relationship that involves the members of TUF and the meaning they give to their actions, not in a deterministic way, but as a fertile field, rich in possibilities and open to other studies.

Keywords: Organized cheer. Soccer. Sociability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Membros assistindo ao jogo entre Atlético-Go x Fortaleza pela série B de 2018. 03/11/2018.....	31
Figura 2 -	Policiais Militares na parte externa do estádio.....	42
Figura 3 -	A representação dos emblemas das torcidas organizadas.....	43
Figura 4 -	Bandeirões sendo levantados no jogo Fortaleza x Paysandu série B em 20/10/2018.....	45
Figura 5 -	Divisão espacial da chegada dos torcedores ao estádio.	48
Figura 6 -	Divisão no estacionamento do estádio de ambas as torcidas.....	53
Figura 7 -	Torcedores organizados e comuns erguem balões distribuídos pela TUF. 08/04/2018.....	54
Figura 8 -	Novos associados assistindo palestra. 25/11/2017.....	64
Figura 9 -	Alimentos e brinquedos arrecadados. 12/10/2018.....	66
Figura 10-	Ações desenvolvidas pela torcida.....	68
Figura 11-	Puxadores, bateria no centro e o bandeira 24/07/2018	70
Figura 12-	Núcleo Feminino da TUF.....	72
Figura 13-	Camisas para o público feminino, à venda nas lojas da torcida.....	73
Figura 14 -	”Caminhada” da TUF.....	81
Figura 15 -	Disposição dos torcedores da TUF.....	83
Figura 16 -	Distribuição da Cearamor na arquibancada.....	83
Figura 17 -	Lado A e suas respectivas alianças.....	87
Figura 18 -	Cartaz de divulgação.....	91
Figura 19 -	Momento da festa.....	81
Figura 20 -	Loja no Shopping Benfica.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Total e média de público do campeonato cearense de futebol. Fonte: FCF.....	57
Tabela 2 -	Total e média de público do Fortaleza no campeonato brasileiro. Fonte: CBF.....	58
Tabela 3 -	Total e média de público do Ceará no campeonato brasileiro. Fonte: CBF.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANATORG	Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CSC	Ceará Sporting Club
FCF	Federação Cearense de Futebol
FEC	Fortaleza Esporte Clube
JGT	Jovem Garra Tricolor
MOFI	Movimento Organizado Força Independente
PMCE	Polícia Militar do Ceará
TOC	Torcida Organizada Cearamor
TOF	Torcida Organizada de Futebol
TUF	Torcida Uniformizada do Fortaleza

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A TORCIDA ORGANIZADA COMO OBJETO DE PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	21
2.1	PRIMEIRA “CASA”: A SEDE DA TUF.....	29
2.2	SEGUNDA “CASA”: O ESTÁDIO COMO ESPAÇO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS.....	32
3	A VIDA NA ARQUIBANCADA.....	38
3.1	REPRESENTANTES LEGAIS DO ESTADO: POLÍCIA MILITAR, CORPO DE BOMBEIROS E JUIZADO DO TORCEDOR.....	40
3.2	BANDEIRAS, VESTIMENTA E BATERIA: A PELE, O “CORPO” E A “VOZ” DA TORCIDA ORGANIZADA.....	42
3.3	OBSERVAÇÃO EM DOIS ATOS: AS ARQUIBANCADAS TÊM VIDA.....	46
3.4	“TORCIDA ORGANIZADA AFASTA O BOM TORCEDOR DO ESTÁDIO”.....	56
4	TORCIDA UNIFORMIZADA DO FORTALEZA E SUAS PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES.....	60
4.1	É APENAS UM BANDO?.....	60
4.1.1	O ritual de batismo.....	62
4.1.1.1	Projetos sociais desenvolvidos pela TUF.....	65
4.2	ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO SOCIAL.....	68
4.2.1	Práticas de sociabilidades.....	74
4.2.1.1	Normas comportamentais: comunicação e demarcação de territórios.....	77
4.2.1.1.1	<i>As “caminhadas” e as “invasões”.....</i>	<i>79</i>
4.3	PODER E STATUS NAS ARQUIBANCADAS.....	81
4.3.1	Relações de alianças das Torcidas Organizadas e suas influências.....	85
4.4	A TORCIDA ORGANIZADA COMO EMPRESA.....	91
4.5	NOVAS PERFORMANCES E NOVOS RITMOS DOS TORCEDORES DO FORTALEZA.....	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98

REFERÊNCIA.....	102
APÊNDICES.....	106
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO.....	107
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	108
ANEXO.....	109
ANEXO A – ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR.....	110

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como temática as práticas de sociabilidades entre os integrantes da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF). O estudo deste grupo, posto na temática do futebol, mostra-se importante na medida em que possibilita, como laboratório, reflexões e compreensões dos valores essenciais e contraditórios da sociedade brasileira. Trabalhos importantes, produzidos ainda na década de 1980, como os de Gilberto Freyre e Roberto DaMatta, inseriram ao campo de estudos da Antropologia o futebol, campo este, bastante explorado também pela Sociologia, disciplina que muito contribuiu e cuja relevância permanece a ser sentida nas produções atualmente.

A pesquisa foi realizada com a Torcida Uniformizada do Fortaleza, mas sem esquecer também de fazer comparações com a principal Torcida Organizada de Futebol (TOF) do Ceará Sporting Club (CSC), a Cearamor, como forma de melhor detalhamento desses grupos, suas práticas tanto no estádio como fora dele, revelando assim mais semelhanças e diferenças nas práticas de sociabilidades. Realizei comparações com as torcidas de São Paulo, baseando-se nas obras de dois autores: Pimenta (1997) e Toledo (1996); pois foi justamente naquele estado do país o desenvolvimento burocrático e empresarial¹ desses grupos, também influenciaram a configuração das atuais organizadas de Fortaleza-CE.

A origem das Torcidas Organizadas têm início no final da década de 1960, expandindo-se por todo mundo sob a influência dos ingleses, chegando ao Brasil por volta de 1969, de forma “organizada” e independente dos clubes, sendo a “Gaviões da Fiel”, do Corinthians Paulista, a pioneira nesse modelo de torcidas no país². Percebi que o perfil dos componentes da TUF é semelhante ao que foi observado em (estudos correspondentes), realizados com torcidas de outros estados do Brasil. Daí a importância de se fazer comparações, uma vez que, através de um tipo de raciocínio comparativo é que podemos descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, identificando continuidades e discontinuidades, semelhanças e diferenças.

Esses torcedores são em grande parte oriundos das camadas sociais menos abastadas, ligados ao comércio informal ou desempregados, moradores da

¹ Sobre as Torcidas Organizadas como empresa, será discutido no terceiro capítulo.

² Sobre o histórico das Torcidas Organizadas será apresentado no primeiro capítulo.

periferia de grandes cidades. Os grupos são criados num esforço de compensações afetivas e do isolamento vivenciado em grandes cidades, muitas vezes pela obtenção de identidade, lazer e coadjuvação, ou mesmo como forma de se firmar e também de se destacar. A ausência de contatos vitais na vida do torcedor, especialmente nas relações familiares, possibilita que os torcedores organizados busquem no interior dos grupos, suprir certas carências.

Sejam o uso de emblemas estampados nas bandeiras, camisas e demais adereços, o andar em grupos, demarcando nas paredes as iniciais da torcida por meio de pichações, delimitando espaços nos setores dos estádios, através de faixas, comunicando-se por gestos ou músicas, são elementos constitutivos da identidade dos torcedores. Para Tadeu Silva (2011), com quem troco ideia sobre o conceito de identidade, a representação ocupa um papel importante na teorização atual sobre a identidade nos movimentos de torcedores. “Questionar a identidade e a diferença significa, neste contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação” (TADEU SILVA, 2011, p. 91). As dinâmicas, a estética e as performances das torcidas serão abordadas como estratégias de atração de novos membros.

Estudos sobre Torcidas Organizadas começaram a aparecer no interesse de pesquisadores das Ciências Sociais que estudavam sobre o futebol do Brasil a partir da década de 1990, após se registrar uma sucessão de episódios violentos protagonizados por torcedores membros de TOF em estádios de futebol, principalmente após uma briga generalizada no estádio do Pacaembu, em São Paulo, no dia 20 de agosto de 1995, entre componentes das torcidas “Mancha Verde”, da Sociedade Esportiva Palmeiras, e “Independente”, do São Paulo Futebol Clube. Esses acontecimentos tiveram eco na mídia nacional e internacional, estimulando várias análises sobre as possíveis relações entre violência no futebol e Torcidas Organizadas. Trabalhos relevantes foram produzidos por pesquisadores de Programas de Pós-Graduação (em Sociologia, Antropologia, Comunicação, Psicologia etc.) do país, alguns dos quais foram utilizados como referenciais teóricos nesta pesquisa, como Heloísa Reis (2006), Maurício Murad (2007) e dos já citados Toledo (1996) e Pimenta (1997).

As análises que buscam compreender os fatores que geram a violência entre Torcidas Organizadas de Futebol devem considerar o processo de desenvolvimento ocorrido nas grandes cidades brasileiras, ao longo de 1960 até

hoje, período marcado também por consideráveis modificações no contexto social e político do Brasil, cujos efeitos tiveram grande repercussão na vida da população:

As raízes da violência relacionada ao futebol estão na sociedade brasileira. A formação de indivíduos apáticos ou agressivos e violentos ocorre a partir de sua sociabilidade primária, quando já podem ser percebidas tendências a manifestações agressivas ou apáticas; ou será mais explicitada na juventude, podendo permanecer na fase adulta (REIS, 2006, p.15).

Não se pode esconder a frequência da violência no futebol, isto posto, entre os torcedores, sejam eles de Torcida Organizada ou não. Entretanto, o futebol enquanto processo divertido possibilita uma espécie de reeducação social, ao mesmo tempo se fundamenta na igualdade de oportunidades, respeito às diferenças, assimilação de regras e exacerbação das identidades, o que foi trabalhado por Norbert Elias (1990) como “processo civilizatório”. A análise de uma Torcida Organizada, à medida que reúne várias pessoas, modos de ver o mundo, de lidar com regras de convivência nos dá a oportunidade de compreender a forma geral dos grupos sociais e de suas formas de organização. “O futebol é uma metáfora possível de estruturas existenciais básicas, uma representação da vida social. É um dos rituais de maior substância da chamada cultura popular” (MURAD, 2007, p. 17).

Meu interesse pelo tema desta pesquisa surgiu como consequência direta dos primeiros contatos com um estádio de futebol que aconteceram ainda quando criança, talvez com 7 ou 8 anos de idade e, semelhante a maioria das crianças brasileiras, acompanhando pelo pai³ ou/e amigos. No início dos anos 2000, passei a frequentar os estádios de Fortaleza-CE na companhia de pessoas sempre mais velhas que eu, mas, a essa época, percebia as Torcidas Organizadas apenas como um grupo “diferente” que animava o estádio e que, se possível, deveria ser evitado em função das notícias lidas nos jornais e noticiadas pela TV, algo que nem sempre era possível, já que muitas vezes meu pai só tinha condições de comprar o ingresso para os setores populares, locais frequentados pelas TOFs.

Me lembro que nessa época meu pai não fazia qualquer tipo de recriminação a esses grupos que apoiavam o Fortaleza Esporte Clube (FEC), apenas em relação a torcida rival. Já entendia ali a relação entre time adversário e

³ É muito comum dentro de uma casa, o filho acabar escolhendo outro time e não o do pai, em função da amizade com outras pessoas, pelo fato do pai acabar “marcando bobeira” em não “conscientizar” o filho desde cedo pelo seu time.

xingamentos. Meu interesse era apenas assistir ao jogo, pois sonhava em me tornar jogador profissional, mas não podia deixar de notar aquele grupo “diferente”, aquela multidão com bandeiras, faixas, bandeirões, fogos.

Contudo, foi através dos relatos da experiência profissional de um tio, Cadete do Corpo de Bombeiros, que minha percepção sobre os torcedores organizados mudou. Em 2003, já com doze anos, sempre ouvia as conversas que ele tinha com o meu pai a respeito do trabalho nos estádios. O ambiente “familiar” que era o estádio passou a ter personagens nas arquibancadas assumirem papéis diferentes. Os torcedores organizados, agora bastante perceptíveis, eram o motivo das conversas com tom de preocupação de quem é responsável pela ordem pública na praça esportiva, no caso o meu tio. Sempre fui muito ligado ao futebol, desde os treinos em escolinhas, aulas de educação física etc. Então qualquer notícia apresentada pela mídia sobre esse esporte e os torcedores me interessavam. Me sentia parte representada daqueles comentários. Percebia certa tensão nas falas ao se referirem sobre a violência nos estádios e os “responsáveis” por isso. E desta forma, Torcida Organizada era sinônimo de violência.

Os quinze anos seguintes, àqueles relatos, considero como fundamentais para o processo que hoje se materializa nesta pesquisa. Nesse meio tempo passei a acompanhar ainda mais notícias sobre o mundo do futebol e, com o advento das redes sociais a acompanhar as Torcidas Organizadas. Também procurava sobre o assunto através de revistas, sites e livros. Já no final da adolescência ir ao estádio continuou, às vezes com o meu pai, porém com mais frequência com amigos da minha rua. Passava a ficar no setor onde se encontrava a TUF, meu objetivo era apoiar o time. Já não me sentia apenas satisfeito em ficar sentado observando o jogo, queria participar. Nesta condição, meu olhar, altamente influenciado pelas repercussões midiáticas e pela posição defendida pelo meu tio, passou a ser confrontado e questionado pela minha experiência empírica.

As notícias divulgadas pelos meios de comunicação relatavam atos de violência dentro dos estádios, cujos responsáveis eram os torcedores organizados, situação que não era percebida por mim, ou mesmo, quando alguma briga envolvendo torcedores comuns⁴ acontecia, pelo fato de ficarem no mesmo setor da organizada, eram divulgadas nos dias seguintes com uma dimensão completamente

⁴ Torcedor sem nenhum tipo de vinculação com Torcida Organizada de Futebol.

diferente da realidade. A essa altura, no curso de graduação em Ciências Sociais, começava a fazer leituras sobre o surgimento das Torcidas Organizadas, sobre o hooliganismo, fenômeno de massas, discussões em fóruns de redes sociais, questionando-me sobre os motivos que levavam vários jovens a fazer parte desses grupos de torcedores, mesmo diante de repercussões e imagens estereotipadas, sobretudo influenciadas e reproduzidas pela mídia.

Percebendo ainda que minhas dúvidas, adquiridas na “experiência de campo”, em muito se assemelhavam aos questionamentos dos teóricos e estudiosos que se dedicam ao estudo da violência no futebol, passei a refletir sobre o que isso tudo significava, e por quais motivos passei a tentar compreender as Torcidas Organizadas. Assim, após a conclusão da graduação onde o tema da pesquisa foi a atribuição da imagem estigmatizada dos membros de Torcidas Organizadas como perigosos, eu não tinha mais dúvidas, necessitava investigar um pouco mais esse objeto chamado Torcida Organizada de Futebol. Então em 2016 submeti um projeto de pesquisa para o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará para estudar a questão do habitus de torcedores organizados. O projeto original sofreu alterações, no caso envolvendo vários grupos de Torcidas Organizadas comparando seu modo de torcedor com outro agrupamento de torcedores, os chamados Movimentos Independentes⁵ e suas disputas simbólicas dentro e fora do estádio, até ser definido o direcionamento: o estudo abarcaria a sociabilidade dos torcedores da TUF, a relação entre eles dentro da Sede, a estrutura hierárquica, o contato com outras torcidas e a forma de se comportar dentro do estádio.

Esse trabalho resulta de observação direta⁶ da Torcida Uniformizada do Fortaleza, na sua Sede e no estádio Arena Castelão. As observações foram realizadas em pesquisa de campo durante a realização de jogos válidos pelo campeonato cearense de futebol de 2018, sobretudo nos chamados “clássicos”, momento em que os clubes Fortaleza Esporte Clube e Ceará Sporting Club se enfrentam, aos quais as Torcidas Organizadas estão vinculadas, e do campeonato

⁵ Grupo de torcedores que se reúnem para torcer, com a intenção de se diferenciar dos demais através de camisas personalizadas, sem a intenção de formar uma torcida organizada nos moldes das que existem.

⁶ A observação direta apresenta relevância a partir do momento em que permite perceber uma gama de situações e fenômenos que não são identificados somente por meio de perguntas (CRUZ, 1999). Neste sentido, “o observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto” (CRUZ, 2002, p. 59).

brasileiro de 2017 e 2018. Optei por fazer a observação no mesmo setor⁷ onde se encontrava a torcida, assim podendo ter mais clareza de seu funcionamento na arquibancada, as intervenções dos seus líderes e o papel atribuído a cada um; em outros jogos de “casa cheia”⁸ optando em lugares diferentes buscando uma visão ampla da torcida e compreendendo o significado dos usos de seus materiais⁹ para manifestar certo status nas arquibancadas.

Através dela busco compreender a organização social desse grupo, suas práticas de sociabilidades, as mudanças na forma de torcer nos estádios locais introduzidas por suas práticas, suas formas de identificação e representatividade.

Para uma melhor escrita do que estava sendo observado, optei por fazer anotações do que estava vendo e vídeos no celular para depois em casa escrever o diário de campo, como um segundo olhar sobre os fatos observados, assim como demonstrou Magnani (1997):

Tomando como referência a expressão com que Geertz (1983) caracteriza os dois momentos constitutivos da prática etnográfica, *experience-near* e *experience-distant*, pode-se dizer que o caderno de campo situa-se justamente na intersecção de ambos: ao transcrever a experiência da imersão, corresponde a uma primeira elaboração, ainda vernacular, a ser retomada no momento da *experience-distant*. Quando já se está — aqui, o caderno de campo fornece o contexto de — lá; por outro lado, transporta de certa forma para — lá, para o momento da *experience-near*, a bagagem adquirida e acumulada nos anos gastos — aqui, isto é, na academia, entre os pares, no debate teórico (MAGNANI, 1997, p. 10).

O trabalho de campo constitui em um contato direto com a realidade social, o que pode implicar uma investigação participante, já que é preciso viver, ou conviver, com a comunidade para conhecê-la (COPANS, 1971, p.39). Assim, considerando minha inserção no campo, através da experiência como torcedor, necessitei me “desnaturalizar” sobre o que já sabia do objeto, de maneira que pudesse compreender o grupo social Torcida Organizada por um “olhar antropológico”, isto porque:

A partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade (OLIVEIRA, 2006, p.18).

⁷ Falarei dos setores do estádio no segundo capítulo.

⁸ Termo que significa o estádio de futebol com grande presença de torcedores.

⁹ Suas faixas, bandeiras, bandeirões que compõe o patrimônio da torcida.

A paisagem descrita pelo pesquisador que realiza etnografia é uma paisagem que o inclui e compõem o campo de estudo. A abordagem é qualitativa por ser uma abordagem metodológica conforme aponta Minayo (2002):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2002, p.20).

As observações e registros não limitaram-se a participação em dias de jogos, nas arquibancadas, mas também em visita a Sede da torcida organizada nos momentos que antecederam aos jogos, o que me possibilitou acompanhar os preparativos e a organização grupal da organizada.

Foi consultada a bibliografia especializada das Ciências Sociais, pertinentes as temáticas da vida urbana, violência urbana, violência no futebol, grupos urbanos, e sociabilidades, além de consultas a levantamentos estatísticos disponibilizados em sites da Federação Cearense de Futebol (FCF), Confederação Brasileira de Futebol (CBF), além de vários sites de notícias que envolviam direta e indiretamente o futebol como o portal da *Uol esporte*, *globo esporte*, *Jornal O povo* e *Diário do Nordeste*.

Inicialmente enfrentei resistência para conseguir concretizar as entrevistas, já que normalmente os trabalhos feitos sobre as Torcidas Organizadas abordam, diretamente ou indiretamente, a temática da violência e que produz grande resistência nos torcedores entrevistados. Argumentei que minha proposta é apresentar outras possibilidades, que não à violência, sempre me identificando como pesquisador e dessa forma ganhei a confiança dos entrevistados. As interlocuções (conversas informais na Sede da torcida ou antes dos jogos) foram bem viabilizadas, já que, conhecendo as estruturas físicas dos estádios, bem como a distribuição dos torcedores do lado de fora para o famoso “esquenta”¹⁰, não tive problemas em localizar os pontos de concentração dos torcedores antes dos jogos, sendo estes momentos mais propícios aos diálogos. Algumas vezes, utilizei contatos pela Internet, sobretudo com os diretores, ocasiões em que não puderam me receber na sede social. Técnica semelhante foi utilizada por Oliveira (2006)

¹⁰ É quando os torcedores ficam até poucos minutos antes de começar a partida de futebol na área externa do estádio em barraquinhas de lanches, nas ruas próximas ou em bares conversando.

Mesmo diante das dificuldades, esta técnica não poderia ser desprezada, considerando que, descrito o ritual, por meio do olhar e do ouvir – suas músicas e seus cantos –, faltava-lhe a plena compreensão de seu sentido para o povo que o realizava e sua significação para o antropólogo que o observava em toda sua exterioridade (OLIVEIRA, 2006, p. 22).

A etapa da escrita ficou organizada da seguinte forma. No primeiro capítulo “A torcida organizada como objeto de pesquisa nas ciências sociais”, realizo um balanço do que foi produzido na Pós-Graduação em Ciências Sociais sobre a temática das Torcidas Organizadas, suas possíveis origens, as influências do hooliganismo, e o surgimento dos primeiros grupos no Brasil. Esse diálogo proposto visa compreender as percepções dos autores sobre os torcedores organizados no contexto do futebol brasileiro atual e a possível relação desses grupos com a violência nos estádios, bem como compreender em que medida é analisado o fenômeno das TOFs para além da questão da violência nos estádios de futebol, onde insiro minha pesquisa. Faço uma análise do que representa a Sede e o estádio para esse grupo de torcedores.

O capítulo II intitulado “A vida na arquibancada”, busquei compreender de que maneira os torcedores dão significado aos emblemas das TOFs, valores, hábitos, práticas em dias de jogos e suas sociabilidades.

No terceiro e último capítulo, “Torcida Uniformizada do Fortaleza e suas práticas de sociabilidades”, retomo as observações do campo de pesquisa para analisar e compreender, através das práticas dos torcedores organizados, a forma como esse grupo se organiza, qual a importância das relações de alianças entre as torcidas para a coesão grupal, manutenção e identificação desses torcedores, bem como perceber quais mudanças na forma de torcer nos estádios de Fortaleza-CE foram identificadas como consequências dessas práticas.

2 A TORCIDA ORGANIZADA DE FUTEBOL COMO OBJETO DE PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O estudo do futebol, apesar de uma produção importante dentro do âmbito da sociologia, ainda está engatinhando nas Ciências Sociais no Brasil. Dentre os primeiros a lançar o olhar nesse campo de pesquisa podemos citar Mário Filho e Roberto DaMatta¹¹, produziram obras importantes e até então inéditas que utilizavam o tema do futebol como objeto de pesquisa para compreensão da realidade social do país.

Já a partir da década de 1990, outros autores deram suas contribuições com estudos sobre a mesma temática fazendo com que o terreno para esse tipo de pesquisa se torne ainda mais fértil na academia brasileira. Grande parte desses trabalhos sofreram influência de estudos produzidos na Europa, principalmente na Inglaterra, em relação à teoria do “processo civilizador” (ELIAS, 1990), e ao fenômeno do hooliganismo (ELIAS & DUNNING, 1986)¹², cuja importância para a compreensão de atos violentos no futebol e o surgimento de grupos de Torcidas Organizadas de Futebol (TOF) é inquestionável, razão pela qual continuam sendo referências.

Não podemos precisar com certeza o surgimento de agrupamentos de pessoas que resolveram apoiar um time de forma organizada e racionalizada, através de vestimentas próprias, faixas e instrumentos musicais ao redor do mundo. Contudo, sugere-se, que tenha começado no velho continente, no final da década de 1960, expandindo-se por todo o mundo sob a influência dos hooligans¹³ ingleses. O hooliganismo no futebol parece ter se tornado a partir das últimas décadas do século XX, uma problemática em nível mundial. “Desde a década de 1980, foi com essa denominação que o mundo conheceu os problemas da violência relacionada ao futebol, inicialmente pensados como um problema local da Inglaterra” (DUNNING, 2003, p. 31)¹⁴. Para esse autor, os esportes competitivos levam ao aparecimento de

¹¹ Podemos citar duas obras desses autores como *O Negro no Futebol Brasileiro* de 1947, de Mário Filho; e a coletânea *Universo do Futebol* de 1982 organizado por Roberto DaMatta.

¹² Dentre os trabalhos produzidos, destacou-se a obra de Norbert Elias e Eric Dunning, chamada de *A busca da excitação*.

¹³ O termo surgiu na Inglaterra, por volta de 1870 a 1880, proveniente do nome de uma família irlandesa, chamada, Houlihan, que viveu em Londres na era vitoriana e tornou-se célebre por ser violenta e baderneira (MURAD, 2010).

¹⁴ DUNNING, E. *O Fenômeno do esporte: estudos sociológicos em torno do esporte, da violência, e da civilização*. Barcelona, 2003.

agressão e violência, mas, por sua popularidade e seus valores masculinos, é no futebol que elas encontram um terreno fértil: “É nesse conteúdo cultural que a expressão da violência física socialmente aceita e ritualizada aparece” (DUNNING, 2003, p 17).

Nesse primeiro momento vamos nos debruçar acerca de algumas produções, realizando um balanço sobre trabalhos feitos em nível de Pós-Graduação em Ciências Sociais, a respeito de futebol e violência e Torcidas Organizadas de Futebol, partindo da região Sudeste¹⁵ devido ao pioneirismo, principalmente por causa de dois pesquisadores: Toledo (1996) e Pimenta (1997); posteriormente de dissertações e teses de autores no Ceará.

Se existe um tema recorrente a respeito das TOFs, é a relação desses grupos de torcedores com a violência, por esse motivo, é necessário estabelecer um diálogo entre alguns teóricos que se dedicam a questão da violência propriamente dita como Michaud (1989) e futebol e violência conforme Reis (2006).

Trabalhos publicados¹⁶ na década de 1990 mostram isso. Em suas produções, encontramos primeiramente uma reconstrução histórica do surgimento desse grupo denominado Torcida Organizada, salientando algumas diferenças entre o modo como as pessoas se comportavam na década de 1940 para apoiar uma equipe esportiva, e como tal incentivo mudou com a chegada das organizações torcedoras¹⁷. O que caracteriza o surgimento das Torcidas Organizadas no Brasil, segundo Pimenta (1997), não é a identificação com o clube do coração, considerando que várias práticas de identificação eram realizadas por grupos uniformizados já na década de 1940, como o uso frequente de fitas nas cores do clube colocadas nas abas do chapéu do torcedor. Contudo, o que determina e caracteriza as TOFs, enquanto novidade é a forma organizativa¹⁸.

¹⁵ Rio de Janeiro e São Paulo.

¹⁶ TOLEDO, L. H. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. Revista da USP, n. 22, p. 92-101, 1994. Torcidas organizadas de futebol. Campinas, Autores associados/ANPOCS, 1996.

¹⁷ Sugere-se que, no Brasil, inicialmente sob o rótulo de torcidas uniformizadas, o movimento teve origem na década de 1940, quando foram fundadas, no caso da cidade de São Paulo, algumas denominadas torcidas uniformizadas dos clubes mais populares – Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube, e a então recém-formada Sociedade Esportiva Palmeiras (TOLEDO, 1996).

¹⁸ Que significa um formato burocrático com estatuto, diretoria, conselheiros, sócios contribuindo mensalmente e venda de produtos personalizados como camisas, bonés, chaveiros, adesivos na busca de um lucro para manter o funcionamento da torcida como qualquer empresa. A primeira Torcida Organizada a ter esse formato foi a Gaviões da Fiel, do Sport Club Corinthians Paulista fundada em 1969 (TOLEDO, 1996).

Após essas considerações a respeito do aparecimento da instituição Torcida Organizada, os autores partem para analisar a relação entre violência e o comportamento dos torcedores, buscando como parâmetro os hooligans. Em linhas gerais, mesmo considerando as influências do hooliganismo na formação das TOF do Brasil, Pimenta (1997) procurou destacar que no país organizou-se uma estrutura, entre esses grupos, burocratizada que prima pela total eficiência da organização, principalmente quando se fala na torcida organizada como empresa, como demonstrado sobre a Gaviões da Fiel na nota dezoito acima, que vai se generalizar tal forma de funcionamento de uma Torcida Organizada entre as demais, e que parece distinta da organização identificada entre os hooligans.

Não se pode negar a violência que ocorre dentro e fora dos estádios, tanto por parte de torcedores quando acabam se envolvendo em brigas nas arquibancadas que pode ser entre aqueles que apoiam o mesmo time decorrente de uma discussão mais acalorada ou de torcidas diferentes, assim como os próprios atletas dentro de campo. Contudo, analisar a violência nos estádios de futebol sem levar em consideração o contexto social e suas raízes, constitui-se grande equívoco. Trata-se aqui de uma violência regular, coletiva, competitiva. Aqui cabe uma definição do que se entende por violência:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p. 11).

Ao defender que a violência é gerada socialmente e que suas soluções são complexas, assim como a própria relação entre futebol e violência, Reis (2006) antecipa que a violência presente entre os membros de uma Torcida Organizada, jovens em sua maioria, pode nos revelar diversas verdades e realidades que recusamos admitir ou não nos permitimos refleti-las:

Os fatores geradores da violência são vários e complexos, mas pode-se afirmar que a disseminação de uma cultura de que a violência e o futebol sempre caminham juntos contribui para a permissividade da violência nos estádios e dificulta sua minimização. A “relação simbólica” entre esporte e violência não é um privilégio do futebol (REIS, 2006, p.17).

De forma semelhante, para Toledo (1996), o futebol está diretamente vinculado ao contexto histórico e cultural cujos atores, sejam eles torcedores, jogadores, cronistas ou dirigentes, estão inseridos. Não há, portanto, como compreender o futebol brasileiro, desvinculado de seu todo social. Antes, deve ser

levada em consideração a existência de especificidades e particulares, enquanto atividade esportiva, exigindo do pesquisador o equilíbrio necessário durante a compreensão da dinâmica das relações sociais que envolvem, por exemplo, torcedores nos estádios, contudo, sem perder de vista a relação destes com a sociedade maior. Em seu trabalho, Toledo (1996) realiza importantes paralelos entre a afirmação do futebol, como esporte predileto dos brasileiros, principalmente após as conquistas das Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970, período marcado pela expansão dos grandes centros urbanos do Brasil. Neste contexto há o surgimento das Torcidas Uniformizadas, “carnavalizadas” ou Charangas, que dariam lugar, posteriormente, as Torcidas Organizadas de Futebol com as características atuais como já mencionado.

Nesse sentido, uma das abordagens de Pimenta (1997) está concentrada no processo de urbanização, nas novas práticas sociais e na violência como elementos constitutivos da sociedade brasileira. Segundo Pimenta, existe uma nítida relação entre a construção da violência urbana no Brasil e as repercussões sociais advindas do período sob a administração militar (1964-1985), argumentando ainda que a desarticulação das relações sociais impulsionada pelas radicais mudanças no eixo político-econômico, manifestamente defendido na “revolução militar”, propiciou o afloramento de comportamentos diversos, principalmente de desrespeito da pessoa humana (PIMENTA, 1997). A postura burocrática/militar tão característica das Torcidas Organizadas do Brasil é fruto do contexto político/social em que surgem.

Desta forma apresenta-se como uma das principais conclusões de sua pesquisa a existência de um nexos causal entre violência da sociedade contemporânea e a violência praticada nos campos de futebol e seus arredores.

A violência entre as Torcidas Organizadas – grupos inseridos nas complexas relações sociais contemporâneas – ultrapassa todos os limites das explicativas determinadas e redutivas, assim, se pode insinuar que estão em curso nos centros urbanos, um processo de violência que marca e constrói as relações grupais e intergrupais, de forma banal, débil e vazia, construindo a ideia da existência de uma cultura de violência (PIMENTA, 1997, p. 26).

A ausência de controle social espontâneo, antes proporcionado pela família, pela comunidade e pela religião, será apresentado por muitos cientistas sociais como uma das principais heranças da desestruturação das relações sociais

na vida urbana, fomentando as condições ideais para o desenvolvimento da violência e da criminalidade.

Praças e ruas da cidade são ocupadas pela presença de vários agrupamentos juvenis, estruturados a partir de bandos, galeras, gangues, grupos de orientação regional, racista, musical, religiosa, ou torcedores agressivos cuja prática de uma violência sem significado aparente, surge como parceira inseparável dessas manifestações, que ora se exprimem nos bairros periféricos, ora se deslocam para o centro da cidade. Toledo (1996) dedica atenção especial ao “processo de negociação” dessas identidades no espaço urbano sobretudo pelos jovens filiados às organizadas. Os principais aspectos que constituem o modo de vida dos torcedores organizados, suas práticas e padrões de sociabilidade na qual estão inseridos. Para isso, eles irão realizar o aprendizado de um estilo de vida específico. Bourdieu fornece a definição de estilo de vida.

[...] sistema de desvios diferentes que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência [...] porque são o produto do mesmo operador prático, o habitus – sistema de disposições duráveis e transferíveis que exprime sob a forma de preferências sistemáticas as necessidades objetivas das quais ela é produto (BOURDIEU, 2003, p.73).

Tal estilo de vida resultará de uma justaposição de códigos próprios das torcidas organizadas com as trajetórias e requerimentos pessoais dos torcedores. A condição de torcedor de futebol é apenas mais uma entre tantos outros papéis sociais desempenhados pelos indivíduos na sociedade (Toledo, 1996). Ele é o trabalhador, o universitário, o professor, a dona de casa, o malandro, o marginal, o policial, o dirigente, o político.

Contudo, sabe-se que possibilidades a essa desestruturação nas relações são criadas e recriadas na vida urbana. Percebe-se uma nova apropriação do espaço urbano, que desafia o entendimento e exige uma aproximação mais sistemática para uma profunda compreensão do fenômeno a ser estudado (SPOSITO, 1994).¹⁹

Por um lado, estão mecanismos sociais que perduram ou se adaptaram às novas condições, mesmo nos bairros menos abastados: processos que se mantêm “estruturantes”. Por outro lado, o processo denominado “desindividualização”, utilizado por Maffesoli (2010) destaca o aparecimento de micro-grupos urbanos

¹⁹ SPOSITO, M.P. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. In: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP. São Paulo: 161-178, 1994.

como resposta a massificação indiferenciada dos grandes centros. Esse fenômeno é chamado pelo autor de “tribos urbanas”.

A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela. Está claro que, como as massas em permanente agitação, as tribos que nelas se cristalizam tampouco são estáveis”. (MAFFESOLI, 2010, p. 31).

As Torcidas Organizadas podem ser identificadas nesse processo, onde cada integrante assume um papel definido e os valores grupais sobrepõem-se aos valores individuais.

No âmbito cearense, alguns pesquisadores se dedicaram ao estudo dos torcedores e torcidas de futebol. Destaco três produções: “Experiência e sentido nas Torcidas Organizadas Cearamor e M.O.F.I”, de Josiane Ribeiro (2011); “Identidade futebolística: os chamados mistos no nordeste”, de Arthur Vasconcelos (2011); “O jogo na arquibancada: o *Setor Alvinegro* e as *performances* do torcedor no contexto do futebol espetacularizado”, de Diego Moraes (2015). Esses trabalhos foram escolhidos em função de tratarem diretamente da temática dos torcedores e torcidas organizadas, existem outros como objeto o futebol em si, alguns sobre categorias de base²⁰, a aposentadoria do jogador profissional e a Copa do Mundo de 2014.

No primeiro trabalho, a autora estudou as Torcidas Organizadas do Ceará Sporting Club (CSC), a Torcida Organizada Cearamor (TOC) e o Movimento Organizado Força Independente (MOFI), buscando compreender as experiências e sentidos que esses torcedores dão às suas ações, mesmo estando sujeitos a estigmas como “violentos”, “arruaceiros” e “criminosos”. Nesse estudo de caráter antropológico, Ribeiro (2011) adentra nas ramificações das torcidas, que são chamadas de alas presentes nos bairros, suas relações com a diretoria, da mesma maneira buscando entender a transição de pessoas acostumadas a participar de bailes funk na década de 1990 em Fortaleza/CE e com o fechamento desses estabelecimentos, segundo a autora, encontraram semelhança de sociabilidades nas TOFs citadas acima.

Realiza também uma construção teórica de como “nasce” simbolicamente um torcedor organizado, ou seja, o que precisa para de fato pertencer aquele grupo além de apresentar a TOF e seu imbricamento com a política apoiando certos candidatos ligados à torcida.

²⁰ Preparação do jovem atleta visando a profissionalização como jogador de futebol.

Arthur Vasconcelos (2011) escreveu um trabalho a respeito dos “torcedores mistos”. São chamados assim pessoas que escolhem torcer por dois times de futebol. Essa alcunha foi criada por torcedores que não concordavam com tal modo de torcer, segundo o autor. Geralmente são pessoas que torcem para um time de sua cidade e outro mais “famoso” distinto da sua região. Os torcedores que discordavam que criaram um movimento e este foi batizado de “anti-mistos”, onde o grupo se mobiliza criando faixas e camisas levando para os estádios. Outra estratégia utilizada seria os vídeos na internet com a tentativa de desestimular a prática dos “mistos”, e com isso “conscientizá-los” da importância de apoiar apenas um único time, de preferência da sua cidade, como forma de valorizar seu estado natal. Dessa forma, o objetivo do estudo foi elucidar através dos torcedores possíveis estereótipos sobre determinadas regiões do Brasil e a discussão a respeito da “identidade nacional”.

Acredito que a rivalidade inter-regional entre os torcedores de futebol pode nos oferecer evidências sobre o modo como os cidadãos de distintas partes do Brasil interpretam as diferenças regionais, particularmente no que diz respeito ao Nordeste. Os possíveis estereótipos e preconceitos; as visões de unidade nacional; a valorização e orgulho das particularidades regionais (VASCONCELOS, 2011, p.14).

O autor traz exemplos utilizados por pessoas do movimento “anti-mistos” na tentativa de persuadir os “mistos” a abandonarem tal prática, uma espécie de “conversão”, mostrando fotos e vídeos de torcedores da região Sudeste²¹ com atitudes preconceituosas contra nordestinos e seus clubes. O trabalho teve como recorte a região Nordeste. Vasconcelos (2011) mostra que devido às principais emissoras de televisão estarem no Rio de Janeiro e em São Paulo e através das redes de afiliadas espalhadas pelo país, levando diariamente notícias sobre as equipes desses estados para torcedores de todo o Brasil durante décadas, criou-se assim um afeto e estabeleceu um laço entre as equipes de outra região com torcedores não pertencentes as cidades que estavam as sedes desses clubes.

Entre os torcedores, há um debate sobre o ato de torcer por times “de fora”. Nessas conversas os torcedores “mistos” são com frequência descritos como alienados, manipulados pela imprensa do Sudeste, pessoas que não valorizam os times locais. Alguns afirmam ainda que em futebol só se deve torcer por uma equipe. Por sua vez, os “mistos” se defendem, sustentando o direito da livre escolha, independente de fronteiras, o que não é sinônimo de desconsideração ao Nordeste (VASCONCELOS, 2011, p.51).

²¹ Segundo o autor, há “mistos” em todas as regiões do país. Uma suposta justificativa para que um torcedor adote mais de um time se baseia na tradição das equipes esportivas, isso significa dizer em número de títulos conquistados, tamanho da torcida e presença constante na mídia esportiva.

Por fim, temos o trabalho de Diego Morais (2015). O autor fala a respeito das performances das torcidas do time do Ceará Sporting Club, onde se entende que há um jogo envolvendo todas elas que comunicam para o público. Semelhante disputa que acontece dentro de campo, essas torcidas procuram manifestar suas formas de torcer buscando se distinguir umas das outras.

Essas diferenças são observadas na forma como entoam seus cânticos, a melodia das músicas e as vestimentas, até mesmo os lugares que escolhem para acompanhar as partidas de futebol. A pesquisa teve caráter antropológico e observação participante. Morais (2015) escolhe uma torcida para acompanhar e comparar com outros grupos, o chamado “Setor Alvinegro” que se intitulam “torcida de alento”, que pretendem não ter o mesmo modo de apoiar o time como os membros das Torcidas organizadas de Futebol, entendidos como “violentos” e até mesmo “ultrapassados”.

A minha dissertação pretendeu falar sobre a Torcida Uniformizada do Fortaleza, analisando sua hierarquia²², o funcionamento da Sede, o modo como se relacionam nos arredores e dentro do estádio com outros torcedores, a forma de deslocamento até a praça esportiva, bem como a correlação que estabelece com a Torcida Cearamor em dias de clássico-rei²³. Também procuro apreender sua rede de alianças²⁴ com outras Torcidas Organizadas, algo recíproco entre esses grupos que buscam nesses vínculos benefícios logísticos e financeiros. Analisei as ações assistencialistas desenvolvidas pela TUF como uma forma de se desvencilhar de uma possível “imagem negativa” socialmente construída e amplamente explorada pelos meios de comunicação quando registram atos de “vandalismos” ou “confusão”, seja dentro do estádio ou no “entorno”.

Não busco apresentar uma pesquisa na qual a violência seja o cerne da questão, nem a “hostilidade” de alguns torcedores contra quem apoie times de outros estados como procurou desenvolver em sua pesquisa Vasconcelos (2011), como pano de fundo para uma discussão sobre as regiões do Brasil. As alianças entre as TOFs reforçam a simpatia por outro time, tanto por parte dos torcedores do

²² Ocupação de pessoas dentro da TOF.

²³ Partida de futebol considerada a mais tradicional do futebol cearense que envolve o Fortaleza Esporte Clube e Ceará Sporting Club. Tal rótulo é justificado em função da antiguidade das equipes, número de títulos conquistados e tamanho das torcidas. É comum no meio da crônica esportiva denominar de “nossa melhor mercadoria” a disputa envolvendo tricolores e alvinegros.

²⁴ Parcerias que envolvem torcidas do mesmo estado e de outras regiões do país. A principal justificativa para as alianças é o apoio logístico quando as TOFs precisam viajar. Será mais bem desenvolvido esse assunto no momento oportuno.

Fortaleza, como daqueles que tem a TUF de aliada e se voltam para o tricolor cearense com apreço. Por fim, não tenho a intenção de falar de forma direta de outra manifestação por parte de torcedores e sua maneira de apoiar uma equipe como fez Moraes (2015), com a denominada “torcida de alento”, mas essa manifestação de adeptos também já se faz presente entre os fãs do Fortaleza e é necessário entender de que forma a Torcida Organizada aqui estudada convive com aqueles. Fato este que será abordado em um tópico adequado.

Assim, é necessário citar alguns autores que dão sustentação teórica para a pesquisa que falam diretamente sobre o assunto aqui tratado, em especial Toledo (1996) e Pimenta (1997) para se falar da categoria Torcida Organizada de Futebol, Ribeiro (2011) e Simmel (2006) a respeito da sociabilidade.

O esforço aqui empreendido é na verdade uma maneira de trazer novos fatos a respeito das Torcidas Organizadas de Futebol. Para isso, julgo necessário começar pela “primeira casa” desta agremiação que é sua Sede Social e depois discorrer um pouco sobre a maneira como o estádio²⁵ é apropriado pelos torcedores. A discussão seguirá em torno desse “vai-e-vem” que é Sede e estádio, de acordo com o que foi coletado através de observações, entrevistas e dados estatísticos.

2.1 PRIMEIRA “CASA”: A SEDE DA TUF

Historicamente as Torcidas Organizadas no Ceará surgiram em paralelo com as festas de baile funk na capital.

Durante um período que se estende de meados da década de oitenta ao final da década de noventa, esses bailes foram muito frequentados por segmentos juvenis, oriundos de classes mais populares da cidade. O baile funk era o ponto de convergência de uma juventude pobre, moradora de bairros igualmente destituídos e pulverizados pela periferia da cidade, distrito industrial e mesmo em favelas que vicejam em meio às zonas mais favorecidas (RIBEIRO, 2011, p. 161).

A Torcida Uniformizada do Fortaleza foi fundada em 1991 por estudantes da Universidade Federal do Ceará, o desenho adotado que representa o símbolo da torcida foi o leão que significa força e garra, segundo seus fundadores. A observação se deu em dois lugares, na Sede da torcida e no estádio Arena Castelão, pelo fato de ser nesses ambientes a concentração de membros da TOF

²⁵ Chamo de “segunda casa”.

ser mais habitual. Na Sede pude constatar diversos tipos de desenhos estampados nas roupas, ou, como eles falam, nas fardas²⁶, que procuram mostrar virilidade e letalidade; bem como pinturas em paredes e bandeiras.

A Sede fica na Vila Demétrio, 152 Benfica, Fortaleza/CE, um amplo espaço, é possível observar um bar, a sala da administração, subdivida em outras duas salas, em que a maior parte das questões burocráticas é resolvida. Há ainda banheiros para ambos os sexos, uma quadra onde se está montado um tatame e dois sacos para a prática do boxe. Na parede um desenho do leão típico que se utiliza em camisas, bandeiras e demais materiais da torcida com um kimono segurando a faixa com as duas mãos, sala de jogos com mesa de sinuca e pingue-pongue. A área em frente a esse local serve para guardar bambus, que são utilizados para fixar as bandeiras. Hoje, esse espaço é utilizado nos ensaios da bateria.

O local é um espaço alugado, onde através do pagamento dos associados da torcida por um valor de dez reais por mês que dá direito a descontos na compra dos produtos da entidade (roupas, chaveiros, adesivos, viagens para acompanhar o time do Fortaleza, em festas promovidas pela TUF) e a prática de esportes dentro do lugar, possibilita que a diretoria consiga angariar recursos e manter o funcionamento. O recinto serve para reuniões da diretoria com membros no sentido de discutir diversos assuntos, desde a organização de uma possível festa, preparação para o próximo jogo ou viagens e transmissão de jogos.

Os emblemas ou distintivos do Fortaleza Esporte Clube, bem como símbolos da própria torcida, estão em toda parte. Na entrada da sede existe um desenho com o símbolo da torcida e outro do escudo do Fortaleza. O “leão musculoso” que faz parte dos souvenirs da torcida espalha-se pelas camisas, bandeiras, bonés etc. As pessoas usam esse uniforme no cotidiano, não apenas em dia de jogos. Vale lembrar também o uso de camisas e acessórios de torcidas aliadas, uma relação de reciprocidade das torcidas organizadas brasileiras²⁷. Bem na entrada também existe uma foto de mais ou menos quatro metros de altura por um e meio de largura, do santinho de missa de sétimo dia do ex-presidente da

²⁶ Como os membros da organizada costumam chamar as vestimentas da torcida.

²⁷ Como falado acima a respeito das alianças, uma das principais explicações para isso é o fato de as torcidas enfrentarem longas viagens para acompanhar seus times em território brasileiro. Com isso a necessidade de criar grupos que prestem apoio logístico. Sobre essa manifestação das TOFs darei mais atenção no último capítulo.

torcida, Marcionílio Pinheiro. O torcedor foi assassinado em 2005 quando voltada do Rio de Janeiro em ocasião do jogo entre Fortaleza e Botafogo, válido pelo campeonato brasileiro da série A daquele ano. O ônibus onde estava Marcionílio Pinheiro foi alvejado por tiros por membros da torcida Fúria Jovem do Botafogo.

Os membros “são jovens entre 15 e 24 anos, que além do domínio dos recursos virtuais, geralmente têm tempo disponível e o conhecimento necessário das técnicas de manipulação de sites de relacionamento”. (MURAD, 2012, p.33).

Figura 1 - Membros assistindo ao jogo entre Atlético-Go x Fortaleza pela série B de 2018 03/11/2018.



Fonte: Elaborado pelo autor

Alguns componentes vão à Sede esporadicamente, outros, contudo, quase que diariamente, conforme apresento nas falas abaixo quando discutimos sobre suas participações na rotina da TOF:

Moro longe, lá no Zé Walter (bairro), mas pelo menos uma vez eu venho (na Sede) pra ajudar na organização geral, principalmente quando tem jogo. Ajudo a ler as notícias sobre a torcida e tirar o que é bom ou ruim, o que tão falando da gente. Já tenho 14 anos de TUF, e vou morrer aqui” (Informante homem de 30 anos)²⁸

Venho pra todos os jogos e vou pra Sede umas três vezes na semana, fora os dias dos jogos. Ajuda nas campanhas dos projetos sociais²⁹ da torcida e na preparação da festa, limpando as bandeiras, cortando papel, preparando bola de encher, faço de tudo pela torcida. (Informante mulher de 25 anos).³⁰

²⁸ Entrevista realizada na sala da diretoria no dia 03 de novembro de 2018, jogo entre Atlético-GO x Fortaleza, pelo campeonato brasileiro.

²⁹ Entrega de sopão a moradores de rua, organização de festas como o dia das crianças e natal com entrega de brinquedos.

³⁰ Entrevista realizada no dia 20 de outubro de 2018, antes do jogo Fortaleza x Paysandu-PA, pelo campeonato brasileiro.

Toledo (1996, p. 66), ao analisar as características da sociabilidade praticada pelos torcedores organizadas dos clubes do estado de São Paulo, afirma que nas Sedes existe a possibilidade das pessoas se reconhecerem na partilha de valores, além de “espaços vivos de pertencimento a estes grupos e de reconhecimento frente a outros”. Devido aos grupos menores existentes dentro da própria torcida, a sede proporciona uma ligação mais intensa numa espécie de “rede de amigos” (termo nativo), e que pode ser expandida para o cotidiano destes grupos. Assim como o estádio é a “casa” do clube a Sede é a “casa” da Torcida Organizada. Muitos torcedores frequentam o espaço apenas para encontrar “colegas” fora dos dias de jogos.

Na rua³¹ da Sede, há casas de edificações simples, predominantemente ocupadas por pessoas das camadas populares da cidade que ainda mantêm alguns costumes e práticas pouco comuns no cotidiano das grandes cidades brasileiras, sobretudo das áreas centrais. Pude ver, por exemplo, famílias sentadas nas calçadas discutindo diversos assuntos, e ao mesmo tempo em que observavam a movimentação de torcedores em direção a Sede da torcida. Aqui, os torcedores chegam de todas as formas, de bicicleta, andando em grupos ou individualmente, de automóveis (que ficam estacionados nas ruas do entorno, pela falta de estacionamento) e, predominantemente, através de motos onde o barulho da chegada era quase ensurdecedor pela quantidade que havia. Observei olhares de reprovação de alguns moradores, em conversa informal com um senhor sobre aquela situação, ele me diz que é comum os barulhos dentro da Sede, principalmente em dias de jogos onde a movimentação de pessoas aumenta. Daí pude constatar que a presença de pessoas que frequentam o local não se resume apenas aos sócios da entidade, mas também torcedores tidos comuns para acompanhar jogos. Passo a discorrer a respeito dos usos e significados que os torcedores e Torcidas Organizadas dão ao estádio de futebol.

2.2 SEGUNDA “CASA”: O ESTÁDIO COMO ESPAÇO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

O espaço onde as Torcidas Organizadas atingem o “auge” de suas performances e demonstram suas coreografias, símbolos e potencialidades, a todos

³¹ Localizada na Vila Demétrio

os “atores” do espetáculo futebolístico. O estádio é a casa³² das torcidas e do time que recebe a equipe visitante, uma rede de significados são estabelecidos através desta referência. Pertencer a essa rede “implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção, inclusive quando as pessoas se aventuram para o desfrute de lazer fora do pedaço, como acontece nas disputas de futebol em outros bairros, excursões (...)” (MAGNANI, 1996, p. 33).

Assim, o estádio se configura como um espaço rico em significações, bem como apropriações. É um “território” que se constrói e se reconstrói a cada jogo, assumindo “cores” diversas de acordo com uma série infindável de fatores. Será definido o espaço como a base sobre a qual se delineará a produção do lugar, ou seja, trata-se da possibilidade (abstrata e concreta) de coexistências, assim o espaço funciona como um dado do próprio processo social: trata-se de uma realidade constituída de modo relacional, nem um sistema de coisas, nem uma coisa; mas coisas e relações juntas. Se o espaço é uma possibilidade de coexistências, relações e representações que se inscrevem e se compõem no campo físico, simbólico e social, o lugar deve ser entendido como a consequência da relação entre os elementos do real e do imaginado.

Essa definição sobre o espaço traz consigo valores de experiências, símbolos, significados, permanência, posse, defesa. Elaboração concreta e simbólica do espaço, o lugar antropológico é a referência com amparo na qual se remetem a identidade e a história dos indivíduos, como bem frisou Buenos Aires, baseado em Marc Augé:

[...] a identidade dos indivíduos é derivada do lugar de nascimento. O lugar de nascimento que serve de suporte identitário a cada indivíduo que nele vive garante a coexistência destes com os outros, junto aos quais desenvolvem um sentimento específico de pertencimento. E ao conjugar identidade e relação, o lugar é também histórico, pois ele se define mediante um mínimo de estabilidade institucional: ‘(...) todas as relações inscritas no espaço se inscrevem também na duração (...)’ (BUENOS AIRES, 1998, p. 256).

É a ideia (variável segundo as posições que os indivíduos e grupos ocupam), parcialmente materializada, que os habitantes têm de suas relações com o

³² Termo habitualmente utilizado entre torcedores, jornalistas esportivos e jogadores de futebol, fazendo referência ao local onde será realizada a partida do mandante. Ou seja, aquele time que escolhe jogar em uma determinada cidade, não necessariamente onde fica sua sede. Depois da Copa do Mundo de 2014 com as construções de diversas Arenas Esportivas espalhadas pelo Brasil em doze sedes, várias equipes alteram seus mandos de campo. Tal medida visa melhores rendas através de patrocinadores e bilheteria, além de poder atuar em um equipamento que dê boas condições da prática do futebol. Sendo assim, a “casa” do time é escolhida sempre buscando benefícios econômicos e esportivos.

seu território. Com base em Bachelard (1988), a essência da constituição e manutenção do lugar está no hábito ou no habitar que, por sua vez, carrega em si a duração. O verbo habitar, explica o autor, vem de hábito que, no que lhe concerne, diz respeito a ações e usos repetidos que levam a um conhecimento, uma prática, um comportamento.

É importante se questionar, entretendo, se nas maiores cidades onde as pessoas passam a maior parte de seu tempo com o estranho, o desconhecido e com este mantem relações. Apenas no lar proporciona uma espécie de referência para os indivíduos? Para Michel de Certeau (1996), não. É no lugar do outro onde se “desdobra e se repetem dia-a-dia os gestos elementares das “artes de fazer” (p. 203), para ele, o espaço é fruto da tensão entre a ação da utopia racional, das concepções do planejado, que têm por principal agente o Estado ou a iniciativa privada (empresas) e a legitimação do caminho, ou seja, das ações, concepções do caminhar, do caminhante. A cidade tanto no sentido de nivelar e controlar o espaço e, conseqüentemente, seus habitantes. Ela oferece a capacidade de conceber e construir o espaço com base em um “número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra”. (Idem, p. 173).

Também é principalmente pelo fato de que um estádio de futebol se torna um espaço público quando as ações dos torcedores atribuem sentido aquele espaço. Segundo a definição sociológica de Leite (2002).

[...] gostaria de sugerir que um espaço urbano somente se constitui em um espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um conjunto de ações. Quando as ações atribuem sentidos de lugar e pertencimento a certos espaços urbanos, e, de outro modo, essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as ações, os espaços urbanos podem se constituir como espaços públicos [...] (LEITE, 2002, p.116).

Sem essa noção estaríamos nos referindo apenas a um espaço urbano, que não inclui práticas participativas, ou seja, são os significados que as pessoas atribuem.

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações (ARANTES, 2000, p.106).

Esse espaço se apresenta, conforme Arendt (2009), como (um espaço comum), que significa “ter um mundo de coisas interposto entre os que nele

habitam”, e também como uma aparência que constitui a realidade, na medida em que vemos e ouvimos os outros, ao passo em que somos vistos e ouvidos

Parece ainda interessante aqui dialogar com duas ideias que perpassam o debate em torno da praça esportiva. A primeira é de um estádio como espaço de ações, tomada de decisões, chances, apostas, derrotas, vitórias, numa abordagem de compromisso com o jogo, tal qual sugerida por Goffman (2012): “sem compromisso, sem chance”. A segunda é do estádio como lugar, a partir do conceito de Leite (2002), no qual se erguem fronteiras simbólicas de acordo com os usos que se fazem de determinados espaços. Assim, entendemos o estádio como um espaço de interações e interdependências, donde um se compromete a jogar com o outro, mas também de segregação. Tanto os compromissos com o espaço da performance, como as fronteiras que tentam ser estabelecidas, dialogam com a proposta de compreensão do jogo de classificações que parece se desenvolver nas arquibancadas.

Essas diferenciações se territorializam em espaços que “dão vida e emoção” ao jogo – aquele que acontece no gramado –, mas também ao jogo – aquele que ocorre nas arquibancadas. Mesmo com suas diferenças ideológicas e de posicionamentos, as torcidas que compõe a nação³³ tricolor criam uma unidade onde todos estão ali presentes com a intenção de apoiar o time. A sensação que dá é que todos “são de casa”, de festa. A ideia de um local pacífico pode chocar àqueles que têm uma imagem inicial do estádio apenas como um espaço de confrontos, discussões acaloradas e brigas.

Além dessa convergência de sentimentos clubísticos, os estádios representam, como na ideia de Schutz (2012), um “lar”, “o ponto de partida e o de chegada” para o torcedor. É pensando e planejando a ação que vai ocorrer no estádio (ou em torno dele) que faz com que muitos membros da TUF e demais movimentos se mobilizam durante a semana quase inteira e tomam decisões sobre o que vão levar, de que forma vão mostrar e que atitudes vão ter caso algo não ocorra como ensaiado. É, portanto, esse sentido inicial de “lar”, de um local conhecido e no qual se partilha com outros torcedores sentimentos de pertencimento e de envolvimento com o jogo e, acima de tudo, um lugar praticado, construído.

³³ É como é chamada a totalidade dos torcedores de uma determinada equipe pelos cronistas esportivos, torcedores organizados e comuns.

Há no estádio de futebol algo que, como no carnaval, aproxima-se mais de um momento “do povo para o povo”, um rito que nos transmite um movimento dinâmico através das performances dos atletas e dos torcedores, representados pelos cânticos de apoio aos times, pela “dança” das bandeiras, e que também possibilita a vivência de experiências que contrariam a ordem comum social.

O estádio e a rua, nesta perspectiva, são locais polissêmicos que reúnem a diversidade na uniformidade, contrariando o rito existente na “rua da parada militar”. Os rituais populares são ritos que objetivam o encontro, não a separação. A ênfase está no encontro e no cerne mesmo da sociedade em sua vertente criativa fundamental que sempre se representa pelo que nós chamamos de popular (DAMATTA, 1981, p. 47). Entre a rua do carnaval e o estádio do futebol há tantas semelhanças que por vezes torna-se difícil distinguirmos, no momento da euforia, que esses espaços possibilitam, sobre qual rito estamos tratando: futebol ou carnaval, se é que no Brasil podemos idealizar essa separação.

Na realidade são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer e assim por diante” (MAGNANI, 1996, p. 39).

No próximo capítulo intitulado “A vida na arquibancada” discorro brevemente no início a respeito da construção do estádio Castelão e como se deu a escolha da cidade de Fortaleza como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014, razão pela qual mudou a forma de se chegar no estádio com a duplicação de avenidas bem como outras obras no entorno da nova Arena esportiva, visto que dei mais atenção ao equipamento esportivo onde a Torcida Uniformizada do Fortaleza se faz presente nas arquibancadas. Após isso, procurei entender o diálogo entre a torcida e representantes legais do Estado (polícia militar, juizado do torcedor, corpo de bombeiros), pois para se concretizar a presença da entidade torcedora no interior da praça esportiva com seus materiais como bandeiras, bandeirões, instrumentos musicais e faixas é necessário a autorização dos órgãos de fiscalização. Assim, é fundamental entender esse aspecto envolvendo os torcedores e o Estado.

Em seguida, analiso os usos por parte da TUF de seus símbolos contidos nos materiais que expõem o nome da torcida faixas, bandeiras e bandeirões. Posteriormente, faço a exposição referente a dois jogos que estive, em que se

enfrentaram Fortaleza Esporte Clube e Ceará Sporting Club, analisando a dinâmica e o comportamento por parte dos torcedores do lado tricolor cearense e de sua TOF.

Fecho o capítulo explorando dados estatísticos onde contraria uma máxima difundida pelo senso comum: o que afasta os “torcedores de bem” do estádio são membros de Torcidas Organizadas.

3 A VIDA NA ARQUIBANCADA

O estádio Castelão foi erguido em 1969 em uma área de 25 hectares que pertencia a Santa Casa de Misericórdia em Fortaleza, comprada por Cr\$ 450.000.00. Segundo o Governo do Estado, as obras foram iniciadas em 1969 e gerenciadas pela FADEC (Federação de Assistência Desportiva do Estado do Ceará), órgão criado em 1968 para este fim, tendo o engenheiro Hugo Alcântara Mota como o responsável pelo cálculo estrutural³⁴ e José Liberal de Castro, Gerhard Ernst Borman, Reginaldo Mendes Rangel e Marcílio Dias de Luna, como os quatro arquitetos que assinaram o projeto original. O jogo de inauguração foi entre os times do Fortaleza Esporte Clube e Ceará Sporting Club, com o empate sem gols em 1973. O estádio passou por várias reformas durante os anos, desde o complemento do anel superior das arquibancadas na década de 1980, até a instalação do teto de cor verde em 2002 e a colocação de cadeiras onde antes existia apenas o que era chamado de "cimento". Era comum observar torcedores levando almofadas para sentar-se na hora de acompanhar as partidas.

Após a divulgação em 2007 da confirmação do Brasil como sede da Copa de 2014, as gestões Cid Gomes, no governo do Ceará, e Luizianne Lins, na prefeitura de Fortaleza, de forma articulada, lançaram a capital cearense como uma das candidatas a cidade-sede do evento.

Como principais argumentos utilizados, segundo o release³⁵ do governo e da prefeitura municipal enviado à FIFA para a defesa de Fortaleza como sede estão: a proximidade com continentes como a Europa, América do Norte e Central, a África e a facilidade de acesso a visitantes destas regiões; a adoção de medidas de responsabilidade ambiental na organização do evento; e o diferencial turístico da cidade (VASCONCELOS, 2016, p.78).

A despeito de todas as questões que envolviam à candidatura da capital cearense, Fortaleza já havia sido confirmada como uma das sedes com o anúncio oficial da FIFA em 31 de maio de 2009. Após as obras a Arena Castelão ficou com capacidade para 63.903 torcedores³⁶.

³⁴Essas informações foram retiradas do endereço: <http://www.arenacastelao.com/site/o-castelao/historia-docastelao>. Acesso em 14/04/2019.

³⁵ Informação disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/06/fortaleza-passa-operarvoo-para-direto-guiana-francesa-em-agosto.html>. Acesso em 14/04/2019.

³⁶ Disponível em: <https://tribunadoceara.uol.com.br/esportes/fortaleza/arena-castelao-tem-o-recorde-de-publico-da-serie-e-maior-renda-do-futebol-cearense/>. Acesso em 15/04/2019.

Em meio à intensa competição entre cidades pelo privilégio de sediar as reterritorializações e desterritorializações dos fluxos globais de capitais e pessoas, ganha aquele centro urbano que apresentar maior capacidade de produção e difusão de imagens positivas capazes de garantir inserção diferenciada de determinada metrópole na chamada globalização (MACIEL, 2010, p. 40).

Em Fortaleza, como se viu, a estratégia de trazer a Copa foi aliada à busca pela valorização da imagem da cidade como uma forma de inseri-la nos fluxos globais de circulação do capital, em especial no que se relaciona ao setor turístico.

O estádio é cercado pelos bairros Passaré, Dias Macedo, Barroso, Cajazeiras e Parque Iracema. O acesso terrestre ao estádio é feito preferencialmente por algumas avenidas de grande tráfego na cidade: na avenida Doutor Silas Munguba, que compreende os bairros do Itaperi, Serrinha e Passaré, por onde circulam as linhas Parangaba/OliveiraPaiva/Papicu, AntônioBezerra/LagoaUnifor que ligam os terminais da Parangaba, Papicu e Antônio Bezerra respectivamente.

Em dia de jogos com grande concentração de torcedores como o clássico-rei, a referida avenida é “invadida” por milhares de torcedores que tornam o trânsito no local lento, alterando e muito o tempo de viagem dos veículos. Para a Copa do Mundo não houve qualquer tipo de reforma na via. Já a avenida Alberto Craveiro onde se encontra a Arena Castelão foi totalmente reformada com quatro faixas de pistas, podendo o trânsito seguir mais livremente em relação à avenida Silas Munguba falada anteriormente de apenas duas faixas. A circulação dos ônibus são as seguintes linhas: Siqueira/Papicu/Aeroporto e Parangaba/Papicu/Aeroporto. Tais veículos não seguem até o estádio pela avenida, os ônibus dobram a sua esquerda nas ruas Paula Frassinetti e José Messias Matos até chegar por fim na Rua do Contorno em frente à Arena. Um túnel foi construído sob a rotatória que leva o nome do estádio.

A estádio é dividido por setores, definidos de acordo com a posição em relação ao campo de jogo, visibilidade, conforto e estrutura, cujos valores dos preços dos ingressos cobrados variam. Esse estádio possui camarotes para aluguel, tribuna de honra para autoridades, assentos para radialistas bem próximo do público no setor denominado especial, cabines de transmissão de televisão, arquibancadas superiores e inferiores tanto centrais e laterais. Estas últimas são localizadas por trás dos gols, recebendo a maior incidência dos raios solares durante o dia. Nesses

espaços são cobrados ingressos com preços mais em conta quando as arquibancadas superiores não são abertas e concentram a TUF no setor sul e Jovem Garra Tricolor (JGT) no setor norte. A arquibancada central não é tão diferente das laterais, mas possibilita uma visão privilegiada, de frente para o centro do gramado. É através de uma das rampas de acesso para as arquibancadas laterais que as Torcidas Organizadas entram com o material após a revista policial. Sobre essa dinâmica, exploro seus elementos no tópico seguinte.

3.1 REPRESENTANTES LEGAIS DO ESTADO: POLÍCIA MILITAR, CORPO DE BOMBEIROS E JUIZADO DO TORCEDOR

O estádio Arena Castelão possui uma delegacia para fazer cumprir as prerrogativas do Juizado do Torcedor e de Grandes Eventos, cuja finalidade é julgar os crimes de menor potencial ofensivo³⁷ praticados no interior do estádio ou num raio de até cinco quilômetros da praça desportiva. Em todos os jogos da capital é montada uma estrutura que conta com um Juiz de Direto, um Promotor de Justiça e Defensores Públicos, possibilitando que as decisões sobre o incidente sejam tomadas no mesmo dia do jogo.

Os órgãos de Segurança Pública do Estado estão sempre presentes nas partidas de futebol. A Polícia Militar do Ceará (PMCE), e o Corpo de Bombeiros, e seguranças contratados pelo clube que atuam diretamente na intervenção de situações conflituosas e no socorro de acidentados, enquanto a Polícia Civil atua juntamente ao Juizado do Torcedor no registro de crimes e procedimentos jurídicos.

Pelo menos duas horas antes do início da partida as Torcidas Organizadas se dirigem a um portão específico onde estão alguns policiais que fazem a revista do material trazido pelos torcedores. Antes esses torcedores enviam para o Batalhão de Policiamento em Eventos um ofício, alguns dias antes da partida, contendo o material que pretendem levar no dia do jogo como faixas, bandeiras, instrumentos e demais coisas que serão utilizadas. Esse documento depois de conferido é enviado para as torcidas e elas levam o que foi apenas autorizado para a revista no dia do jogo.

³⁷ De acordo com o Código Penal Brasileiro, são os crimes cuja pena máxima prevista não supera dois anos.

Uma das designações dos diretores das Torcidas Organizadas é elaborar o ofício e participar de reuniões com o poder público. Esse contato entre a TOF e os representantes legais do estado não se resume em momentos de negociação entre as partes, muito por causa do estereótipo que se apregoa aos membros de torcidas organizadas como “perigosos”, “arruaceiros” e “delinquentes”. Assim, os torcedores apenas acatam a decisão tomada. Segundo a fala de um diretor da TUF ao relatar sobre as reuniões com as autoridades para liberação dos materiais, ele me conta que:

Não tem muita conversa, os caras não olham direito para a gente, e por qualquer coisa que não agrade a polícia é logo vetado. Não tem o que contestar. É o que eles querem liberar ou não que sempre conta. Limita o número de bandeiras e instrumentos, não temos a liberdade de fazer “uma maior festa” como gostaríamos. (Diretor de patrimônio da torcida (Homem de 35 anos³⁸).

O fato de a polícia militar determinar sempre o tipo e quantidade de material que pode ou não ser levado, implica em uma censura sobre a liberdade de torcer. Não há qualquer autonomia por parte da agremiação em escolher aquilo que deseja trazer para o estádio como acontecia décadas atrás com a entrada até de fogos de artifícios, inúmeras bandeiras etc. Até mesmo o torcedor comum que deseja levar uma faixa qualquer de seu interesse que expresse uma frase de amor ao clube ou protesto, passa pelo crivo dos policiais. Vale lembrar também que manifestações políticas, faixas de protesto contra a ordem estabelecida são imediatamente barradas, mesmo fazendo todo o trâmite necessário para adentrar na Arena Castelhão.

³⁸ Entrevista realizada na Sede da torcida no dia 08/11/2018.

Figura 2 - Policiais Militares na parte externa do estádio



Fonte: Elaborado pelo autor

3.2 BANDEIRAS, VESTIMENTA E BATERIA: A PELE, O “CORPO” E A “VOZ” DA TORCIDA ORGANIZADA

As Torcidas Organizadas promovem uma disputa particular³⁹, que ultrapassa a partida de futebol, e por isso, desconhecidas pela maioria dos sujeitos. As vestimentas e acessórios são elementos essenciais no processo de identificação e diferenciação entre os integrantes de uma TOF.

As camisas, os gorros, agasalhos e os bonés, só para exemplificar, além de preservar e exibir as cores, e os símbolos do grupo, possibilita a uniformidade e demarca territórios. Um jovem que utiliza uma camisa com as cores e símbolos do Fortaleza ou do Ceará, será identificado apenas como torcedor de um desses clubes, todavia, o jovem uniformizado com uma camisa de Torcida Organizada de Futebol além de ser identificado como torcedor de um dos times citados, terá sua imagem associada a um grupo específico de alguma TOF.

Sem dúvida a camisa é o principal elemento de identificação do grupo, talvez a tatuagem chegue perto no nível de representatividade e exibição do símbolo da TOF, a “segunda pele” dos torcedores organizados é chamada por eles de “farda”, que além de distingui-los dos torcedores comuns, carrega o emblema do grupo, que também é reproduzido em muitos outros objetos, adesivos e trajes.

³⁹ É quando já dentro do estádio bandeiras, bandeirões e vozes aparecem.

Contudo, através da camiseta o emblema da TOF segue junto ao corpo do membro, onde for: “Sem o nome e o signo que o materializa, o clã não é mais sequer representável. Como ele só era possível nessa condição, explicam-se tanto a instituição do emblema quanto a importância desse emblema na vida do grupo.” (DURKHEIM, 1996, p. 244⁴⁰). Abaixo, os emblemas das principais torcidas da capital.

Figura 3 - A representação dos emblemas das torcidas organizadas



Fonte: <http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-ceara>. Acesso em 22/10/2018

Os símbolos enquanto fator de identificação e diferenciação têm uma grande importância.

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição integração moral (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Usurar para si a camisa ou boné de um torcedor de um time diferente do seu constitui, para alguns, um prêmio (SANTOS, 2004), ou seja, um troféu que aliena o traço diacrítico do outro. Nos emblemas acima das principais torcidas organizadas de Fortaleza, um traço comum entre os desenhos são as expressões dos personagens, de um lado o leão de braços cruzados e musculoso e de “cara fechada”, do outro o urubu como se estivesse com raiva pronto para um “combate”. Os dois mascotes devem representar intimidação as torcidas adversárias. Tais emblemas são presentes em todos os produtos vendáveis e faixas das torcidas. Também se entende os personagens representando o engajamento que se espera de todos do grupo dispostos a cantar e incentivar o time durante os jogos, bem como

⁴⁰ DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

estarem preparados durante qualquer confronto físico que possa acontecer envolvendo as torcidas rivais. Durante as observações foi possível compreender o grau de importância que esses torcedores atribuem à camisa da Organizada. Um dos relatos representa bem isso:

Às vezes venho pro jogo de Fortaleza mas gosto mesmo é de vir de TUF, prefiro a camisa da minha organizada (Integrante da TUF durante interlocução⁴¹).

As bandeiras simbolizam a história, as conquistas e os ídolos das TOF. Através delas identifica-se a origem do subgrupo (bairro), as lideranças, as torcidas aliadas pertencentes de outros clubes⁴², além da capacidade de organização grupal. Pelo número de bandeiras exibidas pela torcida entende-se a dimensão do seu tamanho. As bandeiras também têm a função de comunicação, semelhante à bandeira nacional, ou seja, é habitual na sociedade. Dentro dos estádios juntam-se as faixas horizontais para transmitir mensagens aos jogadores, dirigentes e outros torcedores podendo ser rivais

Podemos definir o bandeirão como o principal patrimônio das Torcidas Organizadas. Em torno dele existe uma disputa particular entre as Organizadas. Representa a capacidade de mobilização e arrecadação de recursos por parte de seus integrantes, demandando ainda cuidados específicos, como a limpeza e transporte diferenciados, sendo utilizado em jogos considerados importantes, como decisões de campeonatos, jogos televisionados em escala nacional. Quanto maior o bandeirão maior deve ser a arquibancada onde será apresentado. Significa dizer que, indiretamente, a torcida tem a capacidade de reunir uma grande quantidade de membros em um grande estádio, uma ostentação de poder, mais simbólico do que de poder. Abaixo, destaco dois bandeirões da TUF.

⁴¹ Entrevista realizada na sala da diretoria na Sede no dia 16/07/2017, antes do jogo Fortaleza x Remo, pela série C do campeonato brasileiro.

⁴² Abordaremos a importância e as características das alianças criadas entre as torcidas organizadas em outro capítulo, onde tratamos das práticas de sociabilidades entre seus integrantes.

Figura 4 - Bandeirões sendo levantados no jogo Fortaleza x Paysandu série B em 20/10/2018.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Partida realizada dois dias após o aniversário do clube e contando com a boa campanha que o time estava desempenhando no campeonato. Fatores que contribuíram para uma lotação do estádio, situação oportuna para abrir os bandeirões em uma arquibancada repleta de pessoas. Reunidos num mesmo espaço físico os integrantes de uma Torcida Organizada, vestidos com camisas uniformizadas e acessórios específicos, portando, suas bandeiras, faixas e bandeirões, dão forma ao corpo da torcida. E neste caso, “tamanho é documento”, ou seja, importa e muito, porque materializa em seu símbolo diacrítico máximo o seu próprio prestígio, sua dimensão. As organizadas buscam se tornarem protagonistas durante o jogo, me atrevo a dizer que em muitos casos conseguem “roubar a cena” com seus cânticos e coreografias visando um incentivo ao time, enquanto os jogadores no gramado fazem um jogo sem tantas emoções. As TOFs buscam ser o décimo segundo jogador, como dizem.

A bateria ou “charanga” como era no passado, constitui elemento importantíssimo na performance da TOF nas arquibancadas, sem a qual esse grupo não tem “vida”. E de fato o estádio parece não ter uma certa energia que se pode lançar para o gramado quando os instrumentos não estão presentes. Por esse motivo, a bateria é a alma das torcidas organizadas. “É soltando um mesmo grito, pronunciando uma mesma palavra, executando um mesmo gesto relacionado a um mesmo objeto, que eles se põem e se sentem de acordo” (DURKHEIM, 1996, p. 240).

Ritmadas pelas batidas da bateria, a TUF, entoa gritos de guerra, incentiva o time do Fortaleza, exalta ídolos, menosprezam e agredem os torcedores adversários, principalmente a Cearamor. Ao som do funk, distingue-se das primeiras torcidas do estado, as quais animavam os estádios através do frevo e do samba. Possuindo “corpo” e “alma” as Organizadas têm vida própria.

Parecem independentes dos demais torcedores no estádio e, mesmo dividindo a estrutura física e torcendo pelo mesmo time de futebol, necessitam ser diferentes. Independentemente do comportamento, dos objetivos e dos valores defendidos pelos demais torcedores no estádio, elas participam de uma competição que muitos não compreendem. Não lhes é suficiente o time do coração vencer, elas desejam mais, desejam ser maiores e mais vibrantes que a torcida adversária; uma competição paralela e por muitas vezes considerada mais importante que o jogo dos gramados.

(...) Já fico pensando no dia do jogo já pra poder acordar cedo e ir pra sede, encontrar os nosso, e se preparar pro jogo. Se não tivesse a TUF eu não vinha não! Só venho por causa da TUF, num ligo se o time perde, ligo mais se a galera vem pouca, tem que ter todo mundo pra abafar⁴³ os “gay”⁴⁴.

3.3 OBSERVAÇÃO EM DOIS ATOS: AS ARQUIBANCADAS TÊM VIDA

Importante ser destacado, em concordância com que foi destacado na introdução desse trabalho, que a realização de uma pesquisa com integrantes de Torcida Organizada é algo complexo, sobretudo quando se fala na realização de entrevistas. Desta forma, a descrição selecionada neste capítulo segue princípios de uma observação durante dois jogos consecutivos.

Algumas entrevistas e demais coletas de informações realizadas durante a pesquisa serão apresentadas e analisadas na seção seguinte, constituindo-se em etapas igualmente importantes, já que muitos dos registros feitos a partir das observações no campo de pesquisa precisavam ser problematizados e comparados, antes de constar neste trabalho.

Escolhi, como objeto de descrição, dois jogos envolvendo o Fortaleza Esporte Clube e o Ceará Sporting Club, por considerar a relevância dessas partidas no contexto do campeonato cearense de 2018, além dos significados que a vitória ou a derrota trariam aos clubes e aos seus torcedores, sobretudo, por entender

⁴³ Coletado durante o jogo Fortaleza x Ceará, no dia 04/04/2018, válido pelo campeonato cearense.

⁴⁴ Refere-se a torcida adversário, no caso a Cearamor.

que esses encontros atenderam indagações de pesquisa e contemplaram a maioria dos registros importantes identificados nos demais jogos que acompanhei.

Ato 1 Ceará x Fortaleza - dia 04/04/2018

Fortaleza e Ceará iriam disputar o primeiro jogo da final do campeonato cearense. O Ceará, o time da “casa⁴⁵”, buscava aumentar a sua galeria de troféus e sacramentar o 45^a título estadual; evitar o bicampeonato do rival, era a missão do Fortaleza, de “visitante”.

O jogo estava programado para as 21h45min no estádio Arena Castelão, em uma quarta-feira, localizado aproximadamente a 50 minutos de minha residência, no bairro de Antônio Bezerra. Esse percurso, contudo, poderia se transformar em mais de uma hora de deslocamento, dependendo do horário escolhido para sair de casa. Por volta das 18 horas já estava jantando e preparando-me para seguir ao estádio, pois não pretendia perder os detalhes da movimentação no entorno do campo.

Tomei um Uber perto das 19 horas, e mesmo com uma movimentação já intensa na avenida Doutor Silas Munguba, desci no ponto desejado, a cerca de 600 metros do Castelão em uma pracinha ao lado do Banco do Nordeste, por volta das 20 horas e 10 minutos. Durante o deslocamento escutava o som das buzinas de torcedores em carros saudando outras pessoas nas calçadas.

As torcidas têm caminhos que a polícia aconselha seguir em dia de clássico, a do Fortaleza pela avenida Deputado Paulino Rocha; a do Ceará pela avenida Alberto Craveiro. Optei pela Doutor Silas Munguba por morar no Antônio Bezerra e o trajeto ser mais rápido.

⁴⁵ No clássico-rei, como é conhecido a partida entre Fortaleza e Ceará, os mandos de campo são sorteados pela Federação Cearense de Futebol. Aquele que vence, tem o direito de usar o setor premium e especial da Arena Castelão, colocando a seu favor no mínimo mais cinco mil torcedores. Na outra partida acontece o mesmo envolvendo a torcida do outro time.

Figura 5 - Divisão espacial da chegada dos torcedores ao estádio



Fonte: <http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/futebol/campeonatocearense/> Acesso em 18/04/2018.

Tal divisão é necessária para tentar coibir qualquer tipo de violência no trajeto dos torcedores. A separação acontece não só no estádio, mas como podemos ver nas ruas e nos terminais de ônibus. Em todo clássico-rei acontece a mesma coisa.

As ruas e avenidas que dão acesso ao “campo” ficam tomadas por vendedores ambulantes, comercializando produtos variados como camisas, bonés, bandeiras, bebidas, guardadores de carros em estacionamentos que em dias que não há jogos são terrenos sem uso específico, além dos alimentos, o que nos proporciona sentir de longe um cheiro agradável de “espetinho de gato”, como é conhecido pelos torcedores locais o churrasco vendido em churrasqueiras improvisadas acopladas em carrinhos no meio das ruas, além de outros alimentos. À medida que me aproximava das entradas do público, mas ainda no lado de fora do estádio, sentia o cheiro do “espetinho de gato” misturado com o cheiro dos cavalos do policiamento montado, que entre alguns galopes acabavam defecando criando obstáculos a passagem dos torcedores.

Como já havia conseguido o ingresso durante a semana do jogo entrei logo no estádio, por volta das 20h40min, ficando no setor situado entre as duas organizadas do Fortaleza, JGT⁴⁶ e TUF, mais próximo da segunda TOF, pois assim

⁴⁶ A polícia faz uma separação entre as torcidas de Fortaleza e Ceará, tanto na arquibancada superior quanto na inferior (setor bossa nova) e a poucos metros de cada organizada fica um cordão de

poderia registrar a agitação da Torcida Uniformizada do Fortaleza à minha esquerda, e as torcidas organizadas do Ceará, Cearamor e MOFI, ao meu lado direito. Com a câmera do meu celular e um bloquinho de notas e caneta, procurava registrar tudo que fosse possível. Alguns torcedores me observavam até que um chegou perto de mim, “vestido de JGT”, aparentava não ter mais de vinte anos e perguntou: “ei brother, tá anotando o quê?”. Naquele momento fiquei um pouco desconfortável, mas lembrei que o trabalho etnográfico envolve mesmo isso, observar e ser observado. Então respondi que ali estava tirando algumas fotos para um trabalho e anotando algumas movimentações. Ele me respondeu: “pois tira foto lá da gente, vamos agitar esse jogo e os urubu vão ficar tudo calado”. Saiu dando risada.

O estádio não recebera um grande público, mesmo se tratando de um clássico-rei e em uma final de campeonato cearense, foram assistir o primeiro jogo da final 18.312 torcedores⁴⁷. Já passavam das 21h35min quando o time do Fortaleza pisou no gramado, seguido quase que simultaneamente pelo time do Ceará. Uma grande euforia tomou conta de todos os recantos do estádio Arena Castelão. Ao meu lado, um torcedor quase “rouco” e sem voz, repetia incontroladamente em direção a divisória que separava as duas torcidas dirigindo-se aos torcedores do Ceará: “hoje o Leão vai comer a vovozinha”. Fazendo gestos obsceno. Então, como uma avalanche que vem de repente, a torcida do Ceará começava os gritos de guerra⁴⁸: “Tu é mais que um vício, tu é mais que amor, é por você que eu vivo, meu poderoso vovô... ô, ô ,ô... meu poderoso vovô[...]”. Imediatamente a TUF respondia: “Dá-lhe, dá-lhe tricolor, tricolor, tricolor... dá-lhe, dá-lhe, tricolor, tricolor... viemos pra ti apoiar, Fortaleza, meu amor... eu respiro tuas cores, vermelho, azul, branco [...]”.

A entrada dos times no gramado é o ponto alto do espetáculo do futebol. Como uma espécie de cerimonial religioso os atletas saúdam suas torcidas, as animadoras de ambas as equipes correm em direção aos torcedores nas

policiamento. O tempo todo o Movimento Organizado Força Independente (M.O.F.I) fica trocando xingamentos com a Jovem Garra Tricolor.

⁴⁷ Disponível em <http://globoesporte.globo.com/ce/futebol/campeonato-cearense/jogo/04-04-2018/ceara-fortaleza/>. Acesso em 18/08/2018.

⁴⁸ Considero “gritos de guerra” todas as músicas ou cantos produzidos pelas torcidas nos estádios e que tenham a função de incentivar os clubes. Através das Torcidas Organizadas, esses cantos passaram a ser dirigidos para insultar as torcidas adversárias, em alguns jogos sem ser clássico-rei os cânticos de xingamento são entoados mesmo sem a presença da torcida adversária por todo público presente.

arquibancadas, movimentando pompons enquanto a gritaria toma conta do estádio que deixa todos os presentes quase que surdos, em seguida, os jogadores posicionam-se para os registros dos fotógrafos e perfilam-se, lado a lado, para que o hino nacional seja executado, por sinal, é abafado pelos cânticos das Torcidas Organizadas, que continuam as provocações recíprocas e contínuas, e poucos são os torcedores que adotam uma posição de reverência ao hino.

Após a conclusão do hino e dos cumprimentos regulamentares do “fair play⁴⁹” recomendado pela FIFA, entre os jogadores das duas equipes, começa uma saudação aos presentes pelo locutor do estádio. Em seguida, quando todos aguardam apenas o início da partida, as duas torcidas chamam para si todas as atenções do estádio ao exibirem seus “troféus”, várias bandeiras de mastro são expostas, tremulando os símbolos das torcidas. A TUF cantava a todos os pulmões: “quem for da TUF pode se juntar quem não for vamos quebrar”. Uma espécie de chamamento para que todos cantem as músicas iniciadas pela bateria. A Cearamor, continuava os mesmos cânticos mencionados anteriormente. É algo que chama muito a atenção, pois essas músicas cantadas com tanta empolgação simboliza que nenhuma torcida quer “sair por baixo” em relação a rival. Um jogo em si já causa um certo engajamento dos componentes da organizada na hora do canto, já um clássico gera um plus a mais na garra desses torcedores e claro, os que não são das TOFs acompanham estas nas músicas. É uma verdadeira contaminação que aquela multidão tem ao iniciar a partida mediante gritos.

Passada a euforia que antecedeu o início da partida, o jogo começou e as atenções se voltaram para o desempenho dos atletas, contudo, minha atenção se dividia entre as dinâmicas e performances das TOF e dos torcedores comuns, sem, contudo, descuidar dos detalhes da partida. Sempre que um dos times criava uma oportunidade real de gol, a torcida Leões da TUF do lado “tricolor”, e a Torcida Organizada Cearamor do lado “alvinegro”, encarregavam-se de incentivar os demais torcedores de seus respectivos times. O Ceará fez dois gols no primeiro tempo para euforia dos alvinegros no estádio, gerando provocações que partiam desses torcedores localizados próximos a divisa que separava a torcida do Fortaleza.

⁴⁹ Expressão utilizada como incentivo ao futebol “limpo”, sem violência e com respeito entre os participantes, incluindo torcedores e dirigentes dos clubes. Como recomendação da FIFA, os jogadores das equipes adversárias se cumprimentam antes do início dos jogos.

Quase no final do primeiro tempo, bem próximo a mim, um torcedor do Fortaleza correu em direção ao limite físico que separava as duas torcidas, imposto pelo policiamento do estádio, revidando com gestos e palavras as provocações dos torcedores do Ceará. A reação do policiamento foi imediata, e ao tentar retirar um torcedor mais exaltado, o Policial Militar foi cercado por outros torcedores, incluindo integrantes da JGT. Pelo menos uma dezena de policiais chegou como apoio ao colega gerando um pequeno confronto entre a torcida e o policiamento.

Do outro lado da divisa os torcedores do Ceará, em especial componentes da MOFI, comemoravam cada empurrão dos policiais contra os “desafetos tricolores” como se fosse um gol de sua equipe. Fui me aproximar para ver melhor a cena e tentava anotar e fotografar, mas infelizmente não tive como tirar uma boa foto pelo fato de proteger meus olhos e nariz do forte cheiro e ardor do gás de pimenta que se espalhava pelo ar, trazido pelo vento. Agora, todos nós estávamos diretamente ou indiretamente envolvidos no conflito.

Tudo aconteceu num tempo aproximado de 10 minutos, entre o final do primeiro tempo do jogo, terminando apenas quando a partida tinha sido paralisada em virtude do intervalo. Ao final do conflito os torcedores do Ceará aplaudiram o policiamento, ao coro da torcida: “afasta, afasta, afasta!”, enquanto os “tricolores” protestavam: “vergonhaah, vergonhaah, vergonhaah, polícia sem vergonha!”.

Passados os piores momentos do conflito, o jogo transcorreu no segundo tempo apenas com a emoção de um gol do Fortaleza, determinando o placar final favorável ao Ceará por 2 gols contra 1. Após o apito final do árbitro, os torcedores do Fortaleza tiveram que deixar o estádio primeiro que os do Ceará, por recomendações de segurança do policiamento, contudo, os que estavam mais próximos da divisa de nossos espaços físicos anunciavam que na outra final, que seria no próximo domingo, data que marcaria a segunda e decisiva partida do título, o “troco” seria dado aos torcedores do Ceará: “Lá no próximo jogo vai ser diferente, o mando de campo é nosso, vocês vão se foder!”, exclamava um torcedor mais exaltado.

No entanto, enquanto os torcedores do Fortaleza deixavam o estádio, tristes e cabisbaixos, os torcedores do Ceará comemoravam a vitória e a torcida Cearamor, mais uma vez, conduziu parte do estádio a entoar um coro dirigido ao rival: “E vai rolar a festa, vai rolar, o povo alvinegro mandou avisar!”

O caminho de volta para casa seria mais longo, já que necessitei chamar o Uber, porém, poucos carros estavam pela região e muitos cancelavam e o jeito foi ter que andar até um ponto mais distante, cerca de um quilômetro de distância do estádio para tentar achar um moto taxi.

A caminhada foi sempre movida aos comentários pós-jogo, produzidos pelos torcedores mais experientes e cautelosos, que normalmente preocupam-se em chegar logo em suas residências com receio da violência e dos transtornos produzidos pelos mais exaltados nas ruas da cidade após um grande clássico.

A este grupo me integrei e fomos caminhando até um posto de combustível onde pude enfim pagar a corrida do moto taxi, chegando em casa por volta da meia noite e cinquenta minutos. Era o fim do primeiro ato.

Ato 2 Fortaleza x Ceará – 08/04/2018

Domingo de sol em uma cidade como Fortaleza, banhada pelo mar, o futebol concorre com a praia, mas tratando-se de clássico decisivo é importante chegar cedo ao estádio, garantir o ingresso e um bom lugar. Foi o que fiz. O mesmo “ritual” de deslocamento para o “campo” foi seguido, agora com o almoço e a saída de casa tiveram que ser antecipadas, considerando que a segunda e decisiva final levaria mais público, mais trânsito e foi isso mesmo que aconteceu. Com a presença de 40.920 espectadores foram à Arena Castelão naquele domingo. O mesmo “cheiro de estádio”, os ambulantes, os ônibus cada vez mais lotados, os veículos buzinando, as provocações dos torcedores adversários, tudo dentro da mesma lógica de um grande jogo de futebol, de um clássico decisivo na cidade de Fortaleza, visto e revisto tantas vezes em minha pesquisa de campo.

Minha vestimenta era uma camisa branca de algodão, bermuda jeans e tênis branco. Algo que ficaria bem parecido com o padrão utilizado pelos componentes da TUF. Eles falam muito na padronização da torcida na arquibancada, o chamado “mar branco”. Uma torcida organizada presa muito pelo o seu visual, não apenas de faixas, bandeiras, bandeirões, mas também os seus membros que materializam o corpo da organizada.

As camisas, a bateria e as bandeiras das organizadas estavam lá presentes no estádio, as arquibancadas estavam mais cheias, em meio a tudo isso o semblante do torcedor ‘tricolor’ estava mais agitado, pois o time para se sagrar campeão precisaria reverter a derrota sofrida no primeiro confronto das duas equipes.

A separação das torcidas continuava e com mais policiais, justamente pelo fato do público ser maior e o esquema de segurança também deveria ser. Para evitar os episódios da final de 2015 onde houve invasão de campo de ambas as torcidas. Então a divisão das torcidas já se observava no estacionamento da Arena Castelão com grades, tapumes e policiais. Facilmente você observava os carros dos torcedores do Ceará do outro lado e alguns deles se dirigindo as escadas para subir à esplanada que dar acesso a entrada das arquibancadas. Torcedores gritavam xingamentos.

Os cânticos provocativos começam antes mesmo de entrar no estádio, o funk com as músicas das torcidas estourava os sons dos carros. Poderia escutar facilmente as músicas das organizadas do Ceará.

Figura 6 - Divisão no estacionamento do estádio de ambas as torcidas



Fonte: Elaborado pelo autor

O estacionamento é o lugar mais próximo que as torcidas se encontram dentro do próprio estádio. Há pouquíssimos metros os carros “dividiam” o mesmo espaço geográfico, mas ao mesmo tempo a separação era gigantesca. Não podiam ficar juntos. Pude constatar atos de violência verbal por parte de torcedores comuns.

Me dirijo ao setor de letra H onde havia ficado na primeira partida, ali tinha uma visão completa da organizada e poderia ver a movimentação do estádio como um todo. Quando os times entraram em campo, simultaneamente agora, a TUF ficou

com balões brancos a mostra e seu cântico já conhecido aqui: “Quem for da TUF pode se juntar, quem não for vamos quebrar”. E aumentava ainda mais o som cada vez que era entoado.

Figura 7 - Torcedores organizados e comuns erguem balões distribuídos pela TUF 08/04/2018



Fonte: Elaborado pelo autor

Estava um pouco abafado e quente naquela arquibancada mesmo sendo coberta. A arquitetura do estádio faz com que a sensação fique de abafamento e calor, até mesmo em jogos noturnos. Quando algum lance de perigo surgiu do time do Fortaleza, torcedores comuns tentavam animar e incentivar os demais como as organizadas fazem. Era o clima de final e de não querer perder o título para o Ceará que causava essas ações. Mas o primeiro grito de gol foi ouvido no lado alvinegro do estádio, no primeiro tempo.

Um “balde de água fria” para os torcedores do Fortaleza, muitos colocavam a mão na cabeça, outros xingavam a marcação do time que permitiu a finalização adversária. O gol foi o suficiente para “incendiar” o lado alvinegro do estádio, pois os demais torcedores do Ceará, na inferior, cadeiras e demais arquibancadas, como em um grande coro, começaram a entoar um grito característico daquela torcida organizada, mas que estava preso pela ameaça de gol do adversário, visto que o time ‘tricolor’ criava boas oportunidades para abrir o placar: “uh, é Cearamor uh é Cearamor!”. Alguns torcedores alvinegros juntos a

divisa que separava as duas torcidas começavam a fazer gestos de provocação, xingamentos. Torcedores do Fortaleza respondiam os insultos. Eu olhava para os policiais em busca de qualquer reação, mas pareciam impotentes, e assim ficaram durante todo o jogo sempre que o coro foi repetido de ambos os lados.

O jogo seguiu cheio de emoções, até que, quase no final do primeiro tempo, veio outro descontentamento para os torcedores do Fortaleza, havia um pênalti para ser cobrado a favor do time leonino, mas então o atleta tricolor desperdiça chutando na trave. Era uma espécie de “gol às avessas” e a mesma reação que torcedores alvinegros tiveram no primeiro tento, repetiram naquele momento. Alguns torcedores se entreolhavam, incrédulos e ao mesmo tempo já começando a aceitar que viria o pior naquelas circunstâncias: a derrota e o título para o maior rival. Durante o intervalo as provocações típicas entre os torcedores continuaram existindo, contudo, sem nenhum incidente. O jogo foi reiniciado, o Fortaleza precisava reverter o resultado a todo custo. Os torcedores agora mal cantavam, era tensão pura dos dois lados. Mas para o Ceará e seus torcedores o tempo era aliado, a cada parada na partida como uma falta sem perigo, escanteio a favor do alvinegro ou coisa parecida, os torcedores começam a cantar novamente como uma espécie de alívio momentâneo. Já no lado do Fortaleza os seus torcedores se irritavam ainda mais com a performance do time em não conseguir converter ataques em gols.

Um lance a favor do Fortaleza acontece, um gol mas sendo anulado e mais um motivo de zoação por parte dos torcedores do Ceará e mais irritação pelos tricolores. A coisa seria definida faltando pouco mais de 10 minutos para acabar o jogo quando o time alvinegro conseguiria marcar o seu segundo gol e assim sacramentando o título estadual. Menos de cinco minutos, membros da TUF retiravam as faixas colocadas na arquibancada inferior em um gesto de aceitação da derrotada do time.

A saída do estádio foi um tanto tranquila, visto que muitos torcedores já tinham deixado o estádio. As pessoas andavam de presa como se não quisessem está mais ali de jeito nenhum. Eu fui caminhando lentamente e observando tudo, alguns ficavam nas barraquinhas de lanches conversando e fazendo suas “análises” da partida, outros só bebiam e comiam calados e a polícia, em especial a cavalaria, passava entre os torcedores calmamente. Chamei um moto taxi que estava a uns 200 metros do estádio e voltei para casa por volta das 7h30minutos.

A observação selecionada constitui parte significativa da pesquisa de campo, contudo, minhas observações e registros não se limitaram a participação em dias de jogos nas arquibancadas da Arena Castelão, assim acessei bancos de dados para entender melhor a dinâmica da presença dos torcedores nos estádio.

3.4 "TORCIDA ORGANIZADA AFASTA O BOM TORCEDOR DO ESTÁDIO"

Como possibilidade de esclarecer um entendimento sobre a causa de públicos baixos nos estádios de futebol ser atribuído à violência, dentro e fora das praças desportivas de Fortaleza, sobretudo por torcidas organizadas, busquei nas estatísticas do comparecimento do público desmentir a sentença "torcida organizada afasta o bom torcedor do estádio". Assim fazendo um levantamento da média de público das competições de futebol do Estado do Ceará em fontes preciosas de pesquisa como a Federação Cearense de Futebol (FCF), através de sua "home page" e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Stochos em 2015, que atua na área de esportes e entretenimento, "a violência afasta os torcedores dos estádios": 43% (quarenta e três por cento) de torcedores de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal deixam de ir a jogos por conta deste medo. Para 84% (oitenta e quatro por cento) destes torcedores entrevistados, "as torcidas organizadas são responsáveis pela violência no futebol"⁵⁰.

Com esses dados, o presidente interino da TUF se manifestou. Segundo ele, a visão é um pouco deturpada, pois a organizada tenta combater e fazer projetos sociais para desmistificar essa imagem:

Nós tentamos combater a violência dentro da torcida organizada. É a minoria de pessoas que se infiltra e faz a violência. Acho que os verdadeiros culpados devem pagar e não todos. O certo seria que o poder público afastasse os que se envolvem em confusão. Apenas uns 5% desconstrói tudo, nós vivemos uma sociedade totalmente violenta e o maior culpado disso não é o futebol. É um aspecto mais amplo. Não podemos generalizar, mas nossa missão é reeducar o torcedor⁵¹.

Desta forma, considerando que a pesquisa apontou como principal causa de afastamento do torcedor dos estádios "a presença das Torcidas Organizadas", o indicativo que penso importante para ratificar, ou contestar, esses resultados é a

⁵⁰ Disponível em: <https://tj-rj.jusbrasil.com.br/noticias/181413802/violencia-e-a-principal-responsavel-peloafastamento-de-torcedores-dos-estadios-revela-pesquisa>. Acesso em 20/09/2018.

⁵¹ Entrevista realizada na sede da torcida em 12/10/2018.

análise da presença de público nos estádios locais nos últimos anos. Em caso de confirmação da hipótese “torcida organizada afasta o bom torcedor do estádio” sugiro que a principal repercussão seria a diminuição da média de público dos estádios.

Assim, analisando os números relativos à quantidade geral e a média de público, dos campeonatos cearense e brasileiro⁵² de futebol dos últimos quatro anos (2015 e 2018), divulgados pela própria FCF e Confederação Brasileira de Futebol, dediquei atenção em compreender qual relação se deu entre a presença das Torcidas Organizadas nos estádios e a média de público nesse espaço temporal. Os dados pesquisados são apresentados nas tabelas abaixo.

Tabela 1 - Total e média de público do campeonato cearense de futebol

ANO	PÚBLICO TOTAL	MÉDIA DE PÚBLICO	NÚMERO DE JOGOS
2015	258.914	3.407	76
2016	193.010	2.681	72
2017	200.258	3.283	122
2018	238.058	3.607	66

Fonte: FCF

Os dados sugerem que ao longo do período considerado, em dois anos, 2016 e 2017 houve queda na média de público e de público total nos estádios cearenses, tendo por referência o ano de 2015. Entretanto, a média no estadual cresceu no último ano, chegando a 3.607 (três mil, seiscentos e sete) torcedores por jogo, muito em função da subida dos times da capital de divisão, Fortaleza para a série B e Ceará para a elite do campeonato brasileiro. Já a presença do público dos dois times da capital em campeonatos brasileiros nos mesmo anos analisados seguem nas tabelas 2 e 3.

⁵² Nesta competição, apenas os jogos e público total de Fortaleza e Ceará nas competições nacionais e nos respectivos anos.

Tabela 2 - Total e média de público do Fortaleza no campeonato brasileiro

ANO	PÚBLICO TOTAL	MÉDIA DE PÚBLICO	NÚMERO DE JOGOS
2015	141.092	14.192	10
2016	173.85	17.385	10
2017	218.099	18.175	12
2018	423.187	22.273	19

Fonte: CBF

Tabela 3 - Total e média de público do Ceará no campeonato brasileiro

ANO	PÚBLICO TOTAL	MÉDIA DE PÚBLICO	NÚMERO DE JOGOS
2015	314.013	16.527	19
2016	210.501	11.079	19
2017	390.551	20.555	19
2018	413.307	21.753	19

Fonte: CBF

Nos campeonatos de 2016 até 2018, nas tabelas 2 e 3, existe uma subida de média de público pelas duas torcidas. A quantidade de jogos implica dizer que aumentaria também o número de possíveis “confrontos” envolvendo torcidas organizadas, pois a presença dessas entidades no estádio seria mais recorrente pelo volume de partidas disputadas em Fortaleza. Porém, os números mostram que a tendência é sempre o público ser maior, consequentemente não existindo qualquer relação da presença das TOFs com a diminuição de público já que sempre esses grupos estão lá. Outros fatores podem retirar torcedores do estádio para além da violência como por exemplo pacotes de transmissão de jogos – pay per view – por canais fechados de assinatura e o desempenho das equipes nos campeonatos em que disputam. O resultado esperado nessa equação seria – possível insucesso dos times, concorrência dos pacotes de TV fechada, e atribuição de atos de violência às torcidas organizadas, sobretudo pela mídia local – seria, obviamente, a redução do público nos estádios de futebol no estado do Ceará. Contudo, mesmo com todos essas variantes, os dados relativos à quantidade total de público e as crescentes

médias anuais, sinalizam uma direção contrária.

No capítulo seguinte, pretendo expor algumas considerações sobre a Torcida Uniformizada do Fortaleza, discorrendo sobre suas práticas de sociabilidades, sobre as mudanças na forma de torcer introduzidas por esse grupo nos estádios locais, suas formas de identificação e representatividade, possibilitando uma análise para além da violência.

4 TORCIDA UNIFORMIZADA DO FORTALEZA E SUAS PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES

Torcidas Organizadas de Futebol na visão de muitos profissionais e intelectuais, principalmente comentaristas esportivos (que buscam no sensacionalismo à audiência a todo custo), simpatizantes ou não do futebol, de não passar de um grupo de jovens contraventores vindo das classes econômicas menos abastadas e sem nenhum sentido de existência, e que tem como único ato a violência. Essa imagem altamente negativa e estigmatizada repercute nas mais diversificadas “qualificações”, como “marginais”, “galeras”, “vândalos”, “bando”. Opiniões sem aprofundamentos a respeito desses grupos de torcedores são mostrados em programas esportivos de grande circulação, em parte, atendendo ao clamor por uma solução para os problemas da violência nos estádios. Essas percepções, que são encontradas também no discurso do senso comum altamente influenciadas pelo discurso da mídia, são insuficientes para compreender o fenômeno estudado em todas as suas especificidades.

Dado isto, compreender o grupo social Torcida Organizada através de outra visão, buscando entender sua organização social, práticas de sociabilidades e por suas repercussões na dinâmica atual do futebol brasileiro, pareceu-me o caminho mais seguro que possibilitará percepções mais críticas e menos influenciadas sobre o objeto estudado.

4.1 É APENAS UM BANDO?

A visão estereotipada⁵³ existente sobre a TUF é parecida ao que acontece na maior parte do Brasil com as demais TOFs, concebendo a esses grupos como um agregado, ou seja, uma reunião de pessoas frouxamente aglomeradas que apesar da proximidade física tem um mínimo de comunicação e de relações sociais. Por esta visão, associam-se a um grupo inteiro de pessoas certas características que uma ou poucas pessoas conhecidas possuem. Os meios de comunicação de

⁵³ Os estereótipos baseiam-se em características não comprovadas e não demonstradas, atribuídas a pessoas, coisas e situações sociais, mas que, na realidade, não existem. Os principais estereótipos referem-se à classe, etnia e religião. Pelo fato de um estereótipo salientar qualidades em vez de defeitos, não significa que deixe de ser estereótipo (LAKATOS & MARCONI, 1999, p.109).

massa têm grande colaboração na difusão desses estereótipos. Por outro lado, a inserção no campo de pesquisa possibilita outras percepções, conforme propõe Toledo (2008):

(...) uma análise mais atenta desses hiatos coloridos, que emergem na multidão torcedora, permite observar uma intrincada rede de práticas e condutas, tais como amizade, companheirismo, identidade, hierarquia, disputa, conflito, que transcende os usos da noção estereotipada e reificada daquilo que denominamos comportamento de massa, indo além da imediata identificação catártica com os times envolvidos". (TOLEDO, 2008, p. 129)⁵⁴

Em nenhum dos contatos que mantive com os componentes da torcida, ou nas observações feitas dentro e fora dos estádios, percebi qualquer orientação para a prática de atos violentos. Ao contrário, observei que há uma constante orientação para que sejam identificados os “maus torcedores⁵⁵” inseridos no grupo, de forma que sejam afastados. Percebi que muitos integrantes não comparecem as reuniões com as lideranças, espécie de “momento pedagógico”, normalmente realizado antes dos jogos ou das caminhadas⁵⁶, e optam por deslocamentos em grupos menores formados por 10 a 20 pessoas e sem qualquer controle dos líderes.

A falta de cadastro atualizado, sugiro, é o maior problema enfrentado pelas lideranças das TOFs, já que esses grupos menores “dispersos” possivelmente são os responsáveis pela maior parte dos atos de violência ocorridos fora dos estádios e, pelo fato de utilizarem camisas e outros símbolos distintivos da Organizada, suas práticas violentas são vinculadas ao grupo maior. Entretanto, dentro do estádio há maior controle por parte das lideranças o que se traduz no menor índice de episódios violentos.

A proposta de uma Torcida Organizada não é de ser uma “massa”, considerada inferior porque ela não desponta da “individualidade plena de cada um e de seus participantes, mas daqueles fragmentos de cada um que coincidem com os demais” (SIMMEL, 2006, p. 50), consiste em uma coletividade identificável, estruturada e contínua de pessoas que desempenham papéis recíprocos, seguindo determinadas normas, interesses e valores sociais para a consecução de objetivos

⁵⁴ TOLEDO, 2008; In MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

⁵⁵ Termo empregado aos torcedores organizados, principalmente pela imprensa local, sempre que algum incidente nos estádios é atribuído a esses grupos.

⁵⁶ Como os torcedores organizados chamam os deslocamentos realizados entre a sede da torcida ou um ponto de encontro para o estádio, em dias de clássicos. Durante a pesquisa acompanhei uma delas, mantendo uma distância necessária para a observação, conforme detalho mais adiante.

comuns (Fichter, 1973, p. 140, apud Lakatos & Marconi, 1999, p. 119). Neste sentido, aproxima-se da definição de associação dada por Gilberto Freyre⁵⁷.

Definida por Simmel como sendo a “forma lúdica da sociação”, a sociabilidade é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses e o prazer na própria união social.

Reuniões econômicas, irmandades de sangue, comunidades religiosas, bandos de bandidos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado (SIMMEL, 2006, p.64).

O integrante de uma Organizadora deve saber que suas ações são refletidas no grupo da mesma forma que as ações do grupo são refletidas nele, e ele espera ser reconhecido enquanto um sujeito que contribua ativamente para a organização que faz parte.

Como grupo social a torcida necessita de identificação, ou seja, ser reconhecida pelos “de dentro” e pelos “de fora”, e de uma estrutura social, já que seus integrantes ocupam posições relacionadas e interdependentes.

Passo agora a procurar entender a inserção de jovens dentro da Torcida Uniformizada do Fortaleza através de seu “batismo”.

4.1.1 O ritual de batismo

A partir dos anos 1970 o pertencimento clubístico⁵⁸ dos torcedores, expressado não só através do apoio ao clube nas arquibancadas, se generalizou por todos aqueles que acompanham o futebol, (Toledo, 1996). Sem o apoio e defesa de um time, tal pertencimento não pode existir. Os pais ou pessoas mais próximas são os principais responsáveis por levarem as crianças para frequentar os estádios de futebol, acompanhando as partidas, as conquistas de títulos e construindo uma afinidade do pequeno torcedor com o time.

Pelos vários estádios brasileiros observam-se a presença de bebês e crianças acompanhados pelos responsáveis como uma forma de transmitir uma herança em relação à escolha do clube de futebol. Os jovens que analiso suas falas

⁵⁷ FREYRE, G. Sociologia: **Introdução ao estudo dos seus princípios**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973. 2 v.

⁵⁸ A escolha de um time e seu apoio durante a vida como torcedor nasce na infância, como já defendi na introdução dessa pesquisa. O engajamento para com o clube é essencial na vida de qualquer torcedor comum, já para um de organizadora o pertencimento se divide também com a sua TOF.

também destacam a influência do contexto familiar pela escolha de apoiar o Fortaleza Esporte Clube e entrada na torcida organizada.

Meu pai sempre frequentou o estádio e sempre me levava pequeno com ele, mas ele nunca frequentou torcida organizada, nunca gostou. Mas, a partir do momento que ele me levava, né? Aí começou a crescer o sentimento em mim, naquilo... massa aquilo ali... bandeira, os gritos, os cantos, né, tipo, é diferente. Então, você com 11, 12, 13 anos, você está em formação... a sua cabeça, sua personalidade, caráter. E pra mim, naquela época, era lindo, maravilhoso, muito massa mesmo, tu tá entendendo?... Aí, conforme o tempo foi passando, né... 12, 13, 14, aí eu acho que com 15 anos eu já comecei a ter aquele sentimento, né? Comprar camisa, juntar dinheiro, comprar camisa da torcida... Não saía ainda junto, mas já tinha camisa. Comprava, né? Aí, com 16 anos já fui para um jogo sozinho... Aí, já ficava lá no meio. Aí hoje tô com um ano de torcida. [...] (Componente masculino de 18 anos).

O relato desse jovem demonstra a influência do seu pai em relação à escolha do clube de futebol e sobre a forma como se deu o seu “encantamento” pela torcida organizada. Geralmente, no início da fase da juventude, os jovens passam a se distanciar da família e a formar grupos, como forma de constituírem identidades, sejam eles na igreja, em uma banda de rock, na prática de algum esporte, movimento social e uma torcida.

Com a TUF não foi diferente, de acordo com o relato acima o torcedor se insere na torcida organizada com o objetivo de apoiar o clube de futebol, adquirindo a camisa e frequentando os estádios, geralmente na companhia de amigos que acaba fazendo dentro da organizada. Porém só isso não é o bastante “para ser da torcida”, precisaria passar pelo batizado.

Com a expansão da Torcida Uniformizada do Fortaleza, a partir dos anos 2000, que representava mais componentes, os torcedores passavam por um ritual conhecido por “batismo” que se divide em dois, ao entrar para a torcida e quando for para uma caravana⁵⁹. Significava conhecer a história da torcida.

Para isso, dois finais de semana com os diretores e demais componentes mais antigos, a fim de passar toda a trajetória da torcida até aquele momento, o que é uma torcida organizada, os procedimentos permitidos dentro da sede e proibidos – uso de drogas é um exemplo. Em uma dessas reuniões pude acompanhar a presença de lideranças e dos mais novos associados.

⁵⁹ As caravanas são caracterizadas quando a torcida aluga vários ônibus para viajar acompanhando o clube de futebol.

Figura 8 - Novos associados assistindo palestra em 25/11/2017



Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse momento, também são entregues as novas carteirinhas, camisas e alguns brindes como chaveiros, adesivos e bonés da torcida. O meu entrevistado ao ser perguntado a respeito do seu batismo, bem como a fala dos diretores, respondeu:

Ahh meu fi, no dia da caravana me deram um salga, a galera fez um "corredor polonês"⁶⁰ dentro do ônibus, né, aí falaram... "Tu tem que passar correndo com a mão na cabeça". Levei umas porradas na cabeça, mas corri rápido, foi de boa. Depois disso foi só lazer. Agora sobre o dia da palestra, a galera foi gente boa com a gente, explicou direitinho... É como eles falaram, somos um movimento social que busca apoiar um time. É isso aí... O problema é que muitos não tem consciência das coisas... Aí cai nas costas da instituição as punições. É mais fácil punir a torcida como um todo do que ir atrás do que fez a coisa errada. [...] (Componente masculino de 21 anos, 1 ano de torcida)

A princípio o ritual de "batismo", através do "corredor polonês", não é obrigatório para quem faz a filiação, apenas quando vai participar da primeira viagem com o grupo e faz crê que não possui qualquer relação com a violência, ao contrário, o jovem ressalta que este episódio é visto como um momento de lazer, o que pode ser visto através de palavras como "de boa", "só lazer", com uma aspecto de diversão.

⁶⁰ Essa prática também é presente nas artes marciais como o Judô e Jiu-jitsu, acontece basicamente quando o aluno é aprovado no exame de faixa. O então graduado deve passar correndo no meio de uma fila de pessoas de ambos os lados, que dão "faixadas" no que foi aprovado.

Esse ritual possui semelhanças com os rituais de batismos realizados por outras torcidas organizadas. Teixeira (1998, p. 96), ao estudar as Torcidas Jovens Cariocas, especialmente, a Torcida Jovem do Flamengo (TJF), a Torcida Jovem do Botafogo (TJB), a Força Jovem do Vasco (FJV) e a Young Flu do Fluminense (YF), constatou que o ritual de “batismo” é caracterizado como um momento de afastamento das “obrigações e compromissos” em relação à vida cotidiana. Além disso, o ritual concebe um novo estatuto para o jovem através do poder adquirido ao vivenciar o “batismo”. Sendo assim, “passar por estas provas significa confirmar o pertencimento adquirindo um status frente aos outros que não viveram essa experiência” (TEIXEIRA, 1998, p. 117).

4.1.1.1 Projetos sociais desenvolvidos pela TUF

Após esses apontamentos em relação à inserção de um jovem na torcida através do ritual de “batismo”, destaca-se, mais uma vez, que desde os primórdios da formação da TUF, eles instituíram o lema “a força da galera desde 1991”. Com o passar do tempo o lema deixou de significar apenas a união de todos em prol de apoiar o Fortaleza para também realizar ações beneficentes, filantrópicas ou assistencialistas. O importante é compreender o interesse por traz dessas ações, ou seja, o que a torcida espera com a divulgação desses atos. A princípio, o interesse é apenas em ajudar, mas isso acaba significando também mostrar um “outro lado” da entidade, que eles julgam não ser de fato valorizado pelos meios de comunicação e sociedade de uma maneira geral. É uma vontade de se desvencilhar dos estereótipos já mencionados nesse trabalho em páginas anteriores sobre o grupo Torcida Organizada.

Se o desinteresse é sociologicamente possível, isso só ocorre por meio do encontro entre habitus predispostos ao desinteresse e universos nos quais o desinteresse é recompensado. Dentre esses universos, os mais típicos são, junto com a família e toda a economia de trocas domésticas, os diversos campos de produção cultural, o campo literário, o campo artístico, o campo científico etc., microcosmos que se constituem sobre uma inversão da lei fundamental do mundo econômico e nos quais a lei do interesse econômico é suspensa (BOURDIEU, 1996, p. 153).

Os “projetos sociais” são realizados com o propósito de beneficiar moradores em situação de rua com entrega de sopão, roupas e utensílios de limpeza pessoal. Além de realizarem doação de sangue no HEMOCE, organizar o

dia das crianças seja na sede ou em algum bairro onde exista um núcleo da torcida. Os componentes da TUF advêm, em sua maioria das periferias, tanto da capital quanto região metropolitana, – locais com alto índice de criminalidade violenta – e, geralmente, nesses espaços os jovens possuem um baixo status socioeconômico e maiores probabilidades de serem rotulados pela sociedade e pela mídia de “marginais”, “vagabundos” ou “criminosos”.

Nesse sentido, além de evitar que a imagem deles fossem associadas à criminalidade ou vagabundagem, com as ações filantrópicas realizadas pelos membros do grupo os jovens desejam ressignificar a sua própria história de vida através do contato com aqueles que julgam necessitar dos atos de bondade realizados por eles. As ações desses torcedores, que participam desse jogo social de doação, estão inseridas dentro de uma economia do dom, ou seja, de um microcosmo em que há a denegação do interesse, do mesmo modo, configura-se pela busca, colocada como busca desinteressada, por um capital simbólico⁶¹ (insígnias de honra, distinção, altruísmo, reconhecimento, prestígio).

Em outras palavras, é possível dizer que as ações assistencialistas possuem diferentes significados para os jovens que as vivenciam. Prova disso foi vista na observação da emoção de alguns membros da torcida ao verem crianças alegres ao receberem alimentos e brinquedos, em um dia de diversão dentro da sede da torcida.

Figura 9 - Alimentos e brinquedos arrecadados 12/10/2018



Fonte: Elaborado pelo autor

⁶¹ O capital simbólico reenvia às noções de prestígio e de reconhecimento social. Dispor deste capital é ter um certo poder sobre os que estão dispostos a nos dar crédito.

[...] e é o que a mídia mostra hoje em dia, é violência. Eles não mostram “ação social”, que você já teve a oportunidade de participar de uma “ação social”. Você já viu alguém na mídia, alguém no jornal fazendo alguma matéria? Eles não vêm mostrar isso aqui. O mais importante pra mim é ajudar a quem precisa, principalmente quando é criança. Se a mídia não vem aqui, nós divulgamos mesmo assim [...] (Componente masculino de 19 anos).

A fala desse jovem mostra uma conduta, de se doar há uma causa beneficente, uma busca, calculada ou planejada, por um lucro, um capital simbólico específico falado anteriormente. Esse capital simbólico também tem formas particulares de ser objetivado, ou seja, de se deixar ser demonstrado tanto para os que estão inseridos nesse campo⁶², como para os que não estão.

Sacrificar-se assim, em nome de algo maior, é uma demonstração dessa mistura interdependente de interesse e desinteresse nas ações dos indivíduos, onde um sacrifício (de objetos, de dinheiro ou de si mesmo) pode também aparentar ser puramente utilitário, tendo essa submissão um fim último, ou seja, o “outro que precisa de mim”; o militante de determinada causa vê suas ações, a subordinação de si mesmo, como meros meios para a obtenção de um alvo. Esse fenômeno é denominado por Caillé (2002) de sacrificalismo utilitarista. Analisando os regimes totalitários do século XX, o nazismo e o stalinismo, sob a luz desse conceito, demonstram o que motivaria os militantes dessas causas:

A única grandeza verdadeira é não almejar a grandeza e fazer de sua própria pessoa e do conjunto dos seus atos puros meios. “Age sempre de tal modo que te consideres a ti mesmo como puro meio e em caso algum como fim”, eis a máxima que norteia o agir do militante totalitário. Neste mundo de exacerbado antiutilitarismo sacrificial, onde só conta o fim, só existem de fato os meios. Tudo é apenas meio. Nenhuma atividade deve ser realizada por si mesma (CALILÉ, 2002, p. 269).

Então, por que há a necessidade de expor através de fotos nas redes sociais da torcida, bem como uma cobrança da mídia em “mostrar” as ações desenvolvidas pela torcida, já que segundo alguns discursos, o importante é ajudar crianças e entidades que necessitem receber ajuda?

Essa duplicidade nas ações e nos discursos, de ser desinteressado e, ao mesmo tempo, de demonstrar e afirmar publicamente os projetos sociais

⁶² Campo futebolístico que envolve torcedores, torcidas, jogadores, dirigentes e a mídia principalmente a especializada em esportes que mostra as Torcidas Organizadas tanto no estádio, com as performances e coreografias das bandeiras e demais materiais, quanto também para responsabilizar esses grupos por atos violentos.

desenvolvidos, é na verdade "fazer um marketing em benefício próprio das ações beneficentes".

Figura 10 - Ações desenvolvidas pela torcida



Fonte: Arquivo de fotos do facebook da TUF

Passo a tratar a seguir, de como se estrutura a Torcida Uniformizada do Fortaleza, bem como as subdivisões existentes, incluindo normas comportamentais e uma prática difundida entre várias TOFs que são as "caminhadas" e invasões".

4.2 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Considero que a TUF mantém mais semelhanças do que diferenças em relação a rival, pois as suas estruturas e formas de organização grupal são parecidas, e esclareço que o modelo proposto foi construído a partir das características que foram percebidas nessas duas organizadas, mesmo tendo a primeira como sendo a escolhida a ser observada. A estrutura social decorre das posições que cada componente possui na Torcida Organizada, ou seja, do seu "status", sendo assim composta:

a) **Diretoria** – Grupo de componentes que respondem pela administração, patrimônio, finanças, divulgação da imagem, controle do quantitativo e disciplina dos associados, além do estabelecimento de alianças com torcidas locais e de outros estados do país. É composta por um presidente, diretores setoriais, conselho fiscal

e, em alguns casos, como a TUF, existe um secretário. Não são atividades remuneradas, a priori, mas gozam de prestígio e poder dentro da torcida tendo vários benefícios e regalias, como ingressos e viagens pagas pela torcida em jogos dentro do estado e fora.

O Presidente da torcida responde civilmente e administrativamente pelos atos do grupo (vide Estatuto do torcedor), sendo o canal de ligação entre a TOF e os órgãos de segurança do Estado e a Federação estadual de futebol. Assume a condição de líder maior do grupo e através de seus atos a organizada pode gozar de boa relação com a diretoria do clube, representantes públicos e meios de comunicação. Sobre a importância do líder de Torcida Organizada encontramos paralelo nas palavras de Whyte (2005), ao analisar a importância do líder de grupos juvenis:

O líder é o ponto focal da organização de seu grupo. Em sua ausência, os membros da gangue ficam divididos em várias pequenas cliques. (...) Os integrantes não sentem que a gangue esteja realmente reunida até que chegue o líder (...). A reputação do líder fora do grupo tende a reforçar sua posição dentro dele, e sua posição no grupo sustenta sua reputação entre os de fora (WHYTE, 2005, p. 264-265).

Os diretores setoriais, além de cuidar das atividades administrativas revezam-se no expediente da sede, e organizam viagens e caravanas. Decidem com qual torcida o grupo deve aliar-se, e nesta escolha, pode ser levada em consideração a maior visibilidade e lucro advindo da parceria. A divisão mais comum é feita em diretor de vendas ou finanças, diretor de patrimônio e diretor de gestão. Parte desses diretores, juntamente com outros componentes, integra o conselho fiscal, cuja principal finalidade é manter o controle das arrecadações e despesas, além de documentá-las.

b) Associados ou componentes – Constituem na maioria dos integrantes da torcida sendo responsáveis pelas performances nas arquibancadas e pela vida econômica do grupo, através de doações, pagamentos de mensalidades e compra de produtos. Não possuem funções diferenciadas ou de destaque no interior do grupo, mas dão forma e visibilidade à torcida. Dentre esses, alguns auxiliam os diretores nas atividades da sede ou desempenham funções específicas e que merecem grande destaque, e que proponho chamar de “staff da torcida”⁶³, sendo

⁶³ Nas ciências administrativas, o termo é utilizado para designar “os indivíduos ou grupos que, numa organização, fornecem serviços e conselhos à linha (hierarquia forma da instituição)” (STONER & FREEMAN, 1995, p.259). O Staff não tem autoridade formal sobre os demais componentes do grupo, mas executam atividades importantes e fundamentais, como uma assessoria. Durante a

eles: o “integrante da bateria”, o “puxador”, e o “bandeira”. A bateria, as faixas, bandeiras e bandeirões são patrimônios importantíssimos da torcida e estão sobre o olhar atento de diretores que confiam nos “staffs da torcida” o uso e cuidado desses materiais.

c) **Componentes do Staff da torcida** - O “animador da torcida” ou “puxador” permanece quase todo jogo de costas para o campo em cima de uma mesa de ferro para ter uma melhor visualização da organizada. Sua função principal é incentivar e animar os componentes através de cânticos e coreografias, podendo ainda identificar os que não estão correspondendo. Tem papel fundamental no grupo, sendo considerada pessoa de confiança dos líderes. Dependendo da quantidade de componentes presentes na arquibancada pode ser designado um segundo puxador para auxiliar o principal.

O “bandeira” é responsável por “tremular” a bandeira da Organizada ou de suas aliadas, normalmente escolhido dentre os componentes com mais tempo no grupo e que possua habilidade no manejo do objeto, já que a bandeira é um dos “patrimônios” mais importantes da torcida. Os “integrantes da bateria”, juntamente com o “puxador”, são responsáveis pela animação do grupo através das “batidas” dos instrumentos.

A bateria é fundamental na performance da torcida, motivo pelo qual é imediatamente retirada pelo policiamento do estádio em situações de conflito no meio da torcida.

Figura 11 - Puxadores, bateria no centro e o bandeira 24/07/2018.



pesquisa ficou evidente que esses “torcedores especiais” assessoram os líderes na identificação dos maus componentes, bem como, substituem os diretores em muitas ocasiões, principalmente nas viagens a outros estados. Na verdade, parte importante e imprescindível da organização é informal.

Fonte: Elaborado pelo autor

Como uma forma de se distinguir dos demais componentes, os staffs da bateria utilizam camisas próprias da cor conhecida como “verde marca texto” com o nome “bateria” na parte de trás. Eventualmente o puxador também usa a mesma camisa, mas com o nome de sua função.

Dependendo da dimensão da Organizada, sobretudo em função da quantidade de membros, vários subgrupos ou divisões podem surgir espontaneamente sob a liderança de outros componentes, ou até mesmo estimulados pelo presidente e diretores da torcida, sendo então nomeados líderes setoriais.

d) **Subgrupos: (“Zonas”, “Núcleos”, “Comandos” e “Bondes”)** - Esses grupos menores normalmente são bem vistos pela liderança da Torcida Organizada, sendo tratados como pontos de apoio nos bairros e municípios da Região Metropolitana, além de importantes para a divulgação da torcida, como recrutamento de novos membros e no processo de demarcação de territórios, ponto que retomarei mais adiante. Esses subgrupos recebem o nome de **Zona** na TUF e **Comando** na Cearamor, existindo certa autonomia por parte dos líderes setoriais, contudo, subordinados ao controle da diretoria da torcida. Ao analisar a importância do líder do subgrupo, Teixeira relata:

Para cada um dos segmentos existe um chefe que pode ser indicado ou eleito (depende da torcida) cuja função é coordenar seu grupo, servindo como uma espécie de elo, fazendo mediação entre a Diretoria e os componentes sob sua responsabilidade. Cabe a esse chefe fazer reuniões, cadastrar componentes (é esperado que traga o maior número possível deles para a torcida), podendo promover festas e churrascos para arrecadar o capital necessário à produção de seu próprio material como faixas, bandeiras e adesivos. Sempre que consideram necessário ou quando solicitado, os diretores comparecem às reuniões para reforçar a autoridade e autonomia do chefe (TEIXEIRA, 2008, p. 64)⁶⁴.

Alguns destes subgrupos são formados exclusivamente por mulheres, sendo um ponto importante e que merece ser destacado. Reis destaca que os esportes modernos foram construídos culturalmente para os homens, o que significa dizer que, assim como em todos os ramos sociais, também nos esportes a mulher teve de conquistar sua participação e ganhar seu reconhecimento (REIS, 1998).

⁶⁴ TEIXEIRA, R. C. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 1998. Dissertação de Mestrado.

Após o início das competições de futebol feminino de seleções e de clubes promovidas pela FIFA e por federações nacionais e estaduais, a partir da década de 1990, percebe-se uma maior participação de mulheres em atividades do futebol tradicionalmente executadas por homens. A eleição de Patrícia Amorim para a presidência executiva de um dos maiores clubes do país, o Flamengo-RJ, é outra importante referência⁶⁵. Nas arquibancadas por mais que fizessem parte da “assistência”, sempre tiveram participação discreta e secundária, vistas como meras companhias de esposos, namorados ou pais. Desta forma arrisco-me a dizer que a inserção da mulher nas Torcidas Organizadas contribuiu decisivamente para o aumento e tipo de participação feminina nos estádios de futebol.

Figura 12 - Núcleo Feminino da TUF



Fonte: <http://gresleoesdatuf.net/reuniao-do-nucleo-feminino>. Acesso em 14/02/2019.

O núcleo feminino foi fundado junto aos outros núcleos da TUF. Por volta de 2005, (os núcleos não foram formados todos de uma vez) quando ainda não havia uma “organicidade” das meninas, elas não participavam da “vida política” da torcida e o número de meninas na torcida era muito pequeno, deste modo havia núcleos que não contavam com a participação feminina, fazendo com que as torcedoras necessitassem de uma ramificação própria na torcida (MARQUES, 2013, p. 54-55).

Na condição de componente ou chefe de seções, a presença da mulher estimula novas adesões para as torcidas e melhora a imagem do grupo, por ser menos disposta às violências, e faz com que a estrutura administrativa dos grupos seja repensada em função da sua importância, a exemplo do grande investimento

⁶⁵ Patrícia Amorim foi eleita presidente executiva do clube para o biênio 2011-2012.

feito na produção de artigos femininos, como camisas, vestidos, diademas e outros produtos exclusivos ao consumo de mulheres. A imagem abaixo ilustra esta tendência.

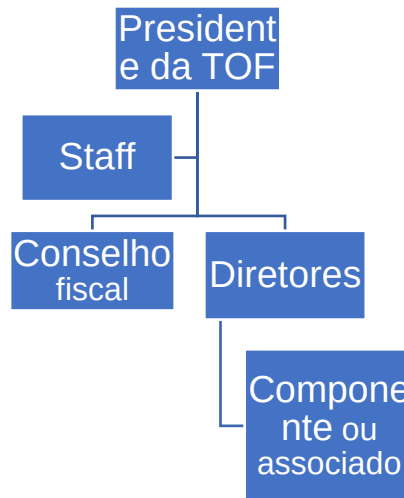
Figura 13 - Camisas para o público feminino, à venda nas lojas da torcida.



Fonte: <https://www.flogao.com.br/nucleofeminino/profile>

Simmel defende que a cada posição social da estrutura social corresponde um papel social, o qual se apropria, por assim dizer, da personalidade do componente: “O indivíduo não é nada mais que o papel que ele assume e que é percebido como tal pelos outros. Paulo não é mais Paulo, ele é o carteiro ou o policial” (apud, Vandenbergue, 2005, p. 99). Assim, aceitando seu “papel” dentro do grupo o torcedor organizado aceita, assume e participa da vida grupal. Identifica-se com os demais integrantes ligando-se emocionalmente e passando a defender os valores da torcida como sendo dele próprio. Com estas considerações apresento o modelo abaixo, proposto como organograma.

Organograma 1 – Modelo proposta



Fonte: Elaborado pelo autor

4.2.1 Práticas de sociabilidades

Compreender as motivações que levam jovens de vários segmentos sociais, com experiências de vida, crenças, hábitos e valores distintos, a se reunirem num grupo estigmatizado pela prática da violência nos estádios de futebol, parece um desafio para todos os pesquisadores que se propuseram ao estudo destes grupos urbanos. Um ponto de partida importante, sugiro, seja considerar que não há como pensar a Torcida Organizada de Futebol sem pensar no torcedor comum. Antes de integrar uma TOF o indivíduo identifica-se com um clube, com suas cores, com seus símbolos, títulos conquistados (feitos), e com relações emocionais de referência, (clube do pai, do irmão mais velho, da mãe) ou mesmo para se contrapor a essa referência como forma de rebeldia e contestação, considerando que alguns interlocutores afirmaram torcer pelo clube contrário ao do pai, por aquele ser muito ausente da família. Este seria o caminho mais lógico para se pensar na ligação inicial entre um jovem torcedor com seu clube de futebol. Mas, o que faz com que esse jovem torcedor ingresse numa Torcida Organizada? Não tenho interesse, por momento, de chegar a uma resposta definitiva para esta questão, antes apresentar possibilidades que facilitem nossa compreensão sobre o tema.

A composição estável do grupo e a falta de segurança social de seus membros contribuem para produzir uma taxa muito alta de interação social dentro do grupo. A estrutura grupal é um produto dessas interações. A partir delas surge um sistema de obrigações mútuas fundamental para a coesão do grupo. A fim de realizar suas atividades com o grupo, há muitas ocasiões nas quais os rapazes devem fazer favores uns aos outros” (WHYTE, 2005, p. 262).

Pertencer a um grupo social emocionalmente e socialmente intenso, que possibilite satisfação e respeito, reconhecimento a pessoa (ser alguém) são necessidades presentes entre os grupos jovens e que a experiência “entre os vândalos” possibilitou a identificação e a possibilidade de um caminho contrário ao da lógica que apresentei anteriormente, ou seja, também é possível considerar que uma Torcida Organizada seja o caminho de atração para que um jovem passe a se interessar pelo futebol e, como consequência, por um clube. Para sustentar esta proposição utilizo as palavras de um informante:

Nunca tinha vindo num campo de futebol, nem tinha time, gostava de vôlei, mas os colegas da escola mostravam fotos da TUF, aí eu achava legal e divertido, mas os pais deles não deixavam que fossem da torcida, eles diziam que estavam na arquibancada, mas estavam na torcida organizada. Um dia vim com eles, gostei e fiquei vindo, então virei Fortaleza. Não sou da TUF, mas comecei a gostar do clube pela torcida organizada (Componente masculino, 19 anos).

Este relato, mesmo que não conste na maioria dos discursos registrados é bastante revelador e contém relações estreitas com outros fatores identificados como fundamentais na relação de atração de um torcedor a um clube de futebol, sobretudo para adesão às Torcidas Organizadas. De acordo com Santos (2004), atualmente, como palco onde as novas sociabilidades se agregam, estão basicamente os shopping centers, os estádios de futebol e alguns shows em grandes espaços, contrariando um passado em que a praça pública figurava como um marco de encontros e passagens frequentes (SANTOS, 2004).

As roupas, os acessórios, tatuagens, criam uma identidade em torno do grupo que além de identificá-los como torcedores de futebol constroem signos que os representam socialmente, enquanto pertencentes a um grupo diferente, distinto. Ao considerar que a identidade e a diferença estão numa relação de dependência estreita, compreendo que a identidade do torcedor organizado depende, neste sentido, do torcedor comum e dos componentes das outras Torcidas Organizadas. Ser TUF ou da JGT significa torcer pelo time do Fortaleza, mas, não “qualquer” torcedor desse clube, da mesma forma que significa não ser da Cearamor ou MOFI.

A afirmação “sou brasileiro, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças (TADEU

SILVA, 2011, p. 75)⁶⁶. A partir destas considerações concordo quando este autor defende:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (TADEU SILVA, 2011, p. 76).

O caso das torcidas de futebol, especialmente as Organizadas, é emblemático na medida em que andar em “bando”, vestindo a camisa do seu time, eles acabam diferenciando-se do todo (SANTOS, 2004). Os rituais de cânticos, as cores das bandeiras, as coreografias previamente ensaiadas, são expressões de identidade que marcam as Torcida Organizadas, ao mesmo tempo, são instrumentos de atração para novos integrantes. Nesse contexto, a identidade social dos jovens passa a ser firmada na necessidade de “ser diferente”. Os símbolos, emblemas, formas de expressão, gírias e gestos, que marcam e dão forma ao estereótipo dos torcedores organizados fazem parte do processo de representação que lhes dão significado. Para Tadeu Silva (2011, p. 91), “a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido”.

Essa necessidade de “ser diferente”, que destaco nas linhas anteriores, encontra correspondente na noção de “identidade contrastiva”, ou seja, quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo como que se defronta; é uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do nós diante dos outros, jamais se afirmando isoladamente (OLIVEIRA, 1976).

A importância da representação através de símbolos, emblemas, brasões, foi analisada por Durkheim (1996) como “marca distintiva” de um grupo, sinal diacrítico uma identificação de pertencimento: “Mas o totem não é apenas um nome; é um emblema, um verdadeiro brasão, cujas analogias com o brasão heráldico foram frequentemente assinaladas. (...) O totem é, antes de tudo, o brasão de um grupo” (DURKHEIM, 1996, p. 107).

Pensar desta forma, através de Durkheim, possibilita compreender a ligação extrema em torno da identidade grupal existente nas **zonas, núcleos,**

⁶⁶ SILVA, T.T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. 10. ed. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2011.

comandos e bondes, ou seja, nas seções existentes em cada Torcida Organizada. Mesmo com líderes próprios e até estruturas físicas próprias nos bairros de origem, ser TUF Messejana⁶⁷ ou Cearamor Dias Macedo⁶⁸, identificações territoriais que podem ser modos de aproveitar as identificações preexistentes para reforçar identificação a um grupo menor com densidade interativa, através dos emblemas e símbolos, do “totem”, o grupo mantém-se unido.

Com efeito, participa-se de um clã pela única razão de portar um certo nome. Portanto, todos os que têm esse nome são membros dele com o mesmo direito; não importa como estejam distribuídos pelo território tribal, mantêm todos, uns com os outros, (...). Em consequência, dois grupos que têm o mesmo totem são necessariamente duas seções do mesmo clã (DURKHEIM, 1996, p. 97).

Desta forma, ao se identificarem enquanto grupo através de suas representações, os componentes das Organizadas passam a desenvolver sociabilidades que se manifestam através da interação nas atividades realizadas na Sede social, no estádio, nas viagens e deslocamentos para jogos “fora de casa”, nas festas de aniversário da torcida, e durante encontros para diversas finalidades, que podem não estar diretamente vinculadas a Torcida Organizada, além das formas de comunicação existentes no grupo e entre os grupos, além das alianças entre torcidas, aspecto a que dedico um tópico específico. Nas linhas abaixo exponho essas experiências pouco conhecidas por quem não vivencia o dia a dia desses torcedores.

4.2.1.1 Normas comportamentais: comunicação e demarcação de territórios

A comunicação tem papel fundamental na permanência do grupo. No caso das Torcidas Organizadas, mais do que estabelecer comunicação, no sentido de possibilitar interação bilateral, as diversas formas de linguagem utilizadas, como os gestos de cumprimento, as danças, as músicas, faixas e bandeiras, os “gritos de guerra”, e a demarcação de território através das pichações, têm forte significado e são fundamentais no processo de identificação do grupo. Bandeiras de Torcidas Organizadas diferentes, posicionadas lado a lado por exemplo, indicam que existe “aliança” entre os grupos, fato que pode ser observado também nos jogos realizados em outros estados do Brasil, e através da transmissão televisiva é

⁶⁷ Bairro da capital cearense.

⁶⁸ Idem.

possível perceber bandeiras de torcidas daqui em meio a bandeiras de outros clubes do país.

Os gritos de guerra e as músicas entoadas nos estádios podem ter o objetivo de incentivar a torcida amada ou provocar e satirizar a torcida adversária, como demonstrado nas descrições feitas no capítulo anterior nos chamados clássicos, as TOF alimentam o mesmo sentimento de ódio e desprezo pela Organizadora adversária numa relação considerada fundamental para a manutenção da identificação, coesão e existência grupal.

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar que a identidade significa demarcar fronteiras significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” (SILVA, 2011, p. 82).

Essa distinção entre o “nós” e o “eles” também é percebida através dos gritos de guerra, estando bem explícita na relação entre a TUF e a Cearamor. Mesmo quando seus clubes, Fortaleza e Ceará, não estavam se “enfrentando”, percebi que muitas das músicas cantadas nas arquibancadas por esses grupos fazem referência ao grupo rival, conforme apresento nas letras das músicas transcritas abaixo:

Ah, que bom você chegou, bem vindo ao tricolor, Vermelho, azul anil, Ah, você vai conhecer, a galera morrer de prazer, Vibrando a mais de mil (vai conhecer o quê, o quê, o quê),
Vai conhecer que a TUF é, um povo a mais de mil (e os urubus?), e a torcida da CEARAGAY vá pra puta que pariu, Leão eô, Leão eô⁶⁹.

Liga pros zoológicos, chama o camburão, Diz que a cearamor ela matou o LEÃO, porque a cearamor não dispensa que eu sei, É matador de LEÃO e come o cú dos TUF gay⁷⁰.

A identificação extrapola o estádio e assume graus de importâncias diferentes para pessoas diferentes, uma adesão afetiva no cotidiano e que consiste de um contínuo de ser um cidadão sem maior importância cotidiana, mas que para um torcedor organizado pode chegar a ser sua motivação de existência. Sobre os cânticos, brados de guerra e músicas das Torcidas Organizadas, Tolelo (1996), em sua pesquisa sobre as torcidas de São Paulo, assim os define:

Satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, engraçados, alguns criativos, enfim, estes cantos e gritos de guerra traduzem uma série de visões do outro, expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol. Para além da gratuidade e obviedade das agressões

⁶⁹ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/leoes-da-tuf/507518/>. Acesso em 16/01/2019

⁷⁰ Disponível em <https://www.letras.mus.br/cearamor/1788996/>. Acesso em 16/01/2019.

disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas filtradas, codificadas em músicas e versos, retirados da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes (TOLEDO, 1996, p. 64).

Além das músicas e dos “gritos de guerra”, outra importante forma de comunicação entre as torcidas é a demarcação de território feita através das pichações de edificações e de monumentos públicos. Esses grupos, normalmente durante a noite, em dias que antecedem os jogos ou após encontros na Sede social, através da pichação exibem seus símbolos característicos que estão presentes nos emblemas dos grupos, ou as iniciais do nome da torcida, principalmente nas edificações e monumentos próximos aos clubes da cidade e ao longo do trajeto que normalmente fazem para chegar aos estádios em dias de jogos. Desta forma é comum percebermos nos muros da cidade pichações contendo as iniciais das organizadas TUF (Torcida Uniformizada do Fortaleza) TOC (Torcida Organizada Cearamor), atitude considerada como uma forma de poder simbólico e unidade grupal.

4.2.1.1.1 As “caminhadas” e as “invasões”

O crescimento do número de componentes das Torcidas Organizadas, sobretudo a partir da década de noventa, conforme apresentei no histórico deste fenômeno no capítulo primeiro, bem como a migração de jovens oriundos de outros grupos urbanos, principalmente dos bailes funk e “galeras de bairros”, repercutiu diretamente no surgimento de duas importantes práticas entre as Torcidas Organizadas, a “caminhada” e a “invasão”.

Sobre esta dinâmica, destaco a importância do estudo realizado por Josiane Ribeiro (2011) sobre as Torcidas Organizadas do Ceará Sporting Club e mais especificamente o terceiro capítulo de sua tese de doutorado intitulado “Torcidas Organizadas. Da festa ao funk, do funk aos bairros, dos bairros às torcidas: a busca de visibilidade”. A autora apresenta a inserção de integrantes das “galeras de bairros”, frequentadores de bailes funk, nas Organizadas dos clubes de futebol de Fortaleza. O referido capítulo indica que após a proibição desses bailes, por parte das autoridades, no final da década de noventa, parte considerável desses jovens percebendo semelhanças de sociabilidades entre seus grupos e as torcidas

nos estádios de futebol migraram para as Organizadas vinculando-se, principalmente, às seções (zonas, núcleos e comandos) dos bairros, considerando que as práticas festivas e atuações criminosas desses grupos estavam limitadas aos bairros de origem através da demarcação de território.

Inicialmente, “as galeras” saiam de seus bairros em direção aos bailes. Tal prática continua hoje nas torcidas organizadas. No lugar do baile funk, o destino dessas pessoas é o estádio de futebol, o deslocamento realizado sempre foi um momento utilizado para demonstração de poder, tamanho e coesão grupal, além de uma oportunidade para “ser visto”, ou seja, ter visibilidade nas ruas da cidade.

A interdição dos bailes funk resultou numa remodelação significativa das torcidas organizadas, principalmente por dois motivos: primeiro, a interdição dos bailes não implicou a dissolução das significações organizadoras das sociabilidades que lhes eram características; segundo, com o fim dos bailes, todo aquele contingente juvenil que os frequentava migrou para as torcidas organizadas, com a mesma demanda por poder e enfeitamento. Eles migraram organizados, levando consigo o seu espírito de exército (RIBEIRO, 2011, p. 170).

Como estratégia para desvincular da imagem das Torcidas Organizadas os “arrastões” das galeras, os líderes passaram a denominar esse momento de “caminhada”. O objetivo maior da caminhada é a “invasão”, ou seja, levar o maior número possível de componentes para um clássico e, como costumam dizer, “chegar na moral”. Invadir a avenida onde aquela torcida rival é presente ou “chegar invadindo” os arredores do estádio para ser visto faz parte do objetivo da caminhada. Tudo para demonstrar poder, mostrar que a sua organizada detém muitos componentes. Uma prática que mobiliza todas as torcidas e que é amplamente difundida nas redes sociais de relacionamento, como Youtube e facebook.

Figura 14 - “Caminhada” da TUF



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0Pm-BUdjQFM>

Por sinal, a tecnologia vem sendo muito utilizada por esses grupos como forma de interação e divulgação. Contudo, ao mesmo tempo em que tem possibilitado contatos e troca de experiências, a internet, através das redes sociais, possibilita que a rivalidade entre as torcidas seja manipulada e explorada para fomentar a violência nos estádios, o que parece constituir outro problema para os líderes de torcidas.

Sobre a caminhada, a TUF considera tais práticas importantes como mais uma forma para integrar o grupo, entretanto, por vários incidentes principalmente por grupos menores que se dispersavam durante os trajetos, a Polícia Militar passou a acompanhar as caminhadas justificando que esta medida evita transtornos à sociedade, tornando-se uma prática institucional, que se repete a cada clássico.

4.3 PODER E STATUS NAS ARQUIBANCADAS

Se vista através da televisão ou mesmo “ao vivo” no estádio, a Torcida Organizada é percebida como uma massa, uniforme e homogênea, não dando indícios de organização, hierarquia, status, ou relações de poder. Somente estando “por dentro”, com o olho treinado, entre os torcedores organizados, pode-se compreender a estrutura e organização do grupo. Quando falei sobre a importância simbólica das bandeiras e faixas sugeri, entre outras possibilidades, que demarcam

território, dentro do estádio e garantem que o espaço imediatamente disposto sobre a faixa será ocupado pela torcida cujo nome ou emblema está estampado em alguns metros horizontais de tecido. Existe uma “ética” entre os torcedores que garante esta demarcação de espaço, mesmo que realizada por um único componente, por uma faixa ou por uma bandeira.

É o suficiente para que outros torcedores reconheçam o “território” já ocupado da organizada. Durante um jogo na Arena Castelão, chegando muito antes do horário da partida, perguntei a três torcedores que procuravam um local no setor sul na arquibancada superior atrás do gol, entre muitos outros torcedores já presentes naquele espaço, o motivo pelo qual não ocupavam uma grande área vazia e sim subindo e descendo a escadaria do estádio para procurar um melhor local de visualização, obtendo como resposta: “é bem ali que a TUF fica, tá vendo não os instrumentos?”. Possivelmente esta seria a resposta que quase todos naquelas imediações me dariam. E é curioso notar que mesmo o estádio enchendo e até naquele setor onde a organizada vai ficar, o “espaço é devidamente respeitado”, como um guia para os torcedores comuns ocupar “a borda” em relação à organizada.

No interior de uma Torcida Organizada as relações de poder, o status e o prestígio são identificados através dos comportamentos e atitudes dos seus componentes, além de sua distribuição na arquibancada. Nesta análise, torna-se fundamental considerar que:

A partir da maneira como as pessoas se apresentam dispostas uma ao lado da outra, pode-se facilmente deduzir a diferença de prestígio entre elas. Sabemos o que significa quando uma pessoa se encontra sentada num plano mais elevado, tendo todas as demais em pé a circundá-la. Ou quando está em pé, e as demais sentadas ao seu redor (...) (CANETTI, 1995, p. 387).

Baseando-me nas observações feitas no estádio Castelão, percebo que a bateria é um importante referencial, já que próximo a ela ficam localizados os diretores, o puxador e o presidente da Torcida Organizada e, em sua volta, os componentes que gozam da confiança da liderança, normalmente os que têm mais tempo de torcida. O puxador fica um pouco mais abaixo da bateria de forma que possa ser visto por todos e estimulá-los para que sigam suas performances e acompanhem as músicas. Os demais componentes vão se concentrando ao redor deste núcleo. Observei ainda que se um componente “novato” tentar se posicionar fora desta disposição habitual é chamado à atenção por um “mais antigo”, e assim

se socializa no comportamento esperado, em que conta também antiguidade, “caminhada do componente dentro da torcida”. Estas observações são ilustradas na imagem abaixo:

Figura 15 - Disposição dos torcedores da TUF



Fonte: Elaborado pelo autor

Na imagem acima, a TUF, nota-se que a bateria é posicionada de forma central (elipse verde), juntamente com o puxador (elipse em formato de triângulo vermelho), e próximo a eles os componentes mais antigos e o torcedor “bandeira”. Os torcedores mais novos estão posicionados no entorno desta liderança formal.

Figura 16 - Distribuição da Cearamor na arquibancada



Fonte: <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-ORGANIZADA-CEARAMOR-303.html>

Na segunda imagem, a Cearamor está no centro da elipse maior e a bateria juntamente com o puxador estão dentro da elipse menor (de cor verde). Podemos observar também que um “bandeira” manuseando o instrumento de uma organizada aliada⁷¹ se posiciona a poucos metros da bateria.

Sobre este aspecto, é possível alguns torcedores simpatizantes adquirirem as camisas do grupo, contudo, sem participar ativamente de todas as atividades grupais, ou mesmo, como uma etapa de adaptação e “encorajamento”. O posicionamento dos torcedores antigos (que é outra hierarquia, que se revela somente aqui, mas que é importante entre os “não líderes”), também é importante, sendo referência para o posicionamento dos mais novos. A liderança formal com frequência é observada ao lado da bateria, posição que possibilita visibilidade e, suponho, controle sobre o grupo.

As bandeiras são dispostas à medida que as seções (zonas, núcleos, comandos e bondes) chegam à arquibancada, as com maior tempo de existência também são posicionadas nas proximidades dos líderes, denotando o status que possuem na organização do grupo. Entre elas a seção feminina.

Através do modelo proposto acredito ser possível uma compreensão das Torcidas Organizadas bem distinta daquela que caracteriza a massa⁷². Se por um lado apresenta-se no momento mais visível e crucial de sua ‘função torcedor’ como unidade, um só coletivo, e percebida como grupo social, a torcida possui hierarquia, valores, relações afetivas e de poder, necessidades, divisões, coesão. Consolida-se, portanto,

Na medida em que ganharam corpo, marcando presença não só nos estádios, mas também nas relações dos grupos com a sociedade, estabeleceram novos padrões de comportamento aos seus membros, que buscavam autoafirmação através da vestimenta da identificação grupal e da falsa superioridade de um grupo sobre os outros. Neste sentido, houve necessidade de se criar uma estrutura burocrática capaz de oferecer suporte à entidade e satisfação aos interesses dos simpatizantes que desejavam fazer – ou já faziam – parte de seus quadros associativos (PIMENTA, 1997, p. 77).

⁷¹ Como foi falado acima, quando uma faixa de uma TOF de outro estado é colocada ao lado da organizada de Fortaleza/CE, significa aliança entre ambas. O mesmo ocorre com o manuseio de bandeiras 4x4. Sobre as alianças será discutido na próxima seção.

⁷² Segundo Cannetti, na massa, nenhuma diversidade conta, nem mesmo a dos sexos. Quem quer que nos comprima é igual a nós. Sentimo-lo como sentimos a nós mesmos. Subitamente, tudo se passa então como que no interior de um único corpo (CANETTI, 1995, p.14).

4.3.1 Relações de reciprocidade das Torcidas Organizadas e suas influências

No primeiro capítulo desta pesquisa, após destacar as características das primeiras Torcidas Organizadas do Brasil e as mudanças na organização, perfil dos componentes e dinâmica destes grupos, ocorridas ao longo dos últimos vinte anos, sugeri que o fenômeno das alianças entre torcidas foi determinante. Até o início da década de 1990 as Torcidas Organizadas, de estados diferentes, mantinham poucos contatos e as informações eram obtidas através das publicações da mídia e das transmissões de jogos pela televisão.

Os poucos e breves contatos aconteciam quando os torcedores viajavam para acompanhar seus clubes nos jogos de competições nacionais, como Copa do Brasil e o campeonato brasileiro. Nesta época, sugiro, não podemos falar em alianças, mas numa “aproximação simpática” possibilitada principalmente pela identificação que alguns clubes mantinham através de características semelhantes, a exemplo dos times da Portuguesa de Desportos-SP e Vasco da Gama-RJ, fundados pelas colônias portuguesas de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, ou ainda por clubes com as mesmas cores dos uniformes (os rubro-negros, os tricolores, os alvinegros). Na medida em que as competições nacionais passaram a ser disputadas em divisões distintas, em grupos de 20 equipes, e com duração de um semestre⁷³, os contatos entre as Organizadas de Estados diferentes passaram a ser intensos, aumentando a necessidade de assistência durante as viagens e permanências em outras cidades. Ao receber os componentes de uma Torcida Organizada de outro estado, no aeroporto ou na rodoviária, dando-lhes hospedagem e orientando-lhes na locomoção pela cidade, mesmo que sejam do clube que será adversário durante o jogo, a torcida local possibilita aos visitantes uma relação de confiança e companheirismo,

⁷³ Até 1986, o campeonato brasileiro era realizado por mais de 60 clubes, tendo algumas edições da década de 1970 superado cem participantes. Era comum alguns clubes jogarem apenas as fases iniciais, sendo eliminados em no máximo dez partidas. A partir de 1987 passou a ser disputado em divisões, tendo em média 20 clubes por cada divisão. Com este formato, os campeonatos passaram a ser mais longos, durando quase um semestre, com os clubes jogando contra todos os participantes da divisão.

possivelmente retribuída quando os papéis forem invertidos. Esses novos contatos entre torcedores organizados de cidades diferentes deram origem a relação de alianças entre torcidas.

A troca de “gentilezas” e favores entre os grupos de torcedores, a aliança, é materializada através da troca de camisas, bandeiras e faixas, representações simbólicas da fidelidade, camaradagem e amizade entre os grupos aliados e são usadas e exibidas nas arquibancadas de todo Brasil. Essas trocas assemelham-se ao que foi descrito na obra “Ensaio sobre a dádiva” de Mauss (1974), onde o autor vai denominar essas trocas e retribuições de sistema de prestações:

Ademais, o que trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas economicamente úteis. Trata-se, antes de tudo, de gentilezas, festas, banquetes, ritos, (...). Enfim, essas prestações e contra-prestações são feitas de uma forma sobretudo voluntária, por presentes, regalos, embora sejam, no fundo, rigorosamente obrigatórias (...). Propusemo-nos chamar a tudo isso de sistema de prestações totais (MAUSS, 1974, p. 45).

Os conflitos e episódios de violência registrados nos estádios de futebol do país durante a década de 1990, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, tiveram ampla divulgação na mídia repercutindo diretamente na formação de grandes alianças de Torcidas Organizadas. Como consequência, as rivalidades estaduais entre as Organizadas foram estendidas para as grandes alianças nacionais, por exemplo, a TUF é considerada “rival” de todas as torcidas que forem aliadas da Cearamor.

Essas alianças são firmadas e decididas pelos líderes de torcidas, os quais consideram as parcerias que podem ser mais importantes para a divulgação do grupo fora de sua cidade, maior capacidade de apoio logístico⁷⁴ nas viagens, além das relações de afetividade construídas durante os encontros nos jogos. Dentro da região Nordeste as alianças são chamadas de “lado”. O “lado A” representa as organizadas aliadas da TUF, já o “lado B” à cearamor e por último com menos organizadas envolvidas o “lado C” com alianças da Falange Coral⁷⁵. As alianças são celebradas em letras de funk. Tal configuração é herança da divisão que existia dentro dos bailes.

⁷⁴ É o apoio que se dá a uma Torcida Organizada por uma aliada quando viaja até a cidade desta. Tal suporte pode ser a hospedagem na sede da TOF e a presença de componentes da que prestou apoio logístico na arquibancada incentivando o time daquela.

⁷⁵ Torcida Organizada Falange Coral fundada em 1990 do Ferroviário Atlético Clube.

Os bailes se organizavam, espacialmente e no plano das sociabilidades, segundo a geopolítica de amizades e rivalidades entre grupos de diferentes bairros; [...]. As demarcações territoriais que organizavam os participantes no salão era em três lados, o A, o B e o C (RIBEIRO, 2011, p. 163).

Figura 17 - Lado A e suas respectivas alianças



Fonte: <https://www.flogao.com.br/kleitonflavio/49084866>

A foto é de autoria de membros da torcida Inferno Coral⁷⁶, cujo emblema está centralizado na imagem e seu tamanho é levemente maior do que os demais. Os torcedores usam todo tipo de material que envolve as torcidas presentes na imagem acima, desde camisas, bonés, agasalhos, calças e adesivos fixados nas Sedes. Os emblemas presentes das agremiações, além da Torcida Uniformizada do Fortaleza e Jovem Garra Tricolor (JGT) são: Máfia Vermelha, torcida organizada do América de Natal-RN; Mancha Azul, organizada do Centro Sportivo Alagoano (CSA); a Bamor, do Esporte Clube Bahia; Trovão Azul, da Associação Desportiva Confiança de Sergipe; Torcida Jovem do Galo⁷⁷, do Treze Futebol Clube da Paraíba. Percebe-se que a característica dos desenhos procura indicar um traço intimidatório para as torcidas rivais, por exemplo na figura do leão símbolo da TUF é musculoso e de “cara fechada” ou os machados no emblema da JGT, e de “defesa” dos times representados por suas organizadas. Os mascotes ou estão na frente do escudo do time ou o segurando como uma forma de cuidado e respeito. Há ainda a presença dos lemas das torcidas, no caso da Bamor além do seu mascote conhecido como Taz Mania⁷⁸, está seu *slogan* “ninguém nos vence em vibração”. Também se observa apenas o nome da agremiação como no caso da Torcida Jovem do Galo.

⁷⁶ Torcida Organizada do Santa Cruz-PE.

⁷⁷ A letra não menciona esta organizada pelo fato da aliança ser posterior a gravação da música.

⁷⁸ Tasmânia é uma desenho animado dos Estados Unidos, baseado no personagem Taz, integrante dos Looney Tunes, e produzido pela Warner Bros. de 1991 a 1995.

União do mal, TUF e Inferno Coral... Bota a jovem pra correr, Cearagay vai passar mal... Juntou com a Bamor, o Nordeste é tricolor... a Máfia vem Chegando com o vermelho do terror, se quer apanhar mexa com a Mancha Azul, só tem cacetero na Trovão de Aracaju... tá feita a união a maior do meu Brasil, e quem não gostou vá pra puta que pariu⁷⁹.

Na letra constatamos os nomes das organizadas envolvidas na aliança e fazendo menção às torcidas rivais, como a Cearamor que rivaliza com a TUF e a Jovem⁸⁰ que é rival da Inferno Coral. A música faz uma exaltação de um suposto “domínio” do grupo sobre a região Nordeste, ou seja, procura demonstrar poder e superioridade além de inferiorizar as torcidas rivais evidenciando que são fracas em um provável combate, como nos trechos “bota a jovem pra correr” e “se quer apanhar mexa com a Mancha Azul”.

As alianças são reforçadas através de agradecimentos feitos em público através das redes sociais, referindo à organizada prestadora do serviço logístico e estadia bem como data de aniversário das agremiações.

O estabelecimento de alianças entre as torcidas organizadas se apresenta como uma peculiaridade brasileira em comparação às torcidas argentinas conhecidas como “barras bravas”. Um estudo realizado por Jose Garriga Zucal (2002) retrata que as amizades estabelecidas entre os barras bravas argentinos são consideradas como símbolos de fragilidade, característica que se diferencia das torcidas organizadas brasileiras, onde as alianças significam poder e superioridade em relação às demais. Caso uma barra brava apresente um número inferior de integrantes em relação ao rival, ela pode se aliar a outra com a finalidade de lutar corporalmente contra o inimigo comum por um determinado período (transitório). Zucal denomina este fenômeno de “amizade” entre as hinchadas (torcidas).

Na Argentina, não há qualquer aliança estabelecida pelas torcidas, uma vez que a maioria dos clubes de futebol se concentram na cidade de Buenos Aires e imediações e, assim os torcedores não precisam do suporte oferecido pelas torcidas aliadas nas mais diversas cidades como forma de obter apoio logístico e nas arquibancadas. Bem diferente da realidade das torcidas brasileiras que enfrentam longas viagens pelo país no sentido de comparecer nos estádios onde seus times jogarão.

Para fortalecer o vínculo de amizade, a TUF realiza festas com os

⁷⁹ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/inferno-coral/910411/#radio:inferno-coral>.

⁸⁰ Torcida Organizada Jovem do Sport, clube do Recife-PE.

componentes da torcida em um primeiro momento na Sede, depois em um local alugado com todos, incluindo torcedores organizados considerados como aliados. Assim sendo, os diretores exigem que os integrantes se responsabilizem por determinadas atividades, pois sem o empenho destes não é possível receber os convidados de maneira satisfatória.

Com isso, eles dividem os componentes nas seguintes comissões organizadoras: os responsáveis pelo aluguel do espaço; pela divulgação; pela confecção de camisetas; pelo financeiro; pelo aparelho de som e pelas bandas contratadas; pelas vendas dos materiais confeccionados com os símbolos da torcida; pelas bandeiras; pelo caixa; e, por fim, pelas vendas de comidas e bebidas (alcoólicas e não alcoólicas). A seguir, as atividades desenvolvidas pelas comissões organizadoras da festa de aniversário da TUF:

Aluguel do espaço: os diretores definem um local para a realização da festa, geralmente amplo, com capacidade para receber de 1000 a 1500 pessoas, com uma boa estrutura com geladeiras e freezer. No aniversário de 27 anos da torcida em 2018, o local alugado foi a barraca Biruta, localizada na praia do futuro.

Divulgação: algumas pessoas se responsabilizam por fazer o material de divulgação, que é utilizado para convidar torcedores organizados aliados através de grupos de *Whatsapp* e *Facebook*. Além disso, é necessário que alguns integrantes se responsabilizem em percorrer a cidade participando de encontros ou reuniões com autoridades, principalmente Polícia Militar e Corpo de Bombeiros. É também essa comissão a responsável por elaborar como será o desenho no convite, a ordem das atrações e etc.

Confecção de camisetas: nas datas comemorativas como, por exemplo, o aniversário da torcida, os responsáveis realizam os orçamentos de camisetas para fabricá-las em empresas que possuem uma boa cotação. Essas camisetas devem conter o símbolo da torcida, o número do aniversário a ser completado e o desenho do leão feito especialmente para aquele momento.

Financeiro: o interessado em participar da festa paga por uma camisa confeccionada pela torcida que deverá ser utilizada por ele no dia da confraternização, substituindo o ingresso. Isto quer dizer que os convidados recebem um material da TUF que poderá ser utilizado por eles em outras ocasiões, fato que propicia disseminar o nome da TOF entre as mais diversas cidades brasileiras.

Som e bandas: como o espaço é amplo e o tempo da festa é de mais ou menos oito horas, o repertório das atrações deve ser vasto desde bandas de forró contratadas pela torcida, Djs, e a bateria. Quando esta aparece o comportamento de todos é como se estivessem no estádio. Os gritos de guerra são novamente entoados até mesmo aqueles que se referem a torcida rival.

Vendas dos materiais confeccionados da Torcida: os materiais que ficam expostos nas lojas e sede como, por exemplo, camisetas, chaveiros, canecas, bonés e adesivos são vendidos durante a festa para os convidados. O dinheiro arrecadado será investido nas demais atividades realizadas pelo grupo.

Bandeiras: o diretor de patrimônio, bem como outros componentes, ficam responsáveis em “enfeitar” o local. As faixas são penduradas por todos os locais possíveis, mas também há espaço para as torcidas de outros estados colocarem as suas faixas também.

Caixa: os responsáveis pelo caixa fazem as fichas com os valores dos preços de espeto, refrigerante e cerveja e vendem aos convidados, arrecadando dinheiro para cobrir os custos da festa e investir na compra de panos para criar novas faixas, fazer reparos nas bandeiras e pagar o aluguel da sede.

Venda de comidas e bebidas: uma das comissões se responsabiliza pela aquisição de cervejas, refrigerantes e carnes. Além disso, a compra de espetos, copos descartáveis, guardanapos e outros materiais são de responsabilidade dessa comissão.

Figura 18 - Cartaz de divulgação



Figura 19 - Momento da festa



Fonte: <https://www.webstagram.biz/tag/LeoesDaTuf>. Acesso em 22/02/2019

Todo o arrecadado serve para cobrir os custos da festa e investir na compra de panos para criar faixas, fazer reparos nas bandeiras e pagar o aluguel da sede. Desse modo, a torcida acaba funcionando também como empresa, pois aposta na venda e promoção de seus produtos para fazer com que a existência do grupo se mantenha estável. Desde a fundação de uma Torcida Organizada de Futebol até o momento em que se encontra atualmente, no caso a TUF, o começo da agremiação é preciso que os componentes tenham mais dedicação financeiramente falando, tirar dinheiro do próprio bolso para confeccionar faixas e bandeiras, visto que ainda não estabeleceu alianças onde dessa maneira pode ampliar o mercado consumidor de seus produtos para além dos sócios da torcida. Assim, depende e muito da contribuição financeira dos primeiros torcedores que a fundaram para só depois de vários anos conseguir “andar com as próprias pernas”.

4.4 A TORCIDA ORGANIZADA COMO EMPRESA

O crescimento desses grupos alcançou proporções inesperadas. Pela inexistência de um cadastro atualizado e confiável, tentar uma estimativa do número de componentes de uma organizada como a TUF ou a sua rival não seria um procedimento viável, pois as especulações atendem apenas aos interesses de uma disputa simbólica sobre “quem é maior”. O cadastro desses torcedores nunca é atualizado, pois existem aqueles que deixam de pagar a mensalidade, ou algum

torcedor que participa ativamente da torcida como indo a sua sede, ajudando a preparar a “festa” para o jogos, compra o seu material, mas não se filia à torcida. Essa parte burocrática pare ser a menos importante para aqueles que frequentam a sede, mesmo a TOF reiterando da importância de se cadastrar para ter benefícios como descontos nos materiais vendidos. E sabendo disso, a TUF atende aos “dois públicos”, o sócio e o não sócio. Mas não há diferenciação na prática dos dois, a não ser quando se tenta comprar alguma peça de vestuário. O não sócio, ou o simpatizante como eles costumam chamar, é parte fundamental para compor a torcida na arquibancada

De qualquer forma, adotando como parâmetro a torcida Gaviões da Fiel, do Corinthians Paulista, considerada a maior do Brasil, com aproximadamente cinquenta mil torcedores cadastrados, segundo informações da Associação Brasileira das Torcidas Organizadas⁸¹ (ANATORG), pensar nas duas maiores organizadas de Fortaleza-CE contendo em torno de 10 mil componentes não seria exagero, sobretudo, por considerar que as expectativas das diretorias são muito superiores a esse número. De qualquer forma, manter uma estrutura que atenda a essa quantidade e a suas necessidades não é tarefa simples, logo, os diretores das torcidas vêm desenvolvendo estratégias de captação de recursos para investimentos que possibilitem novas aquisições, alternativas de entretenimento aos sócios e, como consequência, mais adesões.

Desfilar com uma camia de Torcida Organizada não é exclusividade dos componentes desses grupos, portanto, “nas arquibancadas dos estádios, nos Shoppings, enfim, nas cidades, é prática comum jovens desfilarem com essas camisetas, tornando-os, mesmo que apenas no seu imaginário, pessoas importantes e diferenciadas” (PIMENTA, 1997, p. 83). O futebol torna-se “mais um produto de consumo e uma nova forma de acumulação do capital, tendo um papel primordial no setor de serviços e na indústria do turismo” (REIS & ESCHER, 2006, p. 28). Conscientes disso, presidentes e diretores das torcidas mantêm estruturas administrativas nas sedes sociais que se assemelham a pequenas empresas. Possuem funcionários remunerados, estoques de produtos, relação de fornecedores, controle e balanço financeiro, ou seja, um verdadeiro negócio. A TUF possui lojas onde comercializam seus produtos além de efetuarem vendas

⁸¹ Disponível em: <https://anatorg.com.br/x/torcidas-associadas-a-anatorg/>.

pela internet e através das relações de alianças. Contando com a loja que fica na sede, a torcida possui quatro estabelecimentos comerciais nos seguintes lugares: Shopping dos Fabricantes, Shopping Câmelo e no shopping Benfica, este fica no estacionamento.

No caso das Torcidas Organizadas de Futebol há uma área fronteira entre a adesão à dimensão empresarial com o cuidado da imagem da TOF e a “disposição” que pode ser entendido “como espírito aguerrido, perícia no combate em dia de clássico, fidelidade aos torcedores aliados no momento de tensão ou luta e, ainda, atitudes de cortesia, generosidade e companheirismo entre os integrantes” (RIBEIRO, 2011, p. 56).

É necessário cuidar da imagem pública da torcida, para que os pais e mães não imponham restrições aos seus filhos, no que diz respeito à presença nas lojas e sedes, ao uso de artigos etc. Trata-se aqui de uma necessidade de ajustar a própria torcida aos códigos e valores socialmente aceitos pela opinião pública, com o intuito de inseri-la dentro dos limites de uma suposta normalidade social (RIBEIRO, 2011, p. 231).

Figura 20 - Loja no Shopping Benfica



Fonte: <https://plus.google.com/114923313709221374621>

Conforme o estudo de Pimenta (1997), as TOFs não limitam suas fontes de renda à cobrança de mensalidade dos sócios, variados tipos de objetos com a marca das torcidas são vendidos, desde canecas, garrafas térmicas, cadernos, canetas, até bicicletas. O autor demonstra que, torcidas como Gaviões da Fiel, Independente e Mancha Verde, apresentam faturamento diário com a venda de *suvenires* próximo a mil e quinhentos dólares a três mil dólares por dia. Sendo assim, o que se observa nesse percurso de pouco mais de um século de futebol no Brasil é um deslocamento radical de finalidade. “De diversão descompromissada e elitizada, o principal esporte brasileiro passou a fenômeno de massa e, na fase atual, a produto de consumo midiaticizado” (GURGEL, 2006, p. 17).

Adequadas e inseridas neste contexto, através das arrecadações, as Torcidas Organizadas compram ou alugam estabelecimentos para as sedes, compram terrenos, contratam funcionários, estabelecem relações que ultrapassam a lógica inicial dos primeiros grupos de torcedores organizados, a saber, torcer e incentivar, de forma coletiva, o clube do coração. É mais que isso, inclusive, negócio. Diante da importância do assunto e escassez de fontes, considero relevante a produção de outras pesquisas sobre a relação “torcida-empresa”.

Alguns torcedores preferem não frequentar as Sedes das Torcidas Organizadas nem torcer do mesmo modo dessas agremiações. Preferindo assim fundarem outra modalidade torcedora inspiradas nas barras bravas argentinas. Passo a falar de forma breve sobre essa nova performance nas arquibancadas por torcedores do Fortaleza.

4.5 NOVAS PERFORMANCES E NOVOS RITMOS DOS TORCEDORES DO FORTALEZA

Inspiradas nas torcidas sul-americanas, principalmente as argentinas⁸², começaram a ser introduzidas nas torcidas brasileiras, novas performances e ritmos de apoiar os times. Através da internet, em sites como *youtube*, vídeos das barras bravas tiveram amplo acesso por parte dos torcedores brasileiros. Algo semelhante aconteceu entre os torcedores do Fortaleza que fundaram uma torcida nos moldes das barras bravas, esta torcida ganhou o nome de “Bravo 18”. A postura dessas pessoas procura reproduzir uma forma de torcer tal como os vizinhos sul-americanos. Assim, ao levar ao estádio bandeirolas⁸³, chapéus⁸⁴, tirantes⁸⁵ há uma intencionalidade nessa caracterização de um modo de torcer. Isso faz com que a

⁸² Os torcedores dos clubes do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul sempre tiveram mais contatos com torcedores de outros países da América do Sul, pelo fato de participarem regularmente da Taça Libertadores das Américas. Estas participações fizeram com que sofressem grande influência na forma de torcer, por parte daqueles, principalmente dos torcedores argentinos.

⁸³ Pequenas bandeirinhas de mão que incluem apenas as cores dos times. Bem diferente das bandeiras portadas pelas Torcidas Organizadas de Futebol, cujo tamanhos são de quatro metros de altura por quatro de largura e que são grafitados desenhos próprios de cada torcida e o nome da TOF.

⁸⁴ Cartolas com as cores do time. Geralmente os membros das organizadas utilizam bonés fabricados com a marca de sua torcida ou de aliadas.

⁸⁵ Pedacos de tecidos que são amarrados sobre a cabeça das pessoas até a barra de corrimão do estádio.

“Bravo” ressalte os aspectos que a caracterize como uma barra brava em contraposição as TOFs.

Parte dessa performance está associada a um tipo particular de música entoada nos estádios. Para Rodrigues (2012), a palavra pode designar uma canção (o “alento” em si), um verbo para cobrar maior incentivo quando a torcida esmorece (“Vamo alentar!”), ou até mesmo uma disposição, um modo de torcer (“torcida de alento”). A Bravo 18 segue esse estilo nas suas músicas, ela também segue os cânticos da TUF quando considera que ali também contém alento⁸⁶.

Muitas vezes a barra tem seus cânticos abafados por ter um número de membros infinitamente menor do que da torcida organizada. No entanto, a Bravo 18 se propõe a cantar sem parar, apoiar a equipe incondicionalmente e agitar seus apetrechos de mão, bandeirinhas com mastros de bambu. A TUF caracteriza-se por participações pontuais durante a partida, mas com maior intensidade, de maneira incisiva. Constata-se aí, que para os membros da barra, há um traço nas torcidas organizadas que significa uma certa desvantagem em relação as barras que é o apoio constante ao time em campo independente do resultado. É comum percebermos nas TOFs vaias constantes durante o jogo para o time por um desempenho abaixo do esperado. Os admiradores das barras bravas argentinas apontam esse fato como negativo e assim tentam reproduzir como os torcedores de países vizinhos, torcer de forma ininterrupta.

Em seu estudo com a torcida “Geral do Grêmio”, Rodrigues (2012) percebeu uma nova modalidade torcedora: as “torcidas de alento”. Essas torcidas começaram a surgir no país no início da década de 2000 trazendo uma série de características como os cânticos de apoio constante ao time, com a presença de menos palavrões e mais declarações de amor ao clube – construindo uma oposição aos modelos de músicas existentes anteriormente. Trabalho similar realizou Menezes (2010) com duas torcidas do Botafogo de Futebol e Regatas, a “Fúria Jovem do Botafogo” e a “Loucos pelo Botafogo”.

No caso da segunda torcida, uma torcida de alento do clube carioca, foram percebidas características semelhantes ao que fora levantado por Rodrigues, ou observado também na Bravo 18.

⁸⁶ Significa dizer que consideram não envolver o próprio nome da Torcida Organizada e sim o do time.

Tais equipes buscam um distanciamento da violência, atribuída às torcidas organizadas pelos meios de comunicação. Com o objetivo de diferenciação das torcidas organizadas e, logo, das práticas violentas institucionalizadas, esses grupos adotaram modelos de torcer que incluem práticas cada vez mais racionalizadas e organizadas (MENEZES, 2010, p. 59).

A interseção entre as condutas dessas torcidas implica uma problematização pertinente, um hábitus torcedor, de participar do campo futebolístico. Sobre estes aspectos, o modo de torcer inserido pelas barras dentro daquele campo, podemos entender que:

Cada campo tem certas práticas, valores, estilos, gostos, restrições, em suma, um certo hábitus, produzido pelas condições sociais relacionadas às posições correspondentes, e pela intermediação desse habitus e de suas capacidades estruturantes (BOURDIEU, 1996, p. 144).

Cada grupo constrói seu espaço, suas formas de torcer, as músicas entoadas, o comportamento, de modo que essas diferenças sejam perceptíveis. No caso da Bravo 18, torna essa fronteira material, ao utilizar grandes faixas verticais conhecidas como tirantes, delimitando o espaço ocupado. Esse gesto é referência às torcidas argentinas, que torcem o tempo todo, incondicionalmente.

Esses cenários são decorados com camisas, símbolos, bonés, bandeirões, bandeirinhas, e vêm acompanhados de cânticos, gritos de guerra, palmas, movimentos corporais e do uso de outros instrumentos que possam colaborar para a festa. Porém, cabe ressaltar, que o uso desses signos é distinto nas duas torcidas, tanto na TUF, quanto na barra brava, como exemplo, nos símbolos adotados nas bandeiras. Enquanto a organizada estampa suas bandeiras e faixas com leões fortes, como no caso a TUF ou frase com o nome da organizada, os mesmos analisados em páginas anteriormente, a Bravo 18 estampa suas faixas com frases de apoio, lembrando ídolos do passado, materializando não só em músicas o afastamento do jeito de torcer das TOFs, mas também no seu patrimônio.

Logo, podemos apontar a disputa pelo capital simbólico, já que, diferentemente das outras modalidades de capital, este não é imediatamente perceptível como tal, por ser uma espécie de poder ligado à propriedade de "fazer ver" e "fazer crer". O capital simbólico é, a grosso modo, uma medida do prestígio e/ou do carisma que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo. O sistema de bens simbólicos para Bourdieu⁸⁷ refere-se a bens representativos de uma categoria de "distinções simbólicas" que transmuta os bens em signos, as

⁸⁷ BOURDIEU, P. **A Produção da Crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre, Editora Zouk, 2001.

diferenças de fato em distinções significantes, que devem o essencial de seu "valor" à sua posição em uma estrutura social, definida como um sistema de posições e oposições. Deste modo, a partir de uma marca de distinção, o capital simbólico permite que um indivíduo desfrute de uma posição de proeminência frente a um campo, e tal proeminência é reforçada pelos signos distintivos que reafirmam a posse deste capital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O argumento desta dissertação foi de, através das práticas de sociabilidade identificadas entre os componentes da Torcida Uniformizada do Fortaleza, viabilizar uma aproximação real e compreender este grupo através de outras práticas distintas que não a violência. A pesquisa não teve a pretensão de esgotar o objeto, antes, criar outras possibilidades de abordagem sobre a temática que se apresenta como campo para os estudos da Sociologia.

Há fatores complexos e interdependentes que trazem como consequência atos violentos presentes no futebol do Brasil. O rompimento das relações sociais na no tecido social, provocada pelo comprometimento das relações afetivas, e pelo fosso da desigualdade nas condições socioeconômicas da população brasileira, como distribuição de renda, dificuldade ao acesso dos direitos sociais como saúde e educação de qualidade, são identificadas pela literatura como condições que potencializam a violência e a agressividade, principalmente nos grandes centros urbanos do país.

Como fato social, o futebol aponta como “metáfora ou teatralização” deste contexto social (DaMatta, 2006), como espaço propício para a repercussão das condições geradoras da agressividade e da violência presentes na sociedade, seja pelo caráter competitivo do esporte, ou mesmo, pela capacidade de reunir num único espaço físico, o estádio, personagens oriundos de variados segmentos sociais com suas respectivas características e valores. Assim, a manifestação da agressividade e da violência registrada nos estádios do Brasil não é exclusividade dos grupos de torcedores organizados, está presente também nos dirigentes, jogadores de futebol e torcedores comuns.

Desta forma, conceber que a violência nos estádios de futebol está vinculada predominantemente às Torcidas Organizadas é repetir o mesmo desacerto histórico que por anos afirmou que a pobreza é sinônimo de violência.

O futebol assumiu grande importância para os brasileiros muito em função das conquistas de três Copas do Mundo (1958, 1962 e 1970), momentos em que o poder público se utilizou de estratégias populistas e nacionalistas para obtenção de apoio social⁸⁸.

⁸⁸ A mensagem central era de união nacional em torno do governo, sem divergências ou contestações. Com a conquista do tricampeonato mundial de futebol, a marchinha de Miguel

As Torcidas Organizadas brasileiras assumiram um modelo de gestão e organização burocratizadas, principalmente a partir do período ditatorial militar (1964-1985), o que possibilitou a formação de grupos cada vez maiores e adaptados as demandas do futebol profissionalizado e midiático. Possuem administrações próprias, mantendo-se através da venda de produtos, cobrança de mensalidades e, em certos aspectos, da ajuda dos clubes. Seus integrantes são basicamente jovens entre 13 e 30 anos de idade, estão em busca da construção de suas identidades sociais e de sociabilidades que muitos não vivenciam em suas vidas cotidianas.

O aumento vertiginoso de jovens associando-se às Torcidas Organizadas pode ser explicado, segundo Pimenta (1997), pelo fascínio e pela ideia de segurança que o grupo pode proporcionar, diante de uma sociedade de sobrevivência, de concorrência, de luta de todos contra todos, ou melhor, de um contra todos. A experiência de campo possibilitou compreender que esses jovens são atraídos, inicialmente, pelas performances e pela estética dos grupos, mas, principalmente, pelas relações de alianças, cooperação, solidariedade grupal, fidelidade, inclusão social, identidades coletivas, amizades, acolhimento, afetividade, companheirismo, pertencimento. A TUF também lhes proporciona visibilidade e prestígio social. Dentre estas sociabilidades destacam-se as relações de alianças, estabelecidas entre a Torcida Uniformizada do Fortaleza com torcidas de outros estados do país.

Estas alianças contribuíram para modificar a forma de torcer nos estádios da capital cearense bem como desses outros locais. Tais mudanças são evidenciadas nas músicas cantadas que exaltam as alianças e nas vestes dos torcedores. Estruturadas inicialmente para proporcionar apoio logístico e segurança, durante as viagens de torcedores pelo Brasil, as relações de aliança foram estabelecidas a partir da década de 1990, intensificando-se no início dos anos 2000, modificando profundamente as características de organização destes grupos sociais, suas formas de representações, e a forma de torcer nos estádios.

As influências são percebidas também entre os torcedores comuns, que assimilaram os gestos de cumprimento, gritos de guerra e performances das Organizadas. Quero dizer com isso que existe uma pressão sobre os torcedores não filiados a principal organizada do time do Fortaleza que não devem manifestar

Gustavo converteu-se no hino semioficial: “Noventa milhões em ação / Pra frente, Brasil, do meu coração (...) De repente é aquela corrente pra frente / Parece que todo o Brasil deu a mão (...) Todos juntos, vamos, pra frente, Brasil”.

simpatia por times que não possuem relações de aliança de suas TOFs com a TUF, principalmente se essa manifestação for dentro do estádio. Tal entendimento é naturalizado e entende àqueles times como rivais assim como o Ceará Sporting Club. As divisas dos estados são materializadas nas vestes dos componentes que usam roupas de várias TOFs, que podem sinalizar quais cidades os torcedores do Fortaleza serão bem recebidos ou não. Caso uma determinada cidade a torcida local não seja nem rival e nem aliada, o lugar é considerado “neutro”. Isso implica na livre escolha do torcedor em simpatizar com alguma agremiação esportiva ou até mesmo uma TOF que seja admirador.

A gestão administrativa das maiores TOF fortalezenses também foi alterada, sobretudo, pelo aumento de componentes e pela abertura de novas possibilidades comerciais. Entretanto, os maiores impactos das alianças são percebidos nas arquibancadas, onde representações identitárias, como as cores dos uniformes e mascotes dos clubes, antes fundamentais na configuração das rivalidades, têm sucumbido diante dos novos valores incorporados pelas alianças, as quais possuem uma lógica própria.

As bibliografias consultadas possibilitaram compreender que, tanto os estudiosos que se dedicam ao estudo específico das Torcidas Organizadas, quanto os que estudam a possível relação entre violência/esporte, a priori, defendem que não se pode associar a imagem desses grupos, “exclusivamente”, aos atos de violência registrados nos estádios de futebol, ou mesmo, como os únicos responsáveis.

Na mesma direção, os registros disponibilizados pelas instituições que administram o futebol, após analisados, apresentam resultados que podem ser utilizados para questionar e problematizar os argumentos que responsabilizam os torcedores organizados pelo afastamento dos “bons torcedores” dos estádios e pelos atos de violência nas praças desportivas. Devo considerar que o logos do discurso acadêmico, então, tem que ser diferente do midiático. Esse seduz pelo imediatismo/sensacionalismo, e por isso domina a informação, não pode dominar, também, a formação (MURAD, 2006).

Diante disto e considerando a relevância dos estudos já produzidos para a compreensão do significado e da importância das Torcidas Organizadas, no contexto do futebol e da sociedade, compreendi ser possível também “relativizar” o olhar

sobre este objeto, numa atitude semelhante a que é defendida por Cardoso de Oliveira,

(...) uma atitude epistêmica, eminentemente antropológica, graças à qual o pesquisador logra escapar da ameaça do etnocentrismo – essa forma habitual de ver o mundo que circunda o leigo, cuja maneira de olhar e de ouvir não foram disciplinadas pela antropologia (OLIVEIRA, 2006, p. 33).

A partir de tudo que foi analisado e compreendido, das práticas de sociabilidades entre os membros da Torcida Uniformizada do Fortaleza, por exemplo as campanhas assistencialistas que visam afastar uma ideia pré-concebida de que o grupo é formado única e exclusivamente para criar “tumultos” em dias de jogos ou que sejam “perigosos”, além das alianças onde acarreta vantagem no apoio logístico e financeiro ao espalhar a marca da TUF pelo país, podemos entender que há uma dinâmica dentro da organizada que muitas vezes não é posta em evidência. Dessa forma, a principal contribuição que se oferece através desta pesquisa é demonstrar a viabilidade de lançar, sobre as Torcidas Organizadas de Futebol, outra compreensão sobre o objeto estudado que não esteja relacionada ao estudo da violência, constituindo-se, assim, campo rico de possibilidades para demais estudos nas Ciências Sociais.

REFERÊNCIA

ARANTES, A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Unicamp, 2000.

ARENDT, H. **Sobre a Violência**. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

_____. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Zouk, 2001.

_____. Gostos de classe e estilos de vida *in* ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água, 2003.

_____. **A ilusão biográfica: Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 10.671, de 15 maio 2003**. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.671.htm>. Acesso em: 5 maio 2018

BUENOS AIRES, C. A. M.; B. L. F. F. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade de Marc Augé. **Revista Sociedade e Estado**, v.13, n.1, jan./jul. 1998.

CANETTI, E. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

CARDOSO, R. **Identidade, etnia e estrutura social**. Rio de Janeiro: Biblioteca pioneira de Ciências Sociais, 1976.

_____. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2006.

CERTEAU, M. 1994. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COPANS, J; GODELIER, M.; TORNAY, S.; BACKES-CLEMENT, C. **Antropologia, ciência das sociedades primitivas?** São Paulo: Edições 70, 1971.

CRUZ, N, O. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p 51-66.

DaMATTA, R. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

_____. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DUNNING, E. “Figurando” o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. **Dossiê: Revista de Ciências Sociais da UFC**, Fortaleza, v.42, n.1, p.11-26, 2011.

DURKHEM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREYRE, G. **Sociologia**: Introdução ao estudo dos seus princípios. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Sociologia Geral**. São Paulo: Atlas, 1999.

LEITE, R. P. 2002. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.l.], v.17, n.49, p.115-134, jun. 2002.

MACIEL, W. R. N. **O aeroporto e a cidade**: usos e significados do espaço urbano na Fortaleza turística. 2010. 125f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. Ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L (Orgs.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta-Feira**, n.1, p.8-12, maio 1997.

MARQUES, R. O. **Guerreiras do Leão**: gênero e torcidas organizadas. 2013. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MENEZES, I. T. **Entre a fúria e loucura**: análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MICHAUD, Yves. O problema das definições. In: _____. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989, cap 1, p. 7-15

MURAD, M. **A violência no Futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012. 240p.
PAIS

_____. **A violência e o futebol**. Dos estudos clássicos aos dias atuais. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MINAYO, M. C. S., et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas Organizadas de futebol**. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté, SP: Vogal, 1997.

_____. **Torcidas Organizadas de Futebol**: violência e auto-afirmação. Taubaté: Vogal, 1997.

REIS, H. H.B. **Futebol e violência**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.

REIS, H. H.B; ESCHER, T. A. **Futebol e sociedade**. Brasília: Líber livros, 2006.

SANTOS, T. C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SILVA, T.T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. 10. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2011.

SCHUTZ A. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 2, p. 161-178, 1994.

STONER, J. A. F.; FREEMAN, R. E. **Administração**. 5.ed. Rio de Janeiro: PHB, 1995.

SPAAIJ, R. Aspectos da violência dos Hooligans: uma reavaliação sociológico **Pesquisa sobre o vandalismo no futebol, série de documentos de trabalho da ASSR**, n. 06/02, 2006.

TEIXEIRA, R. C. **Os perigos da paixão**: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas. 1998. 165f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

TOLEDO, L. H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. **Revista da USP**, n. 22, p. 92-101, 1994.

_____. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores associados/ANPOCS, 1996. 176 p.

RIBEIRO, J. M. C. **Experiência e sentido nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

RODRIGUES, F. C. S. **Amizade, trago e alento**: a torcida geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização – mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

VANDENBERGUE, F. **As sociologias de Georg Simmel**. Belém: EDUFPA, 2005.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

VASCONCELOS, A. **A identidade futebolística**: os torcedores “mistos” no nordeste. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

VASCONCELOS, L. C. **A Fortaleza das copas**: imagens da cidade e megaeventos esportivos. 2016. 132f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

ZUCAL, J. G. Amizades entre fãs: violência, masculinidade e laços de amizade de um grupo de adeptos do futebol argentino. **Revista digital**, Buenos Aires, n. 55, ano 8, 2002. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com.br/efd55/.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento



Universidade Estadual do Ceará – UECE
Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS

Estou desenvolvendo uma pesquisa cujo tema é: **Práticas de sociabilidades de membros da Torcida Uniformizada do Fortaleza**

Sua participação é voluntária, não lhe causando nenhum dano a sua qualidade de vida. A qualquer momento, poderá desistir de participar do estudo sem qualquer prejuízo e todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo assim como sua identidade.

Comprometo-me a utilizar os dados coletados somente para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através do produto final em formato de dissertação, podendo ainda ser utilizado em artigos científicos, em revistas especializadas e/ou encontros científicos, sem a identificação do entrevistado.

Em caso de dúvidas ou para outras informações, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, Matheus Ximenes, pelo telefone (85) 9.8783-5883.

Desse modo, tendo tomado conhecimento sobre o teor da pesquisa concordo em participar dela de forma livre e esclarecida.

Nome: _____

Assinatura: _____

Telefone: _____ Data: _____

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

O que é uma Torcida Organizada?

Como se deu o surgimento da Torcida Organizada?

Qual a sua prioridade? Seu time ou a organizada?

Qual a principal atividade do grupo?

Como é o funcionamento da sede?

Como é a divisão hierárquica na torcida?

Como foi o seu ingresso na torcida?

O que te motivou a fazer parte?

ANEXOS

ANEXO A – Estatuto de Defesa do Torcedor

Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 10.671, DE 15 DE MAIO DE 2003.Mensagem de veto

Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e

Texto compilado

dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES Gerais

Art. 1º Este Estatuto estabelece normas de proteção e defesa do torcedor.

Art. 1º-A. A prevenção da violência nos esportes é de responsabilidade do poder público, das confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entidades recreativas e associações de torcedores, inclusive de seus respectivos dirigentes, bem como daqueles que, de qualquer forma, promovem, organizam, coordenam ou participam dos eventos esportivos. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 2º Torcedor é toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva.

Parágrafo único. Salvo prova em contrário, presumem-se a apreciação, o apoio ou o acompanhamento de que trata o **caput** deste artigo.

Art. 2º-A. Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Parágrafo único. A torcida organizada deverá manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, o qual deverá conter, pelo menos, as seguintes informações: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

I - nome completo; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

II - fotografia; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

III - filiação; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

IV - número do registro civil; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

V - número do CPF; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

VI - data de nascimento; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

VII - estado civil; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

VIII - profissão; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

IX - endereço completo; e (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

X - escolaridade. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 3º Para todos os efeitos legais, equiparam-se a fornecedor, nos termos da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, a entidade responsável pela organização da competição, bem como a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo.

Art. 4º (VETADO)

CAPÍTULO II

DA TRANSPARÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO

Art. 5º São asseguradas ao torcedor a publicidade e transparência na organização das competições administradas pelas entidades de administração do desporto, bem como pelas ligas de que trata o art. 20 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998.

~~Parágrafo único. As entidades de que trata o caput farão publicar na internet, em sítio dedicado exclusivamente à competição, bem como afixar ostensivamente em local visível, em caracteres facilmente legíveis, do lado externo de todas as entradas do local onde se realiza o evento esportivo:~~

~~I - a íntegra do regulamento da competição;~~

~~II - as tabelas da competição, contendo as partidas que serão realizadas, com especificação de sua data, local e horário;~~

~~III - o nome e as formas de contato do Ouvidor da Competição de que trata o art. 6º;~~

~~IV - os borderôs completos das partidas;~~

~~V - a escalação dos árbitros imediatamente após sua definição; e~~

~~VI - a relação dos nomes dos torcedores impedidos de comparecer ao local do evento desportivo.~~

§ 1º As entidades de que trata o caput farão publicar na internet, em sítio da entidade responsável pela organização do evento: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

I - a íntegra do regulamento da competição; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

II - as tabelas da competição, contendo as partidas que serão realizadas, com especificação de sua data, local e horário; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

III - o nome e as formas de contato do Ouvidor da Competição de que trata o art. 6º; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

IV - os borderôs completos das partidas; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

V - a escalação dos árbitros imediatamente após sua definição; e (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

VI - a relação dos nomes dos torcedores impedidos de comparecer ao local do evento desportivo. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 2º Os dados contidos nos itens V e VI também deverão ser afixados ostensivamente em local visível, em caracteres facilmente legíveis, do lado externo de todas as entradas do local onde se realiza o evento esportivo. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 3º O juiz deve comunicar às entidades de que trata o caput decisão judicial ou aceitação de proposta de transação penal ou suspensão do processo que implique o impedimento do torcedor de frequentar estádios desportivos. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 6º A entidade responsável pela organização da competição, previamente ao seu início, designará o Ouvidor da Competição, fornecendo-lhe os meios de comunicação necessários ao amplo acesso dos torcedores.

§ 1º São deveres do Ouvidor da Competição recolher as sugestões, propostas e reclamações que receber dos torcedores, examiná-las e propor à respectiva entidade medidas necessárias ao aperfeiçoamento da competição e ao benefício do torcedor.

§ 2º É assegurado ao torcedor:

I - o amplo acesso ao Ouvidor da Competição, mediante comunicação postal ou mensagem eletrônica; e

II - o direito de receber do Ouvidor da Competição as respostas às sugestões, propostas e reclamações, que encaminhou, no prazo de trinta dias.

§ 3º Na hipótese de que trata o inciso II do § 2º, o Ouvidor da Competição utilizará, prioritariamente, o mesmo meio de comunicação utilizado pelo torcedor para o encaminhamento de sua mensagem.

~~§ 4º O sítio da internet em que forem publicadas as informações de que trata o parágrafo único do art. 5º conterà, também, as manifestações e propostas do Ouvidor da Competição.~~

§ 4º O sítio da internet em que forem publicadas as informações de que trata o § 1º do art. 5º conterà, também, as manifestações e propostas do Ouvidor da Competição. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 5º A função de Ouvidor da Competição poderá ser remunerada pelas entidades de prática desportiva participantes da competição.

Art. 7º É direito do torcedor a divulgação, durante a realização da partida, da renda obtida pelo pagamento de ingressos e do número de espectadores pagantes e não-pagantes, por intermédio dos serviços de som e imagem instalados no estádio em que se realiza a partida, pela entidade responsável pela organização da competição.

Art. 8º As competições de atletas profissionais de que participem entidades integrantes da organização desportiva do País deverão ser promovidas de acordo com calendário anual de eventos oficiais que:

I - garanta às entidades de prática desportiva participação em competições durante pelo menos dez meses do ano;

II - adote, em pelo menos uma competição de âmbito nacional, sistema de disputa em que as equipes participantes conheçam, previamente ao seu início, a quantidade de partidas que disputarão, bem como seus adversários.

CAPÍTULO III DO REGULAMENTO DA COMPETIÇÃO

~~Art. 9º É direito do torcedor que o regulamento, as tabelas da competição e o nome do Ouvidor da Competição sejam divulgados até sessenta dias antes de seu início, na forma do parágrafo único do art. 5º.~~

Art. 9º É direito do torcedor que o regulamento, as tabelas da competição e o nome do Ouvidor da Competição sejam divulgados até 60 (sessenta) dias antes de seu início, na forma do § 1º do art. 5º. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 1º Nos dez dias subsequentes à divulgação de que trata o **caput**, qualquer interessado poderá manifestar-se sobre o regulamento diretamente ao Ouvidor da Competição.

§ 2º O Ouvidor da Competição elaborará, em setenta e duas horas, relatório contendo as principais propostas e sugestões encaminhadas.

§ 3º Após o exame do relatório, a entidade responsável pela organização da competição decidirá, em quarenta e oito horas, motivadamente, sobre a conveniência da aceitação das propostas e sugestões relatadas.

~~§ 4º O regulamento definitivo da competição será divulgado, na forma do parágrafo único do art. 5º, quarenta e cinco dias antes de seu início.~~

§ 4º O regulamento definitivo da competição será divulgado, na forma do § 1º do art. 5º, 45 (quarenta e cinco) dias antes de seu início. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 5º É vedado proceder alterações no regulamento da competição desde sua divulgação definitiva, salvo nas hipóteses de:

I - apresentação de novo calendário anual de eventos oficiais para o ano subsequente, desde que aprovado pelo Conselho Nacional do Esporte – CNE;

II - após dois anos de vigência do mesmo regulamento, observado o procedimento de que trata este artigo.

§ 6º A competição que vier a substituir outra, segundo o novo calendário anual de eventos oficiais apresentado para o ano subsequente, deverá ter âmbito territorial diverso da competição a ser substituída.

Art. 10. É direito do torcedor que a participação das entidades de prática desportiva em competições organizadas pelas entidades de que trata o art. 5º seja exclusivamente em virtude de critério técnico previamente definido.

~~§ 1º Para os fins do disposto neste artigo, considera-se critério técnico a habilitação de entidade de prática desportiva em razão de colocação obtida em competição anterior.~~

§ 1º Para os fins do disposto neste artigo, considera-se critério técnico a habilitação de entidade de prática desportiva em razão de: (Redação dada pela Lei nº 13.155, de 2015)

I - colocação obtida em competição anterior; e (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

II - cumprimento dos seguintes requisitos: (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

a) regularidade fiscal, atestada por meio de apresentação de Certidão Negativa de Débitos relativos a Créditos Tributários Federais e à Dívida Ativa da União - CND; (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

b) apresentação de certificado de regularidade do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS; e (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

c) comprovação de pagamento dos vencimentos acertados em contratos de trabalho e dos contratos de imagem dos atletas. (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

§ 2º Fica vedada a adoção de qualquer outro critério, especialmente o convite, observado o disposto no art. 89 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998.

~~§ 3º Em campeonatos ou torneios regulares com mais de uma divisão, será observado o princípio do acesso e do descenso.~~

§ 3º Em campeonatos ou torneios regulares com mais de uma divisão, serão observados o princípio do acesso e do descenso e as seguintes determinações, sem prejuízo da perda de pontos, na forma do regulamento: (Redação dada pela Lei nº 13.155, de 2015)

I - a entidade de prática desportiva que não cumprir todos os requisitos estabelecidos no inciso II do § 1º deste artigo participará da divisão imediatamente inferior à que se encontra classificada; (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

II - a vaga desocupada pela entidade de prática desportiva rebaixada nos termos do inciso I deste parágrafo será ocupada por entidade de prática desportiva participante da divisão que receberá a entidade rebaixada nos termos do inciso I deste parágrafo, obedecida a ordem de classificação do campeonato do ano anterior e desde que cumpridos os requisitos exigidos no inciso II do § 1º deste artigo. (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

§ 4º Serão desconsideradas as partidas disputadas pela entidade de prática desportiva que não tenham atendido ao critério técnico previamente definido, inclusive para efeito de pontuação na competição.

~~§ 5º Não configura ofensa ao disposto no caput a imposição de sanções decorrentes de irregularidades referente a responsabilidade financeira e gestão transparente e democrática previstas na Medida Provisória nº 671, de 19 de março de 2015. — (Incluído pela Medida Provisória nº 671, de 2015)~~

§ 5º A comprovação da regularidade fiscal de que trata a alínea a do inciso II do § 1º deste artigo poderá ser feita mediante a apresentação de Certidão Positiva com Efeitos de Negativa de Débitos relativos a Créditos Tributários Federais e à Dívida Ativa da União - CPEND. (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

§ 6º (VETADO). (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

§ 7º (VETADO). (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

§ 8º (VETADO). (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015)

Art. 11. É direito do torcedor que o árbitro e seus auxiliares entreguem, em até quatro horas contadas do término da partida, a súmula e os relatórios da partida ao representante da entidade responsável pela organização da competição.

§ 1º Em casos excepcionais, de grave tumulto ou necessidade de laudo médico, os relatórios da partida poderão ser complementados em até vinte e quatro horas após o seu término.

§ 2º A súmula e os relatórios da partida serão elaborados em três vias, de igual teor e forma, devidamente assinadas pelo árbitro, auxiliares e pelo representante da entidade responsável pela organização da competição.

§ 3º A primeira via será acondicionada em envelope lacrado e ficará na posse de representante da entidade responsável pela organização da competição, que a encaminhará ao setor competente da respectiva entidade até as treze horas do primeiro dia útil subsequente.

§ 4º O lacre de que trata o § 3º será assinado pelo árbitro e seus auxiliares.

§ 5º A segunda via ficará na posse do árbitro da partida, servindo-lhe como recibo.

§ 6º A terceira via ficará na posse do representante da entidade responsável pela organização da competição, que a encaminhará ao Ouvidor da Competição até as treze horas do primeiro dia útil subsequente, para imediata divulgação.

~~Art. 12. A entidade responsável pela organização da competição dará publicidade à súmula e aos relatórios da partida no sítio de que trata o parágrafo único do art. 5º até as quatorze horas do primeiro dia útil subsequente ao da realização da partida.~~

Art. 12. A entidade responsável pela organização da competição dará publicidade à súmula e aos relatórios da partida no sítio de que trata o § 1º do art. 5º até as 14 (quatorze) horas do 3º (terceiro) dia útil subsequente ao da realização da partida. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

CAPÍTULO IV

DA SEGURANÇA DO TORCEDOR PARTÍCIPE DO EVENTO ESPORTIVO

Art. 13. O torcedor tem direito a segurança nos locais onde são realizados os eventos esportivos antes, durante e após a realização das partidas. (Vigência)

Parágrafo único. Será assegurado acessibilidade ao torcedor portador de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 13-A. São condições de acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo, sem prejuízo de outras condições previstas em lei: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

I - estar na posse de ingresso válido; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

II - não portar objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

III - consentir com a revista pessoal de prevenção e segurança; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

IV - não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, inclusive de caráter racista ou xenófobo; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

V - não entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

VI - não arremessar objetos, de qualquer natureza, no interior do recinto esportivo; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

VII - não portar ou utilizar fogos de artifício ou quaisquer outros engenhos pirotécnicos ou produtores de efeitos análogos; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

VIII - não incitar e não praticar atos de violência no estádio, qualquer que seja a sua natureza; e (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

IX - não invadir e não incitar a invasão, de qualquer forma, da área restrita aos competidores. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

X - não utilizar bandeiras, inclusive com mastro de bambu ou similares, para outros fins que não o da manifestação festiva e amigável. (Incluído pela Lei nº 12.663, de 2012).

Parágrafo único. O não cumprimento das condições estabelecidas neste artigo implicará a impossibilidade de ingresso do torcedor ao recinto esportivo, ou, se for o caso, o seu afastamento imediato do recinto, sem prejuízo de outras sanções administrativas, civis ou penais eventualmente cabíveis. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 14. Sem prejuízo do disposto nos arts. 12 a 14 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, a responsabilidade pela segurança do torcedor em evento esportivo é da entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo e de seus dirigentes, que deverão:

I – solicitar ao Poder Público competente a presença de agentes públicos de segurança, devidamente identificados, responsáveis pela segurança dos torcedores dentro e fora dos estádios e demais locais de realização de eventos esportivos;

II - informar imediatamente após a decisão acerca da realização da partida, dentre outros, aos órgãos públicos de segurança, transporte e higiene, os dados necessários à segurança da partida, especialmente:

- a) o local;
- b) o horário de abertura do estádio;
- c) a capacidade de público do estádio; e
- d) a expectativa de público;

III - colocar à disposição do torcedor orientadores e serviço de atendimento para que aquele encaminhe suas reclamações no momento da partida, em local:

- a) amplamente divulgado e de fácil acesso; e
- b) situado no estádio.

§ 1º É dever da entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo solucionar imediatamente, sempre que possível, as reclamações dirigidas ao serviço de atendimento referido no inciso III, bem como reportá-las ao Ouvidor da Competição e, nos casos relacionados à violação de direitos e interesses de consumidores, aos órgãos de defesa e proteção do consumidor.

~~§ 2º Perderá o mando de campo por, no mínimo, dois meses, sem prejuízo das sanções cabíveis, a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo que não observar o disposto no caput deste artigo. (Revogado pela Lei nº 12.299, de 2010).~~

Art. 15. O detentor do mando de jogo será uma das entidades de prática desportiva envolvidas na partida, de acordo com os critérios definidos no regulamento da competição.

Art. 16. É dever da entidade responsável pela organização da competição:

I - confirmar, com até quarenta e oito horas de antecedência, o horário e o local da realização das partidas em que a definição das equipes dependa de resultado anterior;

II - contratar seguro de acidentes pessoais, tendo como beneficiário o torcedor portador de ingresso, válido a partir do momento em que ingressar no estádio;

III – disponibilizar um médico e dois enfermeiros-padrão para cada dez mil torcedores presentes à partida;

IV – disponibilizar uma ambulância para cada dez mil torcedores presentes à partida; e

V – comunicar previamente à autoridade de saúde a realização do evento.

Art. 17. É direito do torcedor a implementação de planos de ação referentes a segurança, transporte e contingências que possam ocorrer durante a realização de eventos esportivos.

~~§ 1º Os planos de ação de que trata o caput:~~

~~I – serão elaborados pela entidade responsável pela organização da competição, com a participação das entidades de prática desportiva que a disputarão; e~~

~~II – deverão ser apresentados previamente aos órgãos responsáveis pela segurança pública das localidades em que se realizarão as partidas da competição.~~

§ 1º Os planos de ação de que trata o caput serão elaborados pela entidade responsável pela organização da competição, com a participação das entidades de prática desportiva que a disputarão e dos órgãos responsáveis pela segurança pública, transporte e demais contingências que possam ocorrer, das localidades em que se realizarão as partidas da competição. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 2º Planos de ação especiais poderão ser apresentados em relação a eventos esportivos com excepcional expectativa de público.

§ 3º Os planos de ação serão divulgados no sítio dedicado à competição de que trata o parágrafo único do art. 5º no mesmo prazo de publicação do regulamento definitivo da competição.

~~Art. 18. Os estádios com capacidade superior a vinte mil pessoas deverão manter central técnica de informações, com infra-estrutura suficiente para viabilizar o monitoramento por imagem do público presente. — (Vigência)~~

Art. 18. Os estádios com capacidade superior a 10.000 (dez mil) pessoas deverão manter central técnica de informações, com infraestrutura suficiente para viabilizar o monitoramento por imagem do público presente. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 19. As entidades responsáveis pela organização da competição, bem como seus dirigentes respondem solidariamente com as entidades de que trata o art. 15 e seus dirigentes, independentemente da existência de culpa, pelos prejuízos causados a torcedor que decorram de falhas de segurança nos estádios ou da inobservância do disposto neste capítulo.

CAPÍTULO V

DOS INGRESSOS

Art. 20. É direito do torcedor partícipe que os ingressos para as partidas integrantes de competições profissionais sejam colocados à venda até setenta e duas horas antes do início da partida correspondente.

§ 1º O prazo referido no **caput** será de quarenta e oito horas nas partidas em que:

I - as equipes sejam definidas a partir de jogos eliminatórios; e

II - a realização não seja possível prever com antecedência de quatro dias.

§ 2º A venda deverá ser realizada por sistema que assegure a sua agilidade e amplo acesso à informação.

§ 3º É assegurado ao torcedor partícipe o fornecimento de comprovante de pagamento, logo após a aquisição dos ingressos.

§ 4º Não será exigida, em qualquer hipótese, a devolução do comprovante de que trata o § 3º.

§ 5º Nas partidas que compõem as competições de âmbito nacional ou regional de primeira e segunda divisão, a venda de ingressos será realizada em, pelo menos, cinco postos de venda localizados em distritos diferentes da cidade.

Art. 21. A entidade detentora do mando de jogo implementará, na organização da emissão e venda de ingressos, sistema de segurança contra falsificações, fraudes e outras práticas que contribuam para a evasão da receita decorrente do evento esportivo.

Art. 22. São direitos do torcedor partícipe: (Vigência)

I - que todos os ingressos emitidos sejam numerados; e

II - ocupar o local correspondente ao número constante do ingresso.

§ 1º O disposto no inciso II não se aplica aos locais já existentes para assistência em pé, nas competições que o permitirem, limitando-se, nesses locais, o número de pessoas, de acordo com critérios de saúde, segurança e bem-estar.

~~§ 2º missão de ingressos e o acesso ao estádio na primeira divisão da principal competição nacional e nas partidas finais das competições eliminatórias de âmbito nacional deverão ser realizados por meio de sistema eletrônico que viabilize a fiscalização e o controle da quantidade de público e do movimento financeiro da partida.~~

§ 2º A emissão de ingressos e o acesso ao estádio nas primeira e segunda divisões da principal competição nacional e nas partidas finais das competições eliminatórias de âmbito nacional deverão ser realizados por meio de sistema eletrônico que viabilize a fiscalização e o controle da quantidade de público e do movimento financeiro da partida. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

~~§ 3º O disposto no § 2º não se aplica aos eventos esportivos realizados em estádios com capacidade inferior a vinte mil pessoas.~~

§ 3º O disposto no § 2º não se aplica aos eventos esportivos realizados em estádios com capacidade inferior a 10.000 (dez mil) pessoas. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 23. A entidade responsável pela organização da competição apresentará ao Ministério Público dos Estados e do Distrito Federal, previamente à sua realização, os laudos técnicos expedidos pelos órgãos e autoridades competentes pela vistoria das condições de segurança dos estádios a serem utilizados na competição. (Regulamento)

§ 1º Os laudos atestarão a real capacidade de público dos estádios, bem como suas condições de segurança.

§ 2º Perderá o mando de jogo por, no mínimo, seis meses, sem prejuízo das demais sanções cabíveis, a entidade de prática desportiva detentora do mando do jogo em que:

I - tenha sido colocado à venda número de ingressos maior do que a capacidade de público do estádio; ou

II - tenham entrado pessoas em número maior do que a capacidade de público do estádio.

III - tenham sido disponibilizados portões de acesso ao estádio em número inferior ao recomendado pela autoridade pública. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 24. É direito do torcedor partícipe que conste no ingresso o preço pago por ele.

§ 1º Os valores estampados nos ingressos destinados a um mesmo setor do estádio não poderão ser diferentes entre si, nem daqueles divulgados antes da partida pela entidade detentora do mando de jogo.

§ 2º O disposto no § 1º não se aplica aos casos de venda antecipada de carnê para um conjunto de, no mínimo, três partidas de uma mesma equipe, bem como na venda de ingresso com redução de preço decorrente de previsão legal.

~~Art. 25. O controle e a fiscalização do acesso do público ao estádio com capacidade para mais de vinte mil pessoas deverá contar com meio de monitoramento por imagem das catracas, sem prejuízo do disposto no art. 18 desta Lei. (Vigência)~~

Art. 25. O controle e a fiscalização do acesso do público ao estádio com capacidade para mais de 10.000 (dez mil) pessoas deverão contar com meio de monitoramento por imagem das catracas, sem prejuízo do disposto no art. 18 desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

CAPÍTULO VI

DO TRANSPORTE

Art. 26. Em relação ao transporte de torcedores para eventos esportivos, fica assegurado ao torcedor partícipe:

I - o acesso a transporte seguro e organizado;

II - a ampla divulgação das providências tomadas em relação ao acesso ao local da partida, seja em transporte público ou privado; e

III - a organização das imediações do estádio em que será disputada a partida, bem como suas entradas e saídas, de modo a viabilizar, sempre que possível, o acesso seguro e rápido ao evento, na entrada, e aos meios de transporte, na saída.

Art. 27. A entidade responsável pela organização da competição e a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo solicitarão formalmente, direto ou mediante convênio, ao Poder Público competente:

I - serviços de estacionamento para uso por torcedores partícipes durante a realização de eventos esportivos, assegurando a estes acesso a serviço organizado de transporte para o estádio, ainda que oneroso; e

II - meio de transporte, ainda que oneroso, para condução de idosos, crianças e pessoas portadoras de deficiência física aos estádios, partindo de locais de fácil acesso, previamente determinados.

~~Parágrafo único. O cumprimento do disposto neste artigo fica dispensado na hipótese de evento esportivo realizado em estádio com capacidade inferior a vinte mil pessoas.~~

Parágrafo único. O cumprimento do disposto neste artigo fica dispensado na hipótese de evento esportivo realizado em estádio com capacidade inferior a 10.000 (dez mil) pessoas. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

CAPÍTULO VII

DA ALIMENTAÇÃO E DA HIGIENE

Art. 28. O torcedor partícipe tem direito à higiene e à qualidade das instalações físicas dos estádios e dos produtos alimentícios vendidos no local.

§ 1º O Poder Público, por meio de seus órgãos de vigilância sanitária, verificará o cumprimento do disposto neste artigo, na forma da legislação em vigor.

§ 2º É vedado impor preços excessivos ou aumentar sem justa causa os preços dos produtos alimentícios comercializados no local de realização do evento esportivo.

Art. 29. É direito do torcedor participar que os estádios possuam sanitários em número compatível com sua capacidade de público, em plenas condições de limpeza e funcionamento.

Parágrafo único. Os laudos de que trata o art. 23 deverão aferir o número de sanitários em condições de uso e emitir parecer sobre a sua compatibilidade com a capacidade de público do estádio.

CAPÍTULO VIII

DA RELAÇÃO COM A ARBITRAGEM ESPORTIVA

Art. 30. É direito do torcedor que a arbitragem das competições desportivas seja independente, imparcial, previamente remunerada e isenta de pressões.

Parágrafo único. A remuneração do árbitro e de seus auxiliares será de responsabilidade da entidade de administração do desporto ou da liga organizadora do evento esportivo.

Art. 31. A entidade detentora do mando do jogo e seus dirigentes deverão convocar os agentes públicos de segurança visando a garantia da integridade física do árbitro e de seus auxiliares.

Art. 31-A. É dever das entidades de administração do desporto contratar seguro de vida e acidentes pessoais, tendo como beneficiária a equipe de arbitragem, quando exclusivamente no exercício dessa atividade. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

~~Art. 32. É direito do torcedor que os árbitros de cada partida sejam escolhidos mediante sorteio, dentre aqueles previamente selecionados.~~

Art. 32. É direito do torcedor que os árbitros de cada partida sejam escolhidos mediante sorteio, dentre aqueles previamente selecionados, ou audiência pública transmitida ao vivo pela rede mundial de computadores, sob pena de nulidade. (Redação dada pela Lei nº 13.155, de 2015)

~~§ 1º O sorteio será realizado no mínimo quarenta e oito horas antes de cada rodada, em local e data previamente definidos.~~

§ 1º O sorteio ou audiência pública serão realizados no mínimo quarenta e oito horas antes de cada rodada, em local e data previamente definidos. (Redação dada pela Lei nº 13.155, de 2015)

§ 2º O sorteio será aberto ao público, garantida sua ampla divulgação.

CAPÍTULO IX

DA RELAÇÃO COM A ENTIDADE DE PRÁTICA DESPORTIVA

Art. 33. Sem prejuízo do disposto nesta Lei, cada entidade de prática desportiva fará publicar documento que contemple as diretrizes básicas de seu relacionamento com os torcedores, disciplinando, obrigatoriamente: (Vigência)

I - o acesso ao estádio e aos locais de venda dos ingressos;

II - mecanismos de transparência financeira da entidade, inclusive com disposições relativas à realização de auditorias independentes, observado o disposto no art. 46-A da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998; e

III - a comunicação entre o torcedor e a entidade de prática desportiva.

Parágrafo único. A comunicação entre o torcedor e a entidade de prática desportiva de que trata o inciso III do **caput** poderá, dentre outras medidas, ocorrer mediante:

- I - a instalação de uma ouvidoria estável;
- II - a constituição de um órgão consultivo formado por torcedores não-sócios; ou
- III - reconhecimento da figura do sócio-torcedor, com direitos mais restritos que os dos demais sócios.

CAPÍTULO X

DA RELAÇÃO COM A JUSTIÇA DESPORTIVA

Art. 34. É direito do torcedor que os órgãos da Justiça Desportiva, no exercício de suas funções, observem os princípios da impessoalidade, da moralidade, da celeridade, da publicidade e da independência.

Art. 35. As decisões proferidas pelos órgãos da Justiça Desportiva devem ser, em qualquer hipótese, motivadas e ter a mesma publicidade que as decisões dos tribunais federais.

§ 1º Não correm em segredo de justiça os processos em curso perante a Justiça Desportiva.

~~§ 2º As decisões de que trata o **caput** serão disponibilizadas no sítio de que trata o parágrafo único do art. 5º.~~

§ 2º As decisões de que trata o **caput** serão disponibilizadas no sítio de que trata o § 1º do art. 5º. (Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 36. São nulas as decisões proferidas que não observarem o disposto nos arts. 34 e 35.

CAPÍTULO XI

DAS PENALIDADES

Art. 37. Sem prejuízo das demais sanções cabíveis, a entidade de administração do desporto, a liga ou a entidade de prática desportiva que violar ou de qualquer forma concorrer para a violação do disposto nesta Lei, observado o devido processo legal, incidirá nas seguintes sanções:

I – destituição de seus dirigentes, na hipótese de violação das regras de que tratam os Capítulos II, IV e V desta Lei;

II - suspensão por seis meses dos seus dirigentes, por violação dos dispositivos desta Lei não referidos no inciso I;

III - impedimento de gozar de qualquer benefício fiscal em âmbito federal; e

IV - suspensão por seis meses dos repasses de recursos públicos federais da administração direta e indireta, sem prejuízo do disposto no art. 18 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998.

§ 1º Os dirigentes de que tratam os incisos I e II do **caput** deste artigo serão sempre:

I - o presidente da entidade, ou aquele que lhe faça as vezes; e

II - o dirigente que praticou a infração, ainda que por omissão.

~~§ 2º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão instituir, no âmbito de suas competências, multas em razão do descumprimento do disposto nesta Lei.~~

~~§ 2º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão instituir, no âmbito de suas competências, multas em razão do descumprimento do disposto nesta Lei, observado o valor mínimo de R\$ 100,00 (cem reais) e o valor máximo de R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais). — (Redação dada pela Medida Provisória nº 671, de 2015)~~

§ 2º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão instituir, no âmbito de suas competências, multas em razão do descumprimento do disposto nesta Lei, observado o valor mínimo de R\$ 100,00 (cem reais) e o valor máximo de R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais). (Redação dada pela Lei nº 13.155, de 2015)

§ 3º A instauração do processo apuratório acarretará adoção cautelar do afastamento compulsório dos dirigentes e demais pessoas que, de forma direta ou indiretamente, puderem interferir prejudicialmente na completa elucidação dos fatos, além da suspensão dos repasses de verbas públicas, até a decisão final.

Art. 38. (VETADO)

~~Art. 39. O torcedor que promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores ficará impedido de comparecer às proximidades, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, pelo prazo de três meses a um ano, de acordo com a gravidade da conduta, sem prejuízo das demais sanções cabíveis. (Revogado pela Lei nº 12.299, de 2010).~~

~~§ 1º Incorrerá nas mesmas penas o torcedor que promover tumulto, praticar ou incitar a violência num raio de cinco mil metros ao redor do local de realização do evento esportivo.~~

~~§ 2º A verificação do mau torcedor deverá ser feita pela sua conduta no evento esportivo ou por Boletins de Ocorrências Policiais lavrados.~~

~~§ 3º A apenação se dará por sentença dos juizados especiais criminais e deverá ser provocada pelo Ministério Público, pela polícia judiciária, por qualquer autoridade, pelo mando do evento esportivo ou por qualquer torcedor partícipe, mediante representação.~~

Art. 39-A. A torcida organizada que, em evento esportivo, promover tumulto; praticar ou incitar a violência; ou invadir local restrito aos competidores, árbitros, fiscais, dirigentes, organizadores ou jornalistas será impedida, assim como seus associados ou membros, de comparecer a eventos esportivos pelo prazo de até 3 (três) anos. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 39-B. A torcida organizada responde civilmente, de forma objetiva e solidária, pelos danos causados por qualquer dos seus associados ou membros no local do evento esportivo, em suas imediações ou no trajeto de ida e volta para o evento. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 40. A defesa dos interesses e direitos dos torcedores em juízo observará, no que couber, a mesma disciplina da defesa dos consumidores em juízo de que trata o Título III da Lei no 8.078, de 11 de setembro de 1990.

Art. 41. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios promoverão a defesa do torcedor, e, com a finalidade de fiscalizar o cumprimento do disposto nesta Lei, poderão:

I - constituir órgão especializado de defesa do torcedor; ou

II - atribuir a promoção e defesa do torcedor aos órgãos de defesa do consumidor.

Art. 41-A. Os juizados do torcedor, órgãos da Justiça Ordinária com competência cível e criminal, poderão ser criados pelos Estados e pelo Distrito Federal para o processo, o julgamento e a execução das causas decorrentes das atividades reguladas nesta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

DOS CRIMES

(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 41-B. Promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores em eventos esportivos: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Pena - reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 1º Incorrerá nas mesmas penas o torcedor que: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

I - promover tumulto, praticar ou incitar a violência num raio de 5.000 (cinco mil) metros ao redor do local de realização do evento esportivo, ou durante o trajeto de ida e volta do local da realização do evento; (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

II - portar, deter ou transportar, no interior do estádio, em suas imediações ou no seu trajeto, em dia de realização de evento esportivo, quaisquer instrumentos que possam servir para a prática de violência. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 2º Na sentença penal condenatória, o juiz deverá converter a pena de reclusão em pena impeditiva de comparecimento às proximidades do estádio, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, pelo prazo de 3 (três) meses a 3 (três) anos, de acordo com a gravidade da conduta, na hipótese de o agente ser primário, ter bons antecedentes e não ter sido punido anteriormente pela prática de condutas previstas neste artigo. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 3º A pena impeditiva de comparecimento às proximidades do estádio, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, converter-se-á em privativa de liberdade quando ocorrer o descumprimento injustificado da restrição imposta. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 4º Na conversão de pena prevista no § 2º, a sentença deverá determinar, ainda, a obrigatoriedade suplementar de o agente permanecer em estabelecimento indicado pelo juiz, no período compreendido entre as 2 (duas) horas antecedentes e as 2 (duas) horas posteriores à realização de partidas de entidade de prática desportiva ou de competição determinada. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

§ 5º Na hipótese de o representante do Ministério Público propor aplicação da pena restritiva de direito prevista no art. 76 da Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995, o juiz aplicará a sanção prevista no § 2º. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

~~Art. 41-C. Solicitar ou aceitar, para si ou para outrem, vantagem ou promessa de vantagem patrimonial ou não patrimonial para qualquer ato ou omissão destinado a alterar ou falsear o resultado de competição esportiva: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).~~

Art. 41-C. Solicitar ou aceitar, para si ou para outrem, vantagem ou promessa de vantagem patrimonial ou não patrimonial para qualquer ato ou omissão destinado a alterar ou falsear o resultado de competição esportiva ou evento a ela associado: (Redação dada pela Lei nº 13.155, de 2015)

Pena - reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos e multa. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

~~Art. 41-D. Dar ou prometer vantagem patrimonial ou não patrimonial com o fim de alterar ou falsear o resultado de uma competição desportiva: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).~~

Art. 41-D. Dar ou prometer vantagem patrimonial ou não patrimonial com o fim de alterar ou falsear o resultado de uma competição desportiva ou evento a ela associado: (Redação dada pela Lei nº 13.155, de 2015)

Pena - reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos e multa. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

~~Art. 41-E. Fraudar, por qualquer meio, ou contribuir para que se fraude, de qualquer forma, o resultado de competição esportiva: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).~~

Art. 41-E. Fraudar, por qualquer meio, ou contribuir para que se fraude, de qualquer forma, o resultado de competição esportiva ou evento a ela associado: (Redação dada pela Lei nº 13.155, de 2015)

Pena - reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos e multa. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 41-F. Vender ingressos de evento esportivo, por preço superior ao estampado no bilhete: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Pena - reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Art. 41-G. Fornecer, desviar ou facilitar a distribuição de ingressos para venda por preço superior ao estampado no bilhete: (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Pena - reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos e multa. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Parágrafo único. A pena será aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o agente for servidor público, dirigente ou funcionário de entidade de prática desportiva, entidade responsável pela organização da competição, empresa contratada para o processo de emissão, distribuição e venda de ingressos ou torcida organizada e se utilizar desta condição para os fins previstos neste artigo. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

CAPÍTULO XII

DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 42. O Conselho Nacional de Esportes – CNE promoverá, no prazo de seis meses, contado da publicação desta Lei, a adequação do Código de Justiça Desportiva ao disposto na Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, nesta Lei e em seus respectivos regulamentos.

Art. 43. Esta Lei aplica-se apenas ao desporto profissional.

Art. 44. O disposto no parágrafo único do art. 13, e nos arts. 18, 22, 25 e 33 entrará em vigor após seis meses da publicação desta Lei.

Art. 45. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 15 de maio de 2003; 182ª da Independência e 115ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Agnelo Santos Queiroz Filho

Álvaro Augusto Ribeiro Costa

Este texto não substitui o publicado no DOU de 16.5.2003